

0031342/2003



L0000031345

Tonel de Diógenes

Impresso na Gráfica Editôra Brasileira Ltda., à rua
Luís Gama, 185 — São Paulo, Brasil, em 1962.

OKMA
869.93
C198t

Humberto de Campos
(Da Academia Brasileira de Letras)
SÉRIE CONSELHEIRO X. X.

Tonel de Diógenes

LIVRO DO MÊS S. A.

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

Esta edição das Obras Completas de Humberto de Campos, Série Conselheiro X. X., foi impressa, segundo os desejos dos herdeiros do autor, na ortografia do acôrdo do ano de 1931 entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa, do qual o autor foi um dos signatários e cujo vocabulário foi publicado em 1933.

Lætus in præsens animus, quod ultra est,
Oderit curare et amara lento
Temperet risu.

Horat. lib. II, carm. XIII

“ Quelques critiques, renversant la tradition commune, avaient prétendu que se tonneau étais d'argile; mais M. M. Visconti et Boissonade ont définitivement établi que c'était bien un vrai tonneau de bois, un tonneau roulant. — Satire vivante des hommes et de la société, roulant a travers les places publiques cette étrange cellule, qui était en même temps sa tribune, il accablait de ses raileries intarissables, il transperçait de ses sarcasmes aigus les vicieux, les débauchés, les efféminés, les tribuns esclaves de la foule, la foule esclave de ses passions et de ses préjugés, les magistrats infidèles, les prêtres menteurs et hypocrites, les généraux gorgés de rapine, les sophistes aux déclamations rétentissantes, les orateurs vendus aux Macédoniens, toutes les corruptions, tous le mensonges et toutes les lachetés. PIERRE LAROUSSE, *Grand Dictionnaire Universel*, art. DIOGENES DE SINOPE: vol. IV, 875, col. 3, 1-23.

A
AFONSO MAC-DOWELL
E
BELMIRO VALVERDE

I

A PENITÊNCIA

A pequena vila sertaneja comemorava naquela quinta-feira santa os primeiros episódios do martírio de Cristo quando a “troupe” de pelotiqueiros acampou sob uma árvore, nas proximidades do casario. O seu fim era dar espetáculos, ganhar dinheiro e divertir a população; como, porém, realizar êsse programa de aventureiros, se todo o povo se achava, naqueles dias, entregue à meditação e ao jejum?

Na impossibilidade de entrar triunfalmente na vila, com os seus macacos, a sua girafa, o seu urso e os seus artistas de toda ordem, o diretor licenciou o pessoal, permitindo-lhe o conhecimento antecipado do lugarejo, para passar o tempo e despertar a curiosidade do público. E entre os licenciados estava o Pepe, um aplaudido equilibrista de doze anos, que era, sem dúvida, um dos melhores elementos da companhia.

Uma vez na vila, naquela doce manhã inteiramente votada às cousas religiosas, começou o pequeno palhaço a vagar pelas

ruas, até que foi ter, sòzinho, à igreja da localidade, embarafustando pela sacristia. Ao ver, alí, aquele estranho, o padre, que conhecia todos os paroquianos, indagou interessado:

— Quem é você, meu filho?

— Eu? — acudiu o pequeno. — Eu sou de uma companhia de cavalinhos, que chegou hoje na vila.

— E que papel você tem na companhia? — insistiu o vigário, curioso.

— Eu sou equilibrista.

— Equilibrista? — tornou o padre-mestre. — Que vem a ser equilibrista?

— O senhor padre não sabe? — estranhou o menino. — Equilibrista é um sujeito que anda na corda, desloca o corpo, marcha de pernas para cima e cabeça para baixo...

— De pernas para cima e cabeça para baixo? — interrompeu o padre. — Isto é lá possível?

Diante dessa ingenuidade, o artista não teve dúvida.

— Quer ver? — exclamou.

E, alí mesmo, na sacristia, começou a andar com as mãos no solo e as pernas para cima, percorrendo o compartimento, assim, em todas as direções. Ao passar, porém, defronte da porta que dava para a nave da

igreja, foi observado de lá pela piedosa D. Margarida, que se voltou, de pronto, escandalizada, para sua vizinha de banco, Dona Bernardina, convidando:

— Vamos embora, D. Dina?

— Por que, D. Margarida?

— Por que? A senhora não está vendo, então, daí, a penitência que o senhor padre está dando hoje? Depois, minha filha, eu não estou preparada...

— Preparada? — fez a outra.

E D. Margarida, confidencial, no ouvido da amiga:

— Estou sem calças!

E saíram, as duas, de olhos baixos, desfiando nos dedos, em silêncio, as contas do seu rosário...

II

AGULHAS E ALFINETES

A agulha e o alfinete, que já mereceram de Machado de Assis uma das suas páginas mais pitorescas, encontraram-se, um dia, sôbre o setim azul de uma pequena almofada de toucador, e entreolharam-se, desconfiadas. Após um instante de observação recíproca, puseram-se a trocar impressões cerimoniais e rápidas, até que a primeira se queixou, melancólica:

— Estou fatigada como o senhor não imagina. Passei o dia inteiro a arrastar um retroz cinzento através de um vestido de sêda, e de tal modo, que não posso, sequer, me mover. À tardinha, era tal a minha irritação, que até espetei, com raiva, o dedo da costureira.

— Coitadinha!

— De quem? De mim?

— Não; da costureira...

— Ah!...

Dominado por um instante o seu despeito, a agulha tornou:

— O senhor é que é feliz...

— Eu?

— Sim: o senhor não tem obrigações, não anda, não se mexe. Leva uma vida de capitalista, sem riscos, sem cuidados, sem dificuldades... E eu só queria saber por que é que existem, no mundo, agulhas e alfinetes!

— Agulhas e alfinetes?

— Sim, criaturas que trabalham e criaturas que, como o senhor, não fazem nada...

O alfinete sentiu-se picado, e tomou a ofensiva.

— A senhora não sabe, então, que é uma simples agulha?

— Sei.

— E não sabe que, sendo agulha, é mulher?

— Sei.

— E não sabe por que é mulher?

— Não.

O alfinete sorriu, perverso, e explicou:

— É porque não tem cabeça!

A agulha afundou-se na almofadinha, “enfiada”...

III

SEXO FRÁGIL

À mesa do chá, no magnífico palacete do contra-almirante Hartmann, em Copacabana, discutia-se feminismo, citando as vitórias da Mulher em todos os ramos da atividade e do conhecimento humanos, quando Mme. Castro Sobreira observou, mordendo, com os seus lindos dentes miúdos, uma torradinha dourada:

— E ainda nos chamam o “sexo frágil”...

Os comentários cruzavam-se, tumultuosos, voando como abelhas de ouro sôbre as flôres da mesa, quando Mme. Souza Morais interpelou o desembargador Menezes, curvando-se, como uma grande rosa dourada, sôbre a taça fumegante:

— É verdade, desembargador; por que é que denominam as mulheres “sexo frágil”?

O ilustre magistrado aproximou da linda senhora, que ficava do lado oposto da mesa, o seu fino busto elegante, e, riscando

com uma colherinha de prata o linho impe-
cável da toalha, começou a contar:

— No princípio do mundo, como Vos-
sa Excelência sabe, não havia no Paraíso
nem homens, nem mulheres. Entusiasma-
do, porém, com a sua obra, isto é, com as
águas, com a terra, com as plantas, com os
animais que tirara do nada, achou Jeová que
tudo aquilo devia ter um dono, um sobera-
no incontrastável, que o substituísse no go-
vêrno do Éden e no mando supremo das
 cousas. Pensou, então, no Homem e na
Mulher, e, tomando um punhado de barro
grosseiro, começou a amassá-lo com as mãos
 poderosas. Modelado o Homem, ergueu-o
 nas mãos, e pô-lo ao sol, para secar.

— E a Mulher? — interrompeu, in-
quieta e risonha, Mme. Cândido Prado.

— Espere, minha senhora.

E continuou:

— Terminado êsse trabalho áspero, to-
mou Jeová outro punhado de barro mais
fino, e começou a dar-lhe forma, arredon-
dando-lhe as curvas, suavizando-lhe as are-
tas, imprimindo-lhe, enfim, uma graça no-
va. Acabada a obra, colocou-a ao sol, como
a primeira. Aconteceu, porém, que o barro
em que modelara a Mulher era mais dútil,
mais brando, mais delicado do que o do Ho-
mem. E como o calor do sol fosse violento

demais para cerâmica tão melindrosa, o barro, ao secar, estalou, partindo-se!

— Rachou? — indagou, curiosa, Mme. Castro Sobreira.

— Rachou! — confirmou o magistrado.

Cada senhora curvou-se, meditativa, sôbre sua chávena, tomando, em silêncio, o seu gole de chá...

IV

MAUSOLO

Quando Mausolo, filho de Hecatonos, rei da Cária, se desprende da vida, no ano 353 antes de Cristo, a rainha Artemísia, sua espôsa, mandou depositá-lo em uma espêssa urna de chumbo, que foi enterrada com grande pompa, em um buraco de nove palmos de profundidade, nas vizinhanças de Halicarnasso. Ao fim de dois dias, estando, já, senhora do trono e senhora, sobretudo, da sua liberdade, foi a rainha procurada por um grupo de pastores alarmados, que a ia avisar:

— Acautelai-vos, senhora, por quem sois! Ontem, à noite, andávamos nós na campina arrebanhando as ovelhas retardadas, quando vimos o rei, vosso marido, que saía do túmulo, com as grandes barbas empastadas de terra. Êle buscava, como uma sombra, os muros da cidade, e só se recolhêu à sepultura quando percebeu, na quietude do campo, a nossa aproximação!

Nesse mesmo dia, a rainha chamou o seu conselheiro Mitilo, e ordenou:

— Quero, como um preito de saudade, levantar um monumento à memória do meu marido e senhor! Ordenai a todos os habitantes da cidade que corram, hoje mesmo, a acumular pedras, as maiores que encontrarem, sôbre o túmulo do rei.

E cincoenta mil pessoas precipitaram-se, chorando, para a encosta da montanha, trazendo blocos de todo o tamanho e de todo o pêso, para a campa do monarca.

No dia seguinte, voltaram os pastores:

— Senhora, tende cautela convosco! O monarca, nosso senhor e vosso espôso, saiu, ainda ontem, de sob as pedras, ameaçando tornar à cidade!

A rainha ordenou a Mitilo:

— Dize ao povo que eu continuo inconsolável pela morte de meu marido. É preciso que, sôbre as pedras do seu túmulo, se acumulem grandes blocos de mármore, ligados às pedras com argamassa!

E os artistas de todo o reino trabalharam todo o dia, até a tarde, levantando andares e mais andares, colunas e mais colunas de mármore, sôbre o alicerce de pedra, no túmulo de Mausolo.

Os pastores, então, tornaram:

— Tranquilizai-vos, enfim, senhora! O rei, vosso marido e senhor nosso, não pôde romper o mármore e dormirá, agora, para sempre, no fundo soturno da terra! Gover-

nai o vosso povo e gozai, feliz, a glória da
vossa vida!

Vem daí o costume, que têm as viúvas
moças e ricas, de erigir mausoléus, isto é,
pesados monumentos de mármore, sôbre o
túmulo dos maridos.

BEBIDAS FORTES

Não obstante a minha qualidade de abstêmio, de homem que não toma, sequer, sob qualquer pretêsto, o mais inocente dos líquidos espirituosos, eu não sou dos que condenam em absoluto o vinho, a *champagne*, a cerveja, o whisky, os licores ou, mesmo, as famosas bebidas nacionais. É essa atitude, que é a forma exterior da minha convicção, deu-ma, há tempos, o engenheiro inglês William Booth, antigo superintendente da Leopoldina Railway, no ramal do Espírito-Santo.

William Booth estava de férias em Petrópolis, no verão de 1918, quando me convidou para almoçar na sua chácara provi-sória, um pouco antes da Cascatinha. Ace-dendo ao convite, fomos, eu, o desembarga-dor Aaulfo e o Dr. Santos Lobo, e almoça-mos admiravelmente, guiando-nos por um cardápio organizado por Miss Elisabete, fi-lha única, formosa e órfã de mãe, do ilus-tre engenheiro da Leopoldina.

Após o almôço, que foi copiosíssimo, aguardava-nos uma surpresa. Reunidos no

terraço da chácara que dá para o vale do Piabanha, esperávamos nós o café, quando apareceu um criado inglês com uma garrafa e uma bateria de copos.

— Whisky depois do almôço? — exclamei, espantado.

— Não faz mal, senhórr Costa; não faz mal, observou o engenheiro; — whisky é bebida fraca.

— Fraca? — trovejei, scandalizado.

— Sim, senhórr, — insistiu o inglês — Whisky não é bebida forte. Bebida forte é água, senhórr.

E, como eu arregalasse os olhos, insisti:

— Bebida forte é água, que puxa moinho. Whisky não puxa moinho...

Em baixo, no vale, o Piabanha, encachoirado, arrancava as pedras da ribanceira, confirmando, com a fôrça irreprimível da correnteza, a palavra do inglês...

VI

A CANELA DE BOI

Foi um dia de angústia para D. Alaíde aquele em que o marido amanheceu imóvel em cima da cama, tomado por uma paralisia geral. Chamados os médicos, estes apelaram, solícitos, para todos os recursos da ciência, conseguindo, felizmente, localizar os efeitos da moléstia, reduzindo-lhe a imobilidade à parte inferior da perna direita.

O Dr. Minervino é que não podia, no entanto, resignar-se com tamanha desgraça. Não existiria, porventura, um remédio para aquela infelicidade? Teria êle, tão moço, de passar o resto da vida a arrastar, como um trambolho, aquela perna mole, bamba, inútil? Os seus nervos não retomariam mais, naquele ponto, a antiga fôrça, a antiga energia, a antiga mobilidade?

Esperançado de um milagre, o desventurado enfêrmo empunhou, um dia, o bengalão em que se amparava, enterrou a cabeça no chapéu e, chamando um taxi que passava, dirigiu-se para o consultório do Dr. Eduardo Ferreira, onde contou, claramente, o seu caso.

— Isso não é nada, doutor; isso não é nada, — assegurou-lhe o velho facultativo. — Eu vou receitar-lhe uma fórmula, que há de curá-lo dentro de uma semana.

Em seguida, garatujou um récipe, e explicou, entregando-lhe:

— Isto é um pó, que você deve pôr na comida. Cada dose serve para uma vez. Creio, porém, que não terá necessidade de repetir a receita. Com uma caixa você fica inteiramente curado: os nervos se revigorarão, e a perna, que traz arrastada, se enrijará por si mesma.

Chegando em casa, o Dr. Minervino, a quem a paralisia turbara um pouco o entendimento, em vez de esperar a refeição para deitar a dose no seu prato, chamou a espôsa, e ordenou:

— Olha, Alaíde: êste remédio é para deitar na comida. Que é que nós vamos almoçar hoje?

— Feijão com canela de boi, Minervino.

— Pois bem; quando o feijão estiver fervendo, derrama dentro o conteúdo desta caixinha.

Senhora obediente, D. Alaíde cumpriu a determinação do marido. Cinco minutos depois, porém, soltou um grito de pavor, agarrada ao fogão. Segurando-se às pare-

des, o Dr. Minervino atirou-se, aflito, para a cozinha, e ficou aterrado.

Era a canela de boi do feijão, que empurrava, com fôrça, a tampa da panela, procurando sair!

VII

VIDA DE CACHORRO

Afirmava o padre Manuel Bernardes nos seus conselhos eruditos da “Nova Floresta”, que a vida do casal mais feliz é perturbada, sempre, por uma desinteligência. Se um indivíduo só, se aborrece, às vezes, consigo mesmo, — dizia êle, — como admitir que duas criaturas, duas almas diferentes, estejam eternamente de acôrdo? Para minorar êsse inconveniente irremediável, recomenda êle, então, a resignação, a paciência, a tolerância, a renúncia ao amor próprio nos esposos que desejarem uma relativa felicidade.

Da imprescindibilidade dessas concessões recíprocas, é prova, na sociedade carioca, o aborrecimento de que dá mostras, no círculo dos amigos mais íntimos, o Dr. Agostinho Marques Fernandes, antigo engenheiro da Central. O conhecido profissional é moço, é bonito e é, coroando todas essas vantagens, casado com uma senhora formosa e virtuosíssima. E, no entanto, a sua queixa é permanente, dolorosa, implacável.

— Levo uma vida de cachorro! — diz êle.

Há dias, ouvindo-lhe êsse lamento que se tornara estribilho, um amigo indagou:

— Tu apanhas, então, de tua mulher?

O Dr. Agostinho não afirmou nem contestou; e como a pessoa que o ouviu, fosse, dessa vez, um velho amigo da família, íntimo da virtuosa senhora, o confidente foi a ela, e contou-lhe aborrecido:

— Sabes, Zizinha, o Fernandes anda espalhando por aí que leva em casa uma vida de cachorro. É certo isso?

— É — informou a moça.

E para confirmar, suspendeu, sorrindo, a manga do vestido de linho, mostrando-lhe a parte superior do lindo braço carnudo.

— Olha! — mostrou.

O outro olhou.

D. Zizinha estava toda mordida!...

VIII

O HOMEM E A SOMBRA

Cabeça baixa, humilhado e arrependido, passara o Primeiro Homem a porta de ouro do Paraíso Terrestre, quando, ao olhar para trás, notou que alguém, que tinha a sua forma, lhe acompanhava os passos, estirado na areia. Amedrontado com aquela companhia triste, indagou, voltando-se para a visão silenciosa:

— Companheiro que me segues e te confundes comigo, quem és tu? Por que me acompanhas neste destêrro de que só eu tenho a culpa, quando te estão reservadas, lá dentro, todas as delícias da terra?

A visão, intimada, parou com êle, e quedou-se, como dantes, muda e soturna, estirada no areal.

— Sócio do meu infortúnio — tornou Adão — quererás tu, porventura, acompanhar-me eternamente? Se é para consolar-me que assim me segues, por que é, então, que te conservas em silêncio, marchando sobre os meus passos?

A visão continuou, porém, silenciosa. Apavorado com a sua nudez, Adão deitou a correr; ao volver os olhos, notou, entretanto, que o intruso continuava ao seu lado, imóvel, deitado no solo.

— Amaldiçoado sejas tu, — gritou o desgraçado, — amaldiçoado sejas tu, que assim me persegues, e não dizes quem és!

Próximo, no solo, estava uma grande pedra, repolida pelas areias. Adão tomou-a nas mãos, e atirou-a, num ímpeto, contra a visão. O penedo ressoou na terra com um barulho surdo, sem atingir a sombra do fugitivo, que continuou a imitar-lhe, fiel, todos os movimentos.

Ao anoitecer, fatigado da carreira, atirou-se Adão no areal, e dormiu, sonhando com o Paraíso. Alta noite, acordou e, pondo-se de pé, viu, com alegria, que estava sozinho. A visão havia desaparecido durante o seu sono, e êle adormeceu de novo.

De manhã, com o sol no céu, despertou novamente, e recuou, horrorizado: a visão, que era a sua sombra, alí estava novamente, acompanhando-lhe a marcha, repetindo-lhe os passos, imitando-lhe a gesticulação.

— Quem és tu? — insistiu o infeliz; — quem és tu, que só me abandonas à noite, quando eu repouso na terra? Dize! Dize!

— Quem sou eu? — falou-lhe, enfim, a sombra. — Eu sou o Sofrimento! Irmano-me com a sombra do teu corpo, durante o dia, porque só o Sono, filho da Noite, apaga as angústias do coração.

E impelindo-o para diante:

— Vamos; marcha para a frente. Eu serei, na terra, a alma da tua sombra!

E sumiram-se, a Sombra e o Homem, um atrás do outro, na inensidão do Deserto.

I X

ESTÚPIDO

Emergindo de um oceano de sêda branca, espumante de rendas, a lindíssima Henriette Regnault espreguiçava-se, felina, de olhos semi-cerrados, despertada, de súbito, pela claridade do dia alto. Retorcendo o corpo esguio e jovem, cuja pele de rosa se coava, como a luz de uma lâmpada, pelo suave obstáculo da camiseta de sêda creme, a sua figura assumia, a cada movimento, uma atitude estonteante. Os braços nus e roliços, estirados acima da cabeça em gestos de doce abandono, eram como os longos pescoços de dois cisnes de neve, que amorosamente se beijassem na onda. Suspendendo a névoa da camiseta, os seios esticavam-se, pequenos e túrgidos, oferecendo ao sol, num holocausto de sangue, os dois botões de rubí que a mocidade apaixonadamente lhes dera. A cabeleira fulva, tocada de ouro e luz, espalhava-se-lhe, alvoroçada, pelo travesseiro fôfo e rendado, quando a hetaira, entreabrindo os olhos de onça bravia, chamou, num derradeiro movimento felino:

— Jeannette!

A criada apareceu de touca e avental de linho, abrindo, sem rumor, a porta que dava para o gabinete contíguo.

— Veste-me! — ordenou.

Jeannette penetrou na alcova, trazendo ao braço um leve quimono amarelo, semeado de cegonhas azues e dragões vermelhos, e, ajoelhando-se no tapete carmesim, começou a puxar pelas fitas a camiseta da senhora que, atirando os cabelos para trás, se sentara no leito baixo. Ao descobrir-lhe, porém, o colo maravilhoso, estacou, espantada, indicando uma ligeira escoriação no vale de neve e rosa.

— Que foi isto, minha senhora? Foi alfinete?

Henriette curvou a cabeça encantadora e, levando o dedo à boquinha vermelha, recordou-se.

— Ah!... Os óculos...

E, pondo-se repentinamente de pé, indignada:

— Estúpido!...

INFANTICÍDIO

Quando o Lulinha, de seis anos de idade, partiu com os pais para a fazenda de Cabo Frio, chamou a Luizita, sua vizinha, em particular, e pediu-lhe, espetando no ar o dedinho rosado:

— Zitoca, você me faz um favor?

— Que é? — indagou a pequenita, espantada.

— Eu não quero que você brinque com o Lauro enquanto eu estiver na fazenda. Você faz isso?

— Por Deus do céu! — jurou a pequenita, cruzando dois dedinhos miúdos e levando-os à bôca num juramento sagrado.

Vizinho também da pequenota, o Lauro, um lindo vadiozinho de sete anos, achou que era o momento de frequentar mais assiduamente a casa do Dr. Guedes, pai da encantadora criaturinha, sem o risco de entrar em conflito com o Lula, sempre ciumento das suas petecas, dos seus papagaios de papel, e até da amizade da Luizita, cuja companhia monopolizava. E como a peque-

nita completasse naquele dia o seu sexto aniversário, pediu ao pai que lhe comprasse uma boneca bem loura, e bem bonita, para ir, à noite, levar-lhe de presente.

Ao fim de um mês, recebeu a família Guedes um telegrama, e comunicou o fato à pequenita:

— Zitoca, sabes quem vem aí? — perguntou D. Heloísa.

— Quem é, mamãe? — acudiu a pequena.

— O Lula. D. Abigail chega no fim do mês.

Aquela notícia foi como um punhal no coração da menina. A boneca que o Lauro lhe oferecera no dia dos seus anos era para ela como uma filha. Que fazer, pois, daquele pedaço de sua alma, para que o Lula não soubesse que o Lauro, na sua ausência, lhe dera uma boneca?

Faltava um dia para o regresso de D. Abigail com o filho, quando Zitoca tomou uma deliberação horrível. Com a face em lágrimas, o coração aos pedaços, foi à cozinha, tomou uma faca de mesa e, fechando os olhos, passou-a três vezes no ventre de pano da boneca. Em seguida, sem descerrar as pálpebras, segurou a vítima pelas pernas, puxando uma para cada lado. E, ainda de rosto voltado, para não ver o cri-

me que havia cometido, atirou tudo para a lata do lixo, e saiu correndo para a sala de jantar com as mãos nos olhos, gritando com desespero:

— Minha mãe, minha mãezinha! Matei minha filha! Matei minha filha!

E abraçou-se aos joelhos de D. Heloísa, sufocada pelos soluços.

XI

O SUCEDÂNEO

Dia a dia chegam do interior do país notícias alviçareiras, e merecidamente proclamadas, da descoberta de águas miraculosas. As de Caxambú, de Cambuquira, das Caldas, de São Lourenço, estão sendo substituídas pelas fontes encantadas de Mato Grosso, de Goiaz e do Rio Grande, onde há mananciais prestigiosos, que restituem a vista aos cegos, a palavra aos mudos, a audição aos surdos e o movimento aos paralíticos, em uma série ininterrupta de milagres assombrosos.

O Rio de Janeiro não tem sido catalogado entre as regiões privilegiadas, quando possui, entretanto, as suas águas medicinais. E aí está, como prova, as da piscina do Fluminense Futebol Clube, em que tomam banho, diàriamente, rejuvenescendo-se e fortalecendo-se, centenas de moças e rapazes, que são hoje, pela beleza, pela graça, pela fôrça, um legítimo orgulho da geração.

Há muito tempo eu ouvia dizer pelos meus consócios do clube que as águas da

piscina robusteciam o organismo, dando-lhe energia e mocidade. A princípio, confesso, duvidei. Hoje, porém, não me resta mais dúvida, graças aos testemunhos do meu eminente amigo, Sr. Dr. Arnaldo Guinle, presidente do grêmio, que me contou, em pessoa, o seu segrêdo.

— Antigamente — explicou-me o conhecido capitalista, — eu era, como o sr. Conselheiro talvez se recorde, franzino, magro, doente...

— Lembro-me — confirmei.

— Durante alguns anos, a conselho médico, viví a tomar óleo de fígado de bacalháu, que me diziam excelente, como tônico. Os efeitos foram positivos, e eu comecei a engordar, embora com lentidão. Com a conflagração européia, porém, o óleo de fígado de bacalhau escasseou nas farmácias, obrigando-me a mudar de regime e dando ensejo a uma queda do meu organismo. Desiludido de um pronto restabelecimento, fui, um dia, depois de todos os banhistas de ambos os sexos, tomar um banho na piscina do clube. Mergulhei, e, sem querer, bebí um gole d'água. Pois bem: no dia seguinte, estava incomparavelmente melhor, como no tempo em que tomava óleo de fígado! Continuei, então, a tomar a água da nossa pis-

cina, e, hoje, como vê, estou forte, gordo, corado, como nunca estive na vida!

— E que dose toma, doutor? — indaguei, interessado.

— Uma colher no almoço, outra no jantar.

XII

A INCONVENIÊNCIA DOS BANHOS

Uma das frequentadoras mais lindas e gentís do Fluminense Futebol Clube, é, sem dúvida, Mlle. Ernestina Correia, filha única, e encantadora, do comendador Alves Correia, antigo vice-cônsul de Portugal em São Paulo. Tendo enriquecido rapidamente e liquidado, ainda mais rapidamente, os negócios, veio o comendador, com a filha e a espôsa, para o Rio de Janeiro, onde adquiriu um suntuoso palacete à rua Paissandú, e onde a filha entrou, pela mão do seu honrado pai, para a mais aristocrática das nossas associações elegantes.

Após a leitura, ontem, da minha crônica sobre os banhos na piscina do próspero clube da rua Guanabara, correu o comendador à minha residência, para dar-me os parabéns.

— Fez muito bem! exclamou o rotundo capitalista, de chapéu no cocuruto e charuto na bôca, a andar de um lado para outro no terraço da minha casa. — Fez muito

bem! Uma p'ssôa não pode viver, como pato, a tomar banho todos os meses, todas as semanas, todos os dias. O homem foi feito de barro, e o barro amolece na água.

Eu achei curiosa a teoria, e indaguei, tomando-o pelo braço:

— Que é que o senhor diz?

— Eu estou dizendo — tornou o comendador — que o homem, como lá dizem as Escrituras, foi feito de barro; e assim sendo, não pode viver dentro d'água, sem estragar-se. Compreendeu?

— E quem lhe disse, e já viu, que o homem é feito de barro?

O capitalista soltou uma gargalhada re-tumbante, sonora, zombeteira, e insistiu:

— Eu. Eu que li; e eu que vi!

E batendo-me no ombro:

— Olhe, uma vez, eu duvidava do que diziam as Escrituras, e fui tomar um banho. Quando saí da banheira, a água estava escura, como se lhe tivessem posto barro dentro. Fiquei desconfiado e, no dia seguinte, tomei outro banho. E a água barrenta, outra vez!

E, segurando-me pelos ombros, com os olhos nos meus:

— Que quer, então, dizer isso, sr. Conselheiro? Se o homem não é feito de bar-

ro, por que é que a água fica barrenta quando eu tomo banho?

Eu concordei, atrapalhado, e o comendador ordenou à filha, imediatamente, que não voltasse mais à piscina do Fluminense.

A pequena podia, realmente, amolecer...

XIII

A CRUZ DE BRILHANTES

As casas comerciais da Avenida começavam a arriar as grandes portas de ferro, abalando a noite com um soturno barulho de tempestade, quando a costureirinha chegou, concertando o cabelo rebelde sob a palha do chapéu escuro, à esquina da rua do Ouvidor. Transeúntes retardatários, vindos das bandas do cais Mauá ou das ruas próximas, dirigiam-se, apressados, a tomar os bondes do Jardim Botânico. A mocinha meteu-se, ligeira, naquela corrente humana, lambida por uma centena de olhares insolentes, tomando a mesma direção.

Antes de chegar ao canto da rua da Assembléia parou, olhando com curiosidade a grande vitrina de uma joalheria de luxo, onde as jóias faiscavam como estrêlas. Eram braceletes, colares, brincos, alfinetes fervilhantes de brilho, em que se misturavam, num deslumbramento imprevisto dos olhos, os rubís, os diamantes, as pérolas, as safiras, o que há de precioso, enfim, no fundo da terra e no fundo do mar. No meio de tudo aquilo, porém, o que a encantava, do-

minando-lhe súbitamente os sentidos, era uma cruz de ouro, polvilhada de brilhantes custosos.

A mocinha olhava deslumbrada, aquella jóia de fogo, quando estacou diante da vitrina, vestido de branco, um homem de meia idade, cujo rosto escanhado e vermelho contrastava com o azul dos olhos e a neve dos cabelos. Disfarçando o seu intuito, o recém-chegado olhou a cruz, exclamando:

— Lindíssima!

E após um momento de silêncio:

— Não acha?

A mocinha olhou-o, e, sem maldade, confirmou, na sua inocência:

— Muito bonita!

Passado um instante, o cavalheiro insistiu:

— Queria possuir aquella jóia?

A moça não respondeu. Com o seu passinho miúdo, ligeiro, quasi aéreo, continuou o seu caminho, dirigindo-se para a esquina. De repente, parou, olhou para trás, e voltou a olhar a jóia.

— É mesmo lindíssima; não acha? — tornou o indivíduo, que lhe acompanhara, de longe, os movimentos.

.....
Era, efetivamente, lindíssima, a cruz de brilhantes. Eu a vi ontem, na Polícia, documentando o inquérito.

XIV

A FONTE DE HENLEY

A meia altura da colina que protege a cidade de Henley-on-Thames, na Inglaterra, existe uma fonte que representa, pode-se dizer, o próprio coração do país. Límpido, fresco, borbulhante, êsse ôlho d'água tem uma particularidade: jorra, transformado em correnteza, unicamente quando o povo inglês está em guerra. Nos tempos de paz, a pedra retém as suas lágrimas espumantes, manifestando com o silêncio a extensão da sua felicidade. Por ocasião da guerra da Criméia a fonte de Henley chorou enquanto choravam, no país, os olhos das outras mães. O mesmo fenômeno foi observado durante a revolta dos Cipaios, e, mais acentuadamente, durante a guerra do Transvaal, quando a pedra sangrou, dia e noite, durante quatro anos consecutivos.

Ao reventar, em 1914, a luta contra a Alemanha, a nascente misteriosa desabotoou em torrente, correndo, rolando, escaçoando. De longe, de todo o condado de Stafford, convergia gente para ver aquele

fio d'água sonora, a precipitar-se pelas encostas, a espalhar-se pelos vales, como se tivessem cortado, de repente, uma das artérias borbulhantes da terra.

Um dia, a notícia do milagre chegou a Londres e Lloyd George, que então já se achava na direção do governo, correu a Henley, para ver o prodígio. Chegara, porém, tarde: a fonte havia estancado súbitamente, no mais aceso da guerra, voltando a pedra da colina à esterilidade dos tempos de paz... Indignado com a inutilidade da sua viagem, e supondo-se vítima de uma pilhéria, o primeiro ministro queixou-se, amargo:

— Foi para isto, porventura, que me fizestes abandonar por dois dias os interesses da Inglaterra? Eu não estou vendo, então, que se trata de uma leviandade vossa, e que esta fonte nunca borbulhou, nem correu?

Nesse momento, uma velhinha aproximou-se, embrulhada em um chale preto e longo, e acalmou-o, com um sorriso triste:

— A pedra chorou, meu senhor; eu vi... Não fostes vós, porém, quem ordenou que as mães não chorassem mais pelos seus filhos? A pedra vos obedeceu, meu senhor...

E afastou-se, enxugando os olhos.

XV

A IDADE DAS SARDINHAS

À semelhança do que se observa em certos répteis, as sardinhas denunciam a idade com a maior ou menor consistência das escamas. O meio mais seguro é, porém, o tamanho do peixe. Em uma comunicação à Academia de Ciências de Paris, o Dr. Louis Fage fazia, há cinco ou seis anos, uma série de revelações importantes sôbre a matéria, as quais foram consideradas, então, irrefutáveis. Segundo êste sábio, a sardinha, ao atingir onze centímetros, tem, infalivelmente, um ano; de treze a quatorze centímetros, dois anos, e de quatorze a dezesseis, três anos. Aos quatro anos a sardinha tem, quer a do oceano, quer a dos mares interiores, de vinte e dois a vinte e quatro centímetros.

Eu repetia, uma destas tardes, essa observação da ciência ao sr. Antônio Pereira de Aguiar, proprietário da mercearia onde costume esperar o bonde, à rua das Laranjeiras, quando o honrado homem se pôs a rir com “uma fúria grande e sonora”, torcendo, em gestos largos, com as duas manoplas

de gigante Adamastor, as fartas guias do bigode formidável.

— Não pode ser, “sô” conselheiro, não pode ser! — trovejava, sem largar os bigodes.

E como eu insistisse, o sr. Pereira de Aguiar trepou num caixão, enfiou a mão na prateleira, tirou qualquer cousa, espanou-a, exumou de uma gaveta um boticão de dentista, abriu uma pequena lata de sardinhas em azeite, e mostrou-mas:

— Veja cá! Veja cá! Quantos çantímatros tain?

— Oito, no máximo, — afirmei.

E êle radiante:

— Antão? Que l’ho disse eu? E, olhe: esta tain cinco anos... só cá na casa!...

Ante aquela prova, eu capitulei. Efectivamente, as sardinhas são como as mulheres: o que lhes denuncia a idade não é o tamanho, é a escama...

XVI

HERÓIS DE CANUDOS

Um dos efeitos imediatos da grande guerra foi, em todo o mundo, o aparecimento de mutilados. A artilharia alemã ainda tropejava diante de Liége, e eram sem conta, já, no Brasil, os pernetas e manetas, vítimas da criminosa barbaria dos invasores. Hoje, os automóveis, os bondes, as carroças, os caminhões, estão absolvidos. As mutilações que vemos diàriamente nas ruas, nas praças, nos salões, procedem, todas, dos campos de batalha da França, da Itália, da Bélgica e da Rússia, onde foram gloriosamente conquistadas.

Há indivíduos que são, entretanto, escrupulosíssimos nas suas simulações inteligentes. E entre êsses está, para honra nossa, o bravo capitão Ernesto Paulino Pedreira, classificado, atualmente, no 5.º batalhão de Caçadores, aquartelado nesta capital.

O capitão Pedreira, que era então 1.º tenente, estava, um dia, tomando refresco no Pascoal, com o auxílio de dois canudinhos de junco, quando lhe chegou por trás,

vagarosamente, o capitão Paulo de Oliveira, hoje coronel, seu amigo íntimo. Supondo que o tenente estivesse curvado sôbre a mesa examinando algum mapa ou lendo algum jornal, o capitão Paulo bateu-lhe com intimidade, mas com fôrça, na cabeça leonina, impelindo-a para a frente. E foi um desastre: os canudinhos com que o tenente Pedreira estava chupando o refresco enfiaram-se-lhe com violência pela bôca, varando-lhe a bochecha esquerda e saindo, numa ferida enorme, nas proximidades da orelha!

Hoje, o capitão Pedreira apresenta no rosto uma grande cicatriz, como lembrança do ferimento. E quando alguém lhe pergunta, curioso, o que foi aquilo, êle responde, de pronto, com orgulho, e sem mentir: — Canudos!

E toda gente estranha, logo, como é que um herói de Canudos ainda se encontra, hoje, no pôsto de capitão...

XVII

AS CINZAS DO DEFUNTO

Quando se manifestou no Rio, há três lustros, a epidemia do sarampão, o Dr. Agostinho Meireles estava casado há seis meses com um lindíssimo anjo de dezesseis anos. Assaltado pelo mal, que se complicou rapidamente, foi o enfêrmo em poucos dias vitimado, deixando na terra, amparada por um montepio de duzentos mil réis, a mais formosa e, também, a mais inconsolável das viúvas.

Passados quinze dezosmbros sôbre o fúnebre acontecimento, os restos mortais do desventurado médico estavam já olvidados, quando foram, de novo, descobertos. Residindo só, em um segundo andar da rua da Assembléia, para pagamento do qual retira mensalmente trezentos mil réis da sua pensão de duzentos, a viúva Meireles é, ainda, com os seus trinta e um anos, uma das criaturas mais encantadoras do Rio de Janeiro. E foi à porta dessa casa que bateram, uma destas manhãs, com uma insistência de pessoa íntima.

— O coronel Meireles! — exclamou alarmada a linda senhora, distinguindo na

escada o vulto do sogro, que subia, um a um, os sessenta degraus do sobrado.

Era, realmente, o coronel Meireles, de Niterói, o qual enveredou pela casa da nora com a familiaridade dos antigos tempos; e foi com essa mesma franqueza de sogro, ou, antes, de pai, que o ancião foi ter, com a sua ânsia de cardíaco, à saleta da casa. Aí, recostado, o velho Severino Meireles pôs-se a passear os olhos pelo compartimento, quando notou, de súbito, na mesa do centro, um pequeno vaso de prata repleto de cinza alva, tênue, quasi imponderável. Estranhando aquilo, no lar de uma senhora, que era a viúva de seu filho, o coronel pôs-se de pé, de um salto, chamando para o interior da casa:

— Juvenilia?

A moça correu, pressurosa.

— Que quer dizer esta cinza aqui?

A viúva, escondendo o rosto nas mãos, atirou-se para uma cadeira, soluçando:

— São... são... as cinzas do... do... do Agostinho...

E rebentou em soluços ainda maiores, arrancados, como plantas submarinas, do fundo do coração!

Por que é, realmente, que a maior parte das viúvas, hoje, guardam as cinzas do marido no cinzeiro da sala?

XVIII

MINIATURAS HOMÉRICAS

No florido jardim de Mme. Hudson, onde os repuxos perpetuam o Carnaval da Natureza espargindo a sua cabeleira de diamantes sôbre os verdes gramados circunvizinhos, brincam, falando alto, o Vivi, de cinco anos, e o Tutu, de quatro. Com os seus olhos muito vivos e a sua face muito rosada, os dois irmãos são amicíssimos. Vestem, ambos, pelo mesmo figurino, usam gorros iguais, divertem-se com as mesmas petecas e só não admitem uma cousa: que lhes dêem, aos dois, o mesmo doce.

Íntimos e afáveis, pulando como dois pássaros ou, melhor, como dois cabritinhos do deserto, os dois assentam um plano gigantesco, visando retirar de uma árvore um Polichinelo que lá ficara enganchado, quando, de repente, os ânimos se azedam e Vivi, com as mãozinhas fechadas, avança, indignado, contra o irmão. Aquiles e Heitor, combatendo sob os muros de Tróia, não foram tão denodados no ataque. A Idade-Média, tão rica de cavaleiros e heróis, jamais teve, lutando corpo a corpo, dois gi-

gantezinhos tão furiosos. Dir-se-ia que o mundo, surpreso, estático, aterrorizado, dependia, naquele momento, da sorte daquele combate.

Rilhando os dentinhos alvos, cerrando os punhos minúsculos, vermelho, congestionado, com os olhos fuzilantes de cólera, Tutu investe contra o inimigo. Vivi espera, firme, o adversário e agarram-se, os dois, arranhando-se com as unhas côr de rosa, que são, para um e outro, armas terríveis. E vão, os dois, rolar por terra, como a graciosa miniatura dos guerreiros de Homero, quando Mme. Hudson aparece, à imagem das divindades da "Ilíada", no terraço do palacete.

— Vivi, que é isso? — indaga a ilustre senhora, descendo, aflita, para separá-los.

Diante da aparição prestigiosa, Vivi, como Ajax diante de Juno pacificadora, suspende o combate, aparta-se do irmão, concerta as roupas em desalinho e, arfando, com o rosto em fogo, explica, generoso:

— Não foi nada, mamãe; foi um que deu no outro e o outro que deu no um!

E termina, assim, entre beijos, a primeira batalha dêstes dois gantezinhos de Homero.

XIX

EXPEDIENTE DE VIÚVA

Há uma tradição japonesa, que tem fôrça de lei, segundo a qual a viúva não se pode casar, novamente, antes que haja secado, de todo, a terra da sepultura do marido. Comentando êsse costume tradicional, refere Anatole France que é comum encontrar-se nos cemitérios japoneses grande número de mulheres acoradas sôbre sepulturas recentes. São viúvas que procuram auxiliar o sol e o vento, secando a areia dos túmulos com a asa ligeira das suas ventarolas de sêda...

Dona Zulmira Fernandes nunca foi ao Japão nem leu, jamais, que me conste, uma página, mesmo traduzida, de Anatole France. E, no entanto, possui, em cousa de viuvez e de casamento, uma imaginação essencialmente nipônica.

Militar inteligente e destemido, o capitão Arnóbio Fernandes seguiu para Mato Grosso em abril do ano passado, atirando-se, desde logo, a uma série de excursões aventurezas, procurando estabelecer contacto com os indígenas da região. Em uma das

suas investidas para o interior, matando feras, atravessando rios, procurando selvagens, teve êle o prêmio doloroso da sua audácia: uma flecha varou-lhe a perna direita, obrigando-o a regressar ao Rio de Janeiro, onde não chegou, entretanto, a desembarcar, por ter falecido em viagem.

A notícia do desastre não alarmou, como era de esperar, o coração de D. Zulmira. Mulher prática e bonita, arranjou, de pronto, um noivo, contratando o casamento para ontem, quinze dias, exatamente, depois da sua viuvez. Pela manhã, às dez horas, estava a linda senhora, ainda de preto, na Pretoria, pronta para o enlace. Preparando o ambiente para a solenidade civil, o escrivão folheou os documentos, examinou, um por um, os papéis, e observou, contrariado:

— A senhora não preencheu, infelizmente, os requisitos da lei. O seu espôso faleceu há quatorze dias, e a lei exige pelo menos um mês para as novas núpcias...

D. Zulmira sorriu superiormente, levantando, com uma graça toda sua, um cantinho do lábio, e retrucou, zombeteira:

— Eu estou dentro da lei. Meu marido morreu há quinze dias, eu sei; mas o que é certo é que eu estou viúva há um ano. Desde que êle foi!...

O escrivão corou. O noivo tossiu.
E a viúva casou-se.

X X

AS DUAS FERAS

Quando a sêca, terrível e avassaladora, começou a despovoar os sertões do Canindé, no Ceará, um dos primeiros a abandonar a terra natal foi o Sebastião Pereira, caboclo trabalhador e destemido, habituado a enfrentar, na campina ou na serra, as investidas do touro e os pulos assustadores da onça. Chegado a Fortaleza, magro, rôto, faminto, dirigiu-se o sertanejo à Agência do Lloyd, para obter uma passagem.

— Não me dá uma passagem não, moço? — pediu, com a sua fala cantada, arrastada, acentuadamente cearense.

Conseguido o bilhete de embarque, dirigiu-se para bordo, e, em viagem, travou relações com outro viajante, o Mamede Cordeiro, que vinha fugido do Icó, onde se tornavam cada vez mais apavorantes as aberturas deshumanas daquela falta de inverno. Desembarcados no Rio, separaram-se os dois no cais, seguindo cada um, sem roupa, sem comida, sem dinheiro, a cumprir resignadamente o seu destino.

Um dia inteiro andou o Sebastião acima e abaixo, olhos esbugalhados de espanto

e de fome, a pedir de porta em porta um emprêgo, uma ocupação, um trabalho, que lhe rendesse um simples pedaço de pão, quando, ao anoitecer, se viu diante de um circo de variedades, para as bandas do Andaraí Grande. Na esperança de obter qualquer cousa para aquele dia, procurou o gerente do circo e pediu-lhe um lugar.

— É impossível — respondeu êste; — não há vaga nenhuma no pessoal.

— Ao menos para tratar dos bichos — insistiu o desgraçado; — eu não quero dinheiro, não quero nada; basta que o senhor me dê um prato de comida por dia. É só o que eu quero.

O dono do circo enfiou o dedo no queixo, pensou um pouco e, ao cabo de um instante, propôs:

— Homem, morreu-me, ontem, o tigre real, que tinha de trabalhar hoje. Você quer fazer de tigre real?

O cearense aquiesceu, satisfeito, deixou-se coser na pele da fera e, à noite, entrava no circo, amedrontando os espectadores com os seus saltos desesperados. O espetáculo acabou, no entanto, muito tarde, e, terminado êste, foi o tigre metido na jaula, com outras feras, que, fatigadas, se puseram, de pronto, a dormir.

Ao amanhecer, porém, com a claridade do dia, foi que o mísero viu, alarmado, em que se havia metido. Em tórno dêle, mian-

do, zurrando, pulando, relinchando, havia de tudo: macacos, ursos, girafas, camelos, enfim, uma bicharada completa. O que mais o apavorava era, porém, o leão, que, acocorado a um canto, o olhava insistentemente, bofando com raiva. Ao cabo de um instante, o rei do deserto levantou-se nas quatro patas, e encaminhou-se, soprando, soberbo, no rumo do "tigre".

— Meu São Francisco de Canindé, estou perdido! — gemeu o desventurado, dando um salto e subindo, como um macaco, pela grade da jaula. Sentindo-se salvo, olhou, então, para baixo, e, em vez do rugido da fera inimiga, ouviu partir desta, apenas, uma voz conhecida, a zombar da sua bravura:

— Tu é besta, Bastião, desce p'ra baixo, home! Tá cum mêdo?

— Mamédio! — gemeu o "tigre", tranquilizando-se.

E despencou-se no chão.

X X I

NO MUNDO DAS GARRAFAS

Na geladeira de uma casa de pensão, onde se encontravam diàriamente, travaram palestra, uma vez, um boião de leite e uma garrafa de cerveja.

— Aonde vai você todas as noites que eu não o vejo dormir aqui na geladeira? — indagou a garrafa.

— Eu? — explicou o boião, escancarando a bôca, desarrolhada. — Eu vou buscar leite à leiteria, e volto, sempre, de madrugada. E a senhora, aonde vai durante o dia?

— Vou à cervejaria. Vou de manhã e volto à tarde, como tem visto.

— Vai na cesta ou no carro?

— Eu? Vou sempre de carro, isto é, de caminhão. O senhor nunca viu um caminhão carregando garrafas?

— Tenho visto. Mas não acho direito. Uma garrafa de família não devia andar, assim, apertada com as outras, naquela promiscuidade, naquela confusão indecente.

— Indecente? — estranhou a garrafa, espumando.

— Sim, indecente. Uma garrafa como a senhora, a friccionar-se com outra, numa “bolinagem” tilintante e escandalosa pelo meio da rua.

— Queria, então, que eu andasse sòzinha numa carroça?

— Evidentemente. Seria mais distinto, mais honroso, mais compatível com a situação de uma “fidalga” como a senhora.

— Neste caso...

— Que é que tem?

— Vou procurar um meio de andar só, sem o contacto de outras garrafas. E o senhor que é tão exigente, tão puro e tão sem gôsto, há de ver que uma garrafa sòzinha, isolada num caminhão, corre maiores riscos do que andando em companhia das outras.

— Não creio...

Oito dias depois a carroça da Brama parou, quasi vazia, diante da pensão. Um momento mais, a portinhola da geladeira abria-se, dando entrada à sua hóspede de todas as tardes.

— É a senhora, dona garrafa? Que é que tem, que está suando frio? — exclamou o boião aflito.

— Consequência do seu conselho! — gemeu a pobre, gelada. — Fui andar desa-

companhada, sòzinha, por essas ruas, e succedeu-me isto! . . .

O boião de leite olhou-a de alto a baixo, e empalideceu.

A garrafa estava rachada!

XXII

A CAMISA

Quando o Banco do Brasil resolveu dar um balanço geral na sua agência de Pelotas, o escolhido para essa incumbência foi, naturalmente, o Dr. Antunes de Medeiros, funcionário do contencioso, que aliava às suas condições de fortuna pessoal as virtudes de cavalheiro versadíssimo na alta diplomacia de salão.

Um mês depois, com saudades da Avenida, da qual se tornara uma das figuras insubstituíveis, regressava o moço capitalista ao Rio de Janeiro, quando, a bordo do "Itaúba", travou relações com outro passageiro, de aparência simpática, embarcado em Florianópolis. Ignorando, embora, o nome um do outro, os dois viajantes fizeram boa camaradagem, até que, no segundo dia, entravam em confidências.

— É a primeira vez, então, que vai ao Rio de Janeiro?

— É verdade, — confirmou o catariense, esfregando as mãos. — É verdade. Em compensação, minha mulher já está no Rio há um ano, e eu vou, agora, vê-la.

— Sua espôsa está a passeio no Rio?

— Está; foi passar um ano com uma irmã, que reside lá.

E, com a sua franqueza ingênua e honrada, começou a falar da mulher, do seu encanto, da sua beleza e, sobretudo, do amor desesperado que os ligava.

— Somos muito amigos, — afirmava, — muito amigos. Longe, embora de mim, ela não me esquece um dia, uma hora, um instante!

E, no seu contentamento pela paixão da espôsa, bateu, risonho, na perna do companheiro, convidando:

— Quer ver uma cousa? Venha cá, venha comigo.

No camarote, para onde arrastara o Dr. Antunes, abriu, risonho, uma das malas, de onde retirou um pequeno embrulho de papel fino.

— Sabe que é isto? Eu lhe explico, confidencialmente. Isto é uma camisa de sêda de minha mulher, que ela me mandou há dois meses, do Rio. Sabendo que eu me contentaria com qualquer cousa que guardasse o perfume do seu corpo, da sua carne, ela remeteu-me — coitadinha! — esta camisa do seu uso.

Desfeito o embrulho, o Dr. Antunes tomou nas mãos a camiseta de sêda creme, enfiada de fitas, examinou-a meticulosamente,

levou-a ao nariz, olhou, curioso, o companheiro de viagem, e indagou, incontinente:

— O senhor é o Sr. Paul Weber, de Blumenau?

— Exatamente! Exatamente! — confirmou o teuto-brasileiro, rindo, feliz.

E apertaram-se as mãos.

X X I I I

A COMPANHEIRA

Proclamada nas alturas a desobediência de Adão e Eva, ordenou Jeová que o anjo Gabriel descesse à terra, para punir, com a expulsão degradante, os dois primeiros habitantes do Paraíso.

O espetáculo que então se desenrolou aos olhos da animalidade espantada não podia ser mais doloroso, mais pungente, mais triste. Os leões, arripiando a juba formidável, fitavam com desconfiança a nudez dos dois pecadores. Os tigres miavam, alto, entre as moitas súbitamente crivadas de espinhos, enquanto vinham de longe, soturnos, pressagos, amedrontando os cordeiros, os uivos longos, trêmulos, angustiosos, dos grandes lônos enfurecidos.

Os dois pecadores choravam, nus, abraçando-se num confôrto comum, quando o Anjo bradou, junto dêles, manejando a espada de chama:

— Ide-vos, réprobos, em nome do Senhor! A maldição de Deus seja convosco na terra, no céu e no mar. A solidão será o

vosso castigo. Vivereis abandonados na vida, procurando o pão, e a água, e a roupa, temidos pelos brutos, ensanguentados pelos ramos das árvores e pelas pedras dos caminhos!

Com o rosto em lágrimas, a mão esquerda sôbre o ombro de Eva, o primeiro homem levantou os olhos para as alturas, e suplicou:

— Senhor, por piedade! Dai-nos, para que nos seja possível suportar o tormento da vida, uma companhia para o nosso destêrro. Permití, Senhor, que levemos conosco alguns dos animais que nos cercavam, para que guardemos no nosso infortúnio uma demonstração da vossa imensurável misericórdia!

Levada ao Céu a súplica dos infelizes, ordenou Jeová que lhes fosse consentida a escolha de um dos animais que habitavam o Éden. Adão e Eva podiam escolhê-lo, e levá-lo como companheiro inseparável dos seus dias.

Informados do consentimento divino, saíram os dois correndo pelo Paraíso, à procura do animal que os devia acompanhar para sempre. Encontraram um tigre, e cercaram-no; o carnívoro deu, porém, um salto formidável, fugindo. Um leão, que devorava uma cabra, arreganhou, ao vê-los, os dentes enormes, afugentando-os. Tudo, enfim, ou os acometia, como o touro, o urso, o

elefante, o hipopótamo, o leopardo, a hiena, ou os evitava em carreira desabalada, como o coelho, o carneiro, a raposa, a lontra, o cavalo, o cão, e outros quadrúpedes que se haviam tornado repentinamente selvagens.

Ao fim de uma jornada fatigante, depararam os dois, ao pé de uma árvore, um animal que lhes estendeu os braços, pacífico e sossegado. Adão e Eva correram para êle, tomaram-no aos ombros, e levaram-no a Jeová.

— Êste irá conosco, Senhor, e será, no destêrro, o nosso amigo inseparável. Abençoa-o!

Jeová abençoou o grupo, e saíram, os dois, do Éden, levando às costas o seu eterno companheiro.

Só no dia seguinte, à luz do sol do Deserto, foi que Adão e Eva reconheceram o animal que viera com êles do Paraíso.

Era a preguiça.

XXIV

EFEITOS DO TANGO

Dona Carmelita é uma senhora casada, modêlo 1919. Linda e jovem, realizou o seu sonho matrimonial, unindo-se a um homem que não lhe põe o menor obstáculo ao gênio folgazão, e a conduz, ou a deixa ir sòzinha, a toda sorte de bailes, de passeios, de piqueniques.

Apurando as suas tendências de moça, a lindíssima senhora é, como centenas de outras, doida pelas dansas modernas. O espôso, burocrata de grande futuro, concedeu-lhe, para isso, toda a liberdade. E é de ver o seu sorriso de vaidade, de orgulho, de desvanecimento incontido, quando a mulher se atraca, nas festas, com um marmanjo dançador, unindo o coração ao coração, a testa na testa, nos saracoteios desabusados do tango!

— Bravos! — bradam da assistência, entusiasmados.

Onofre olha no rumo de onde partiu o brado e, com um sorriso de simpatia, agradece, comovido, aquele aplauso, que supõe sincero, à sua cara metade.

Com a insistência, porém, de dansar com a cabeça encostada à do seu cavalheiro, Dona Carmelita foi criando, pouco a pouco, um grande calo na testa. A massagem no mesmo lugar, durante noites inteiras, semanas inteiras, meses inteiros, começou a manifestar os seus efeitos perniciosos naquela carnosidade incômoda, que tendia a afeiar-lhe o rosto, alterando-lhe completamente a graça da fisionomia.

Frequentadora diária do espelho, a moça descobriu, cedo, aquele defeito, atinando, igualmente, com a causa terrível. Seria preciso, porventura, que ela deixasse de dansar o seu tango, privando-se de um divertimento que lhe dava tanto prazer e que tanto contribuíra para as sucessivas promoções do homem que lhe cedera o seu nome?

Meditava ela, uma tarde, sôbre êste desgosto, acariciando afetuosamente os cabelos do Onofre, quando, chegados os dedos, mais ou menos, à altura dos supercílios, estranhou, encarando-o:

— Onofre, tu também estás dansando tango?

E como não tivesse resposta, continuou a correr os dedos brandamente, docemente, carinhosamente, pelos cabelos do marido...

XXV

O REPELIDO

Criados, por um simples sôpro dos seus lábios, os sentimentos, as paixões e as virtudes destinadas ao coração humano, pôs-se Jeová a hospedá-los, um a um, no seio dos dois primeiros donatários da terra.

— Eu quero para mim o lugar mais apartado, o alojamento mais simples! — pedia, de olhos baixos, a Modéstia.

— A mim, destina a sala da frente, luxuosa, aberta, incrustada de ouro e de pérolas! — impunha, insolente, a Vaidade.

— A mim, Senhor, — sussurrou a Inveja, rilhando os dentes; — a mim, basta-me um quarto dos fundos, com porta secreta, que dê para os subterrâneos.

— Eu morarei com ela, Senhor, — acudiu a Intriga. — Eu morarei com ela, que é minha irmã...

— Dá-me uma sala discreta, — suplicou, sorrindo, a Amizade.

— Reserva-me um compartimento ainda maior, vizinho ao dela, e que se comuniquem! — exigia, risonho e simples, o Amor.

Agitando-se em tórno de Jeová, que os ia alojando nos dois corações ainda virgens, paixões e virtudes reclamavam, assim, o seu lugar.

— Um salão bem forte, de portas bem sólidas! — exclamava, exigente, a Avareza.

— Uma alcova de leito bem fôfo! — gritava a Luxúria.

— Um compartimento de aparência bem simples! — gemia a Caridade.

— Eu dormirei com ela... — pedia, de mãos postas, a Fé.

— Nós moraremos juntas, as três... — adiantava, de olhos no céu, a Esperança.

— Eu velarei à porta! — dizia a Coragem.

— Um quarto! um quarto! um quarto! bem escuro! bem secreto! bem escondido! — implorava, súplice, o Mêdo.

— Eu tomarei conta da casa! — impunha, arrogante, a Ambição.

Estavam os dois corações repletos já de moradores, quando, ao cerrar-se a porta, foi ouvido um chôro triste, magoado, de alguém que se queixava.

— Quem és tu, que te não fizeste lembrar? — indagou, voltando-se, Jeová.

— Eu sou o Pudor! — gemeu, com as mãos no rosto, o retardatário.

— Agasalhemo-lo, Adão; reabramos o seio para que êle entre! — pediu Eva ao companheiro, mostrando-se compadecida.

— Impossível! — protestou, rude, o bárbaro. — Manda-o embora! manda-o embora!

A Mulher tomou-o, porém, em segredo, e alojou-o, sòzinha, no coração...

XXVI

MELAMPO

A sociedade, no salão de Mme. Ernesto Taveira, era a mais escolhida, pela graça, pela elegância, pelo espírito, quando o porteiro, perfilando-se entre as curvas harmônicas do reposteiro azul e ouro, anunciou o desembargador Casimiro Ferreira. As moças olharam, curiosas, para a porta, e, minutos depois, estava o ilustre magistrado, com a sua fina cultura clássica, ilustrando com episódios greco-latinos a encantadora alegria daquela assembléia.

— É o caso de Melampo... — afirmou êle, de repente, a propósito de uma pilhéria de Mme. Correia Simpson.

E voltando-se, gentil, para Mme. Alberto Carneiro:

— V. Ex. conhece a lenda de Melampo?

As senhoras chegaram as cadeiras, curvando graciosamente o busto para melhor acentuar os decotes, e o desembargador, separando as palavras, e ilustrando-as com uma gesticulação comedida, contou, pausado:

— Melampo, filho de Amitaon e sobrinho de Jasão, era um príncipe da Tessália a quem Juno dera, em homenagem ao tio, o conhecimento da medicina. Habilíssimo na sua especialidade, êste sábio fez, um dia, uma cura invulgar; salvou da loucura as Proétidas, filhas de Praeto, rei de Argos, as quais se supunham transformadas em vacas, e viviam mugindo, urrando e alimentando-se de relva tenra nas campinas do reino paterno.

— Coitadinhas! — exclamou D. Emiliania Freitas.

— E davam leite? — indagou, ingênua, Mlle. Estela Gomide.

O desembargador fez-se de surdo, e continuou:

— O episódio principal da vida do mágico, é, porém, outro. Estava êle dormindo nos seus jardins, quando umas serpentes, coleando, saíram de uma furna próxima, galgaram o banco e, enroscando-se junto à sua cabeça, puseram-se a lamber-lhe as orelhas, enfiando a língua, voluptuosamente, pelos orifícios auriculares. Quando Melampo despertou, ficou espantado: os seus ouvidos compreendiam as vozes de todos os animais, e, em especial, a das serpentes, cuja linguagem passou a entender perfeitamente!

No dia seguinte ao da reunião mundana em que o desembargador Casimiro con-

tara esta lenda grega, o comendador Ernesto Taveira entrou em casa às nove horas da noite, isto é, muito fora do horário habitual. Trazia as orelhas vermelhas e úmidas, e já percebia, nitidamente, umas palavras em francês...

XXVII

O URSO

Informam os telegramas de Buenos-Aires que no último dia de Carnaval, quando mais intensa era a animação na cidade, foi a população alarmada por um desastre sensacional: uma criança foliona, que se fantasiara de urso, incendiara as vestimentas, ficando carbonizada dentro da pele em que se envolvera.

Lendo esta notícia, eu fico pensando, não na tristeza, na mágoa inconsolável da família enlutada, mas nas dificuldades que encontrou êste pequenito para penetrar no reino do céu. No momento em que as chamas o sufocaram, estava o pequeno mascarado a imitar, aos urros, o plantígrado da sua curiosa fantasia. Ao abandonar o corpo, a alma do minúsculo folião subiu às alturas celestes disfarçada em urso, e bateu à porta de ouro do Paraíso.

— Quem é? — indagou, com certeza, São Pedro, chocalhando a sua penca de chaves.

Olhando, porém, o recém-chegado, o chaveiro teria recuado, espavorido, gritando para o interior da casa dos justos:

— Meu Deus! um urso!...

E teria sido um alvoroço no céu. Santo Humberto, patrono dos caçadores, correu, sem dúvida, em busca do seu arco e da sua flecha, imaginando, inquieto, uma grande caçada nas nuvens. Outros bem-aventurados teriam, igualmente, corrido a aprestar-se, no desejo venatório de uma correria no espaço.

— Não pode entrar! — gritou São Pedro pela fresta da porta. — O seu paraíso é adiante, meu filho. Você errou o caminho!

E a alma do pequenito lá se foi, com certeza, através das nuvens, urrando brandamente entre as estrêlas, não a saudade do céu, que não conheceu, mas a pena de haver interrompido inesperadamente, aqui, na terra, a sua linda tarde de Carnaval...

XXVIII

A IGUALDADE DAS RAÇAS

Os brasileiros que estão realizando *meetings* no Rio de Janeiro contra o sr. senador Epitácio Pessoa, por ter S. Ex. votado em Paris contra o projeto japonês que estabelece a igualdade das raças, cometem, com êsses movimentos reacionários, uma levianidade imperdoável. O projeto do Micado, apresentado em Versailles, representa, realmente, a maior das revoluções que podem subverter a sociedade, política e econômica-mente. Pode-se dizer, mesmo, que se trata do puro maximalismo, levado com êsse disfarce para o seio da Europa conservadora.

O caso que se deu comigo, anteontem, demonstra sobejamente o bom senso com que agiu o nosso embaixador à Conferência da Paz, repelindo a famigerada inovação oriental. Eu sou, como é sabido no Rio, um dos mais apaixonados avicultores do Brasil. As minhas galinhas, que representam oitenta e sete qualidades, são excedidas, apenas, na quantidade e na beleza, pelas do sr. general Bento Ribeiro. Se o sr. general tem

uma Orpington que deita três ovos por dia, eu possuo uma Brahma que põe, não ovos, mas balas de ovos, iguais, em tudo, às da Confeitaria Colombo.

Com êsse interêsse pela avicultura, fui, anteontem, a uma casa da rua Sete de Setembro, onde comprei, por cento e vinte mil réis, um casal Plymouth, que era, realmente, incomparável. Pelos papéis que me foram mostrados, tratava-se de duas aves illustres, amigas de Chantecler, a quem haviam sido apresentadas naquela célebre festa na casa da Galinha d'Angola. Adquirido o casal, dei o enderêço, e corri para a minha residência, afim de preparar-lhe os alojamentos.

À tarde, chegou um portador com uma gaiola, em que se acocoravam, com asma cardíaca, uma galinha e um galo crioulos, pelados, tristes, oscilantes entre a vida e a morte.

— Não foi engano? — perguntei ao carregador.

— Não, senhor; êle me disse que era na rua Guanabara e a casa é esta.

Voltei à cidade e reclamei ao vendedor:

— O senhor enganou-se; eu comprei um casal de galinhas Plymouth, e chegou na minha casa um casal de galinhas nacionais, magro, feio, goguento, intolerável.

— É a mesma cousa, sr. Conselheiro.

— A mesma cousa?

— Sim, senhor; dá tudo na mesma. O sr. não sabe que foi estabelecida a igualdade das raças?

Êsse caso é significativo. E é por isso que eu, nesse particular, estou, de corpo e alma, ao lado do sr. embaixador Epitácio Pessoa.

XXIX

VIRGENS MORTAS

Eu não sei de cousa mais antipática e fatigante do que os intervalos literários nas pequenas festas dansantes. Quando, em uma dessas reuniões, um poeta se aproxima do piano, e abre, sonoro, a grande bôca inspirada, os convidados, em geral, recebem-no com uma trovoada de palmas. Íntimamente, porém, não há quem não ruja, apertando os dentes:

— Patife! Estupor!

Foi uma situação dessas que se criou, uma destas noites, o poeta Filemon de Moraes, na recepção do casal Veridiano do Vale. Inteligente e perspicaz, o poeta compreendeu, porém, a situação e, quando fechou os olhos e abriu a bôca, foi para recitar, com arte inexcedível:

*Quando uma virgem morre, uma estrêla aparece,
Nova, no velho engaste azul do firmamento...*

Os lindos versos de Bilac tiveram, como ordinariamente acontece, o carinhoso acolhimento que sempre lhes é reservado. A

mim, entretanto, além da emoção artística, despertaram a lembrança de uma anedota pitoresca, que eu li, se bem me lembro, há dois ou três anos, em não sei que jornal de São Paulo.

Na residência de um conhecido banqueiro da Avenida Paulista, acabava um poeta de recitar, certa noite, as “Virgens Mortas”, quando o sr. Conselheiro Antônio Prado, que se achava na sala, se pôs a rir baixinho, naquele riso irônico, silencioso, de máquina de costura, que lhe é tão peculiar.

— De que está rindo, conselheiro? — indagou, chegando a cadeira, o Dr. Herculanino de Freitas.

— Da verdade dêsses versos, doutor; da verdade dêsses versos. Como é que êles dizem?

*Quando uma virgem morre, uma estrêla aparece,
Nova, no velho engaste azul do firmamento...*

— É isso! É isso! — tornou o conselheiro. — Por isso é que nunca mais apareceram estrêlas novas; nunca mais!

E, irônico, esfregando as finas mãos engelhadas:

— Nunca mais, doutor! Nunca mais! Nunca mais!

E continuou a rir, baixinho, no seu riso miúdo, macio, encabulante...

OS NÁUFRAGOS

Quando, ao amanhecer, principiaram a dar à pequenita ilha deserta os destroços do “Britânia”, espedaçado na escuridão por uma grande cadeia de rochedos não assinalados nas cartas marítimas, já lá estavam, separados por uma pedra da praia, o caixeiro viajante Alfredo de Melo e a formosíssima passageira Elisabete Lavissee, embarcada em Bordeaux com destino ao Brasil. Com a precipitação da fuga e a impetuosidade das ondas, tinham os dois perdido, durante a noite, toda a roupa do corpo. E como estivessem ambos como Adão e Eva no Paraíso, procurava cada qual esconder-se do outro, abrigando-se atrás do único penedo que alí havia.

— Mlle. Elisabete? — chamou, ao alvorecer, o moço viajante.

— A senhora tem, porventura, um ou dois palmos de pano, de qualquer qualidade, que me dê para fazer uma tanga?

— Eu? O senhor não tem aí? Imagine que eu estava, neste instante, pensando em fazer-lhe o mesmo pedido...

— Como, então, há de ser?

A companheira não respondeu. Com os lindos cabelos gotejando ainda, a caírem, como uma cascata de ouro líquido, sôbre o mármore das espáduas admiráveis, a moça encolhia-se, tiritando de frio, à espera do sol. Com os braços cruzados à altura do coração, o seu cuidado consistia, todo, em cobrir as conchas de neve dos seios virgens, olhados com uma gula selvagem por todas as rochas daquela ilhota desconhecida.

Pensavam os dois náufragos naquela situação desesperada, que os separava ainda mais, quando o moço divisou, dando à praia, um pedaço de pano que chegaria, quando muito, para a tanga de uma pessoa.

— Mlle. Elisabete?

— Senhor? — atendeu a moça.

— Faz favor de não olhar agora para o lado da praia?

A francesinha encolheu-se mais atrás da pedra, acorando-se com encantadora pudicícia, ao mesmo tempo que espalmava as mãos sôbre os olhos, com os dedos separados uns dos outros.

— Pronto?

— Pronto!

De um salto, o rapaz atirou-se à onda, disputando-lhe o retalho de linho, despojo do naufrágio. Apanhado êste, voltou para trás da pedra, e, estendendo o braço para o outro lado, ofereceu:

- Mademoiselle, é servida?
- E o senhor?
- Eu?

.

Só um ano depois, quando já não havia mais esperanças de salvação, surgiu, na curva do mar, a escura chaminé de um navio desviado da sua rota. Chamado pela espiral de uma fogueira enorme, apróou para a ilha misteriosa, e recebeu os três náufragos. O mais novo dêles, que media apenas dois palmos, tinha como fralda o pedaço de pano apanhado na onda...

O DESERTOR

Com a presença, no Rio, dos membros da missão francesa, destinada a reorganização das nossas fôrças de terra, tem a cidade regorgitado de rapazes envergando a farda do Exército e, especialmente, das suas reservas. É a mocidade das escolas superiores, das linhas de tiro e, mesmo, das fôrças regulares que constituem a guarnição da capital, composta, hoje, de moços de família, educados, sadios, limpos e, sobretudo, admiravelmente tratados.

Esse aspecto dos nossos elementos militares, irrepreensível nos seus uniformes e nas suas maneiras, faz-me recordar o que era, há uns dez anos, o Exército brasileiro. Constituído por indivíduos apanhados aquí e alí, pela escória humana reunida, à-toa, pela vassoura do vício, nas cidades do litoral, o antigo Exército era, evidentemente, uma vergonha nacional. Quem não se lembra, porventura, daquela soldadesca beibuda e pesada, a marchar, gingando, nos dias de parada? Quem se esqueceu, acaso, da-

queles mulatos de cabeleira revôlta, a escapar-se em cachos pelo boné, cuja preocupação consistia em armar uma contenda, todas as noites, à porta das tavernas suspeitas?

No seu famoso discurso de São Paulo, Bilac afirmou, impávido, que, para salvar o Brasil, bastavam um pente e um sabonete. O povo das ruas precisava de banho, de limpeza, de higiene, e esta devia ser ministrada, em larga escala, no interior dos quartéis.

Do que era o soldado daqueles tempos dá idéia uma formosa anedota de tarimba, tão contada e recontada em todo o país.

À porta de um quartel montava guarda, um dia, um soldado, daqueles que o governo recrutava em tempos de necessidade nos desvãos menos recomendados da capital. Era um pretalhão achamboado, de beigo de sola e cabelos alvoroçados, que lhe caíam desleixadamente, pela testa, cobrindo-lhe, quasi, os ríspidos olhos injetados de sangue. A carabina em descanso, cochilava êle, de pé, no seu pôsto, quando sentiu, de repente, no rosto oleoso, um formigamento que o incomodava. Deu a mão ao lugar em que sentia a cócega e, apanhando com os dedos grossos o bicho atrevido que lhe perturbava o princípio de sono, olhou-o demoradamente, sem raiva. Era um piolho insolente, um dos parasitas da cabeleira sem água e sem pente, em que o dono de vez em quando en-

fiava o dedo. Ao reconhecer o intruso, o soldado sorriu com os olhos ferozes e, segurando-o mais brandamente, repreendeu-o com bondade:

— Vórta p'r'o quarté, désertô!

E suspendendo o boné, meteu-o, de novo, na gaforinha.

XXXII

OS NOIVOS

Toda de branco, sustentando na mão esquerda, como uma onda de espuma, as pontas do seu véu de noivado, a linda Consuelo penetra, abafando as passadas no tapête, a penumbra da alcova nupcial. O seu vulto diáfano, refletido tímidamente por todos os espêlhos do compartimento, multiplicava-se, como num milagre, naquelas molduras de sombra. Ao seu lado, alva, larga, enorme, com as cortinas caindo molemente do teto, a cama parece, aos seus olhos, um grande animal adormecido, sôbre o qual descesse, de asas plácidas, um monstruoso morcêgo de neve.

Com os sapatinhos de setim mergulhados, como dois peixes de prata, na pelúcia carmesim do tapête, Consuelo detivera-se no meio da alcova, quando alguém entrou, fechando a porta. Os olhos da moça não se voltaram. O seu corpo não teve um movimento, um gesto, um estremeamento, nem seu coração anunciou, alterando o ritmo, a graça de uma surpresa.

O homem que entrou, tão jovem quanto ela, parou, também, no meio da alcova, tirou do bolso trazeiro da calça uma cigareira de ouro, escolheu um cigarro de ponta dourada e acendeu-o, atirando para o ar, com o rosto erguido, uma fumaça clara, que se dissolveu, preguiçosa, na meia claridade do teto, onde dois anjos entrelaçavam, sorridentes, duas grinaldas de rosas. E, sem uma palavra, afastando com ambas as mãos as duas abas da casaca, afundou-se, displacente, na tépida maciez de um canapé, olhando as vólutas da fumaça, que subia...

No meio da alcova, sustentando na mão esquerda a onda de espuma do véu, o vulto de Consuelo irradiava, como uma visão dolorosa, multiplicando-se pelos espêlhos...

A alcova nupcial não guardava para nenhum dêles, noivos modernos, a suave comoção dos antigos mistérios...

XXXIII

ITACURÍ

A vila de Itacurí, à margem do Japurá no Amazonas, recorda, pela sua feição de acampamento e pelas condições precárias da vida, aquelas povoações improvisadas do Far-West americano, nas quais as mulheres são tidas, pela sua raridade, como tesouros verdadeiramente fabulosos. O desregramento é, alí, absoluto, de modo a ser impossível, sequer, a permanência de uma autoridade ou de um padre, que impeça, com o seu prestígio, aquela assustadora dissolução.

As sociedades, boas ou más, encontram sempre, entretanto, um meio de defesa. E a de Itacurí encontrou o seu, estabelecendo que, ao constatar uma infidelidade de mulher casada, os vizinhos da criminosa lhe pregassem na fachada da casa um casco de tartaruga, de modo a se tornar notório o grau de perversão de cada mulher da localidade.

Um dia, desembarcou no pôrto de Itacurí, enviado pelo bispo de Santarém, o padre Hermógenes Coelho do Amaral, cuja missão consistia em domesticar aquele reba-

nho rebelde, restabelecendo a moralidade da vida, o império da virtude, a efetividade serena dos lares. Logo ao saltar, foram, porém, os olhos do sacerdote feridos pelo espetáculo bárbaro daquelas fachadas cobertas de cascos de tartaruga, algumas das quais desapareciam, já, sob o tumulto de tais enfeites, sem graça, sem ordem, sem estética. E mais espantado ficou, ainda, o virtuoso servo de Deus, quando alguém lhe explicou, rindo, o que aquilo significava.

— Será possível!... — gemeu o padre, arregalando os olhos.

A situação era, infelizmente, aquela, e o reverendo não teve remédio senão se conformar com o que via. Acalmou-se, revestiu-se de coragem, e, pouco depois, saiu a visitar a vila, com a preocupação de contar, sempre, nas fachadas, o número de cascos pendurados. Em uma, viu cêrca de seiscentos; em outra, quatrocentos e tantos; outras, ainda, estavam enfeitadas com duzentos, cento e cincoenta, cem e, mesmo, com oitenta. No meio de tudo, porém, aparecia uma fachada em que havia apenas três. O sacerdote ficou encantado com aquela modestia feminina, e invadiu a casa, correndo, para felicitar a virtuosa senhora, que tanto se distanciava das outras naquela fidelidade ao marido. Era uma cabocla moça, linda, e o padre, depois de felicitá-la vivamente, perguntou, por mera curiosidade:

— Há quanto tempo está a senhora casada?

A tapuia mostrou os dentes num riso largo, e informou:

— Eu? Eu me casei hoje, de manhã, sim, senhor!

O padre Hermógenes voltou de Itacurí nesse mesmo dia, na vazante da maré.

XXXIV

MOÇO BONITO

Estendido, de costas, e ainda em trajés menores, no grande leito desarrumado, Alfredinho olha, indiferente, a ginástica de duas môscas que se perseguem em tórno do *abat-jour*, que se abre, como uma grande rosa vermelha, no centro do dormitório.

O compartimento é amplo, mobiliado com arte, com elegância, com discrição. Encostados à parede, uma penteadeira, um guarda-vestidos de porta de espêlho, um toucador com vidros de cristal, coloridos de essências, e, a um canto, dissimulando móveis de uso íntimo, um paravento azul, em que vôm, com as longas pernas distendidas, para trás, grandes cegonhas brancas, de bico encarnado. Aquí e alí, cadeiras estofadas, e, no chão, um enorme tapête de pelúcia carmesim, em que os pés se afundavam, suaves, como uma ave se afunda no ninho.

De papo para o ar, o cabelo revôlto, denunciando a falta absoluta da primeira *toilette*, Alfredinho repousa, com os ásperos bigodes escuros acondicionados na fina rêde

de sêda amarrada por trás da cabeça, quando a porta se abre, dando entrada a Jeanete, que saíra do banho.

— Ainda estás aí, filho? — estranha a formosa mundana, encaminhando-se para a penteadeira e soltando sôbre o quimono rosa, como uma grande nuvem de sêda, o áureo turbilhão dos seus cabelos oxigenados.

E, apontando a mesa de cabeceira, onde entre atacadores, grampos e pentes faiscan-tes, um relógio de ouro marca, monótono, com o seu tic-tac infatigável, dez horas da manhã:

— Já viste que horas são? Olha.

De peito para cima, Alfredinho continua, em silêncio, a olhar as môscas, quando Jeanete, concluindo o seu toucado simples e gracioso, o intima, de novo, arrogante:

— Anda, filho, avia-te! Não sabes, então, que o Andrade vem hoje?

Sem uma palavra, Alfredinho senta-se no leito de casal, boceja, espreguiça-se e, encaminhando-se para o lavatório, molha as mãos, humedece a cabeça, passa a toalha molhada no rosto, penteia-se, corrige os bigodes irrepreensíveis, vestindo-se com lentidão. Terminada a *toilette*, ingere a chícara de café que a criada lhe apresenta, põe o chapéu, e sai, sem despedir-se. Já na escada retrocede, entra no dormitório, onde Jeanete calça as meias de sêda sentada à beira da cama, e indaga:

— Tens dinheiro aí?

— Tira cinquenta, aí na gaveta... —
ordena a mundana, sem voltar o rosto.

Alfredinho abre a gaveta do toucador, retira uma cédula de cinquenta mil réis com a mão direita, enquanto empalma outra, do mesmo valor, com a esquerda. Em seguida, sem dar uma palavra, acende um charuto, e sai...

XXXV

A MULHER

Sentado em uma das raízes do caminho, o ancião começou a contar, pesando as palavras:

— O Éden, repleto de animais de toda ordem, balançava as suas grandes árvores rumorosas, carregadas de frutos, quando o primeiro homem gemeu, com os olhos na altura: — “Jeová, meu pai e meu senhor! A vida, neste pedaço do mundo criado pela tua onipotência, é sossegada, mas é triste. Dá-me, pois, ó meu pai, uma companheira para a minha tristeza ou, se quizeres, para a minha felicidade!” Compadecido daquela miséria ociosa, Jeová baixou das nuvens e, pondo a mão sôbre os olhos do homem, ordenou-lhe, severo: — “Dorme!” Adão soltou um suspiro profundo, estendeu os braços fatigados e, um minuto depois, Jeová lhe abria o flanco esquerdo, retirando-lhe uma das grandes costelas recurvas, em que devia modelar a primeira mulher. Ocupava-se, porém, o Padre Eterno, em cicatrizar o ferimento do homem, quando um cão, um dos grandes cães do Paraíso, passou por

perto e sentiu o cheiro de sangue. Submisso, cauteloso, o animal aproximou-se do local e, de um salto, abocanhou a costela, partindo a correr. Indignado, Jeová abandonou a operação, e saiu de carreira atrás do cachorro. O solo, que os próprios leões pisavam de leve, estremeceu, abalado, ao choque daquela correria formidável!

E o velho continuou:

— De repente, vendo que não podia deter o animal, passando-lhe à frente, surgiu-lhe uma idéia providencial: estendeu a mão, e segurou o cachorro pela cauda. A velocidade da carreira era, porém, enorme, e o cão, que também havia sido modelado na véspera, na precipitação em que ia, não se deteve: deixou a cauda na mão do Onipotente, e continuou a sua viagem, com a sangrenta costela nos dentes. Jeová olhou a cauda do canino, e sorriu, malicioso. Em seguida, tomando-a nas mãos, começou a moldá-la de novo, e dêsse despôjo, único material que lhe sobrava depois do furto da costela, fabricou a Mulher.

E o ancião terminou:

— É por isso, meu filho, que a Mulher é irrequieta e leviana. Ela guarda, até hoje, toda a impaciência da cauda do cão...

XXXVI

AS INFECÇÕES

A propagação das moléstias transmissíveis está fazendo com que os médicos, no propósito de impedir o contágio, aconselhem ao público o maior cuidado com certos objetos facultados ao uso em comum. Ninguém se deve assoar com o lenço alheio nem lançar mão, na rua, das pontas de charuto e dos palitos utilizados. As escôvas de dentes devem ser para uma única pessoa, raramente para duas, e nunca, mesmo nos casos de maior necessidade, para três.

O indivíduo mais cauteloso que já houve nesse particular, foi, porém, o explorador inglês William Forster, cujas proezas circulam repetidas, hoje, nas páginas dos almanaques europeus. William Forster, que não usava gêlo sem o mergulhar, antes, na água fervendo, para matar os micróbios, fazia a sua última travessia do continente africano quando, nas proximidades de El Facher, no Sudão Egípcio, foi assaltado por uma centena de negros, que lhe apreenderam a comitiva. Levado para uma senzala

do deserto, foi o pobre sábio britânico amarrado a um poste, afim de ser, em seguida, sacrificado à fome da tribu.

A situação de William era a mais aflitiva. Inteiramente em pêlo, com o chapéu de cortiça enterrado até às orelhas, o seu corpo tremia de tal forma que abalava, da base ao cimo, o tronco de madeira que o detinha subjugado. Achava-se êle nessa situação, quando saiu, de repente, de uma palhoça, mostrando os dentes, pulando como um demônio sôlto, um preto de estatura agigantada, que empunhava um facão formidável, pronto para decepar, de um golpe, a cabeça do prisioneiro. Mister William olhou, horrorizado, a grande lâmina enfeijada, e apenas perguntou, num gemido:

— O facão está desinfetado?

O bacteriologista Herbert Saunders, da Universidade de Oxford, que encontrou no areal, dias depois, a cabeça do sábio inteiramente separada do corpo, levou-a no ano seguinte para a Inglaterra, onde se discute, ainda hoje, com veemência, se William Forster morreu do golpe do cutelo ou se foi, apenas, uma vítima da infecção.

XXXVII

O "ROUGE"

O caso de envenenamento, ou de infecção, contado há dias por mim, e que a algumas pessoas pareceu inverosímil não é, infelizmente, único nos anais da medicina universal. A realidade é, às vezes, tão rica de episódios pitorescos, que a não alcançam, sem grande esforço, as asas da mais fértil imaginação. Erraria, pois, e lamentavelmente, quem tomasse êste novo incidente como um simples produto da fantasia.

D. Lúcia Cordeiro, espôsa dedicadíssima do comerciante Elias Cordeiro, de São Paulo, tinha por hábito ajudar a natureza na composição da sua formosura. Seu toucador valia por um estaleiro humano: tintas, pomadas, lapis, loções, de tudo isso havia alí, com fartura, em vidros, em boiões, em caixas, em *tablettes*, para reparar a obra demolidora do tempo.

Certo dia, como não pudesse mandar à cidade comprar um lapis de *rouge* para a *toilette* da tarde, a encantadora senhora chamou a criada, e ordenou:

— Elvira, vai alí à esquina, à loja do Sr. Moisés, e compra um remédio destes: leva o rótulo.

Momentos depois a rapariga voltava trazendo a encomenda. Era um *rouge* ordinário, grosseiro, falsificado; não havendo, porém, de outro no bairro, a distinta senhora teve que se conformar com aquele mesmo.

À tarde D. Lúcia vestiu-se, penteou-se, pintou-se, caprichando especialmente em acentuar o vermelho sanguinolento dos lábios e recebeu, na sala, em palestra afetuosa, a visita do Dr. Euvaldo Viana, médico da família. Às sete horas, despedido o amigo, preparava-se Dona Lúcia para ir ao Municipal, quando começou a sentir-se incomodada, com tonturas, dôr de cabeça e, de repente, violentas palpitações de coração. Uma hora depois, o seu estado era visivelmente grave: sobrevieram os vômitos, as vertigens mais fortes, denunciando, positivamente, um caso de envenenamento.

— Estou envenenada! — gritou, reconhecendo a gravidade do seu estado, a bondosa senhora.

E, num surto de clarividência, agarrando-se ao marido:

— Estou envenenada, Elias!... E foi o *rouge*, foi o *rouge* comprado esta tarde, que me envenenou! Chama um médico,

meu maridinho! Chama o Dr. Euvaldo!
Chama! depressa! depressa!

Aflito, com a espôsa a estorcer-se no leito, o desventurado Elias correu ao telefone, pedindo ligação para a casa do médico:

— É a casa do Dr. Euvaldo Viana? — indagou, ansioso.

— Sim, senhor — respondeu uma voz feminina; — mas êle não pode atender.

— Por que? É um caso grave, um caso urgente... — implorou o pobre espôso, atribulado.

— O doutor não pode, — tornou a voz: — êle está passando mal, muito incomodado.

— Que é que êle tem? — insistiu Elias.
E a criada do médico:

— Não sei, não senhor; parece que foi um princípio de envenenamento...

Elias desmaiou.

XXXVIII

OS FILHOS DO ZÈZINHO

A um canto do terraço lateral do palacete, onde o sol da manhã banhava de ouro o ladrilho cinzento, de enfeites azues, a cadelinha “loulou” de Mme. Costa Wilson amamentava os filhos recém-nascidos, que se diferenciavam, uns dos outros, na beleza e na côr. Um dêles, o mais bonito, era todo preto, com as patas brancas, como se tivesse passado, de repente, sôbre um monte de neve; os outros três eram alvos como algodão, e ganiem, aflitos, disputando furiosamente o leite materno.

Na sala de jantar, enfileirando soldados de chumbo sôbre o tapête, o Zèzinho conta ao irmão de quatro anos, isto é, um ano mais moço do que êle, os seus projetos de vida futura.

— Quando eu crescer — diz, equilibrando um general no soalho — quero ter uma porção de filhos. Papai só comprou três, eu, você e a maninha. E você, Lili, você também vai comprar filhos, quando crescer?...

O maninho olhou para o terraço, meditou um pouco e respondeu:

— Vou, sim. Vou comprar três.

E após um instante de silêncio:

— Dois brancos e um preto.

E continuaram a equilibrar, felizes, e muito sérios, os seus pequenos soldados sobre o tapête...

XXXIX

O ALMOFADINHA

Um tipo que ficará na história dos costumes brasileiros do nosso tempo é êsse do almofadinha, figura híbrida, metade homem, metade mulher, que domina, hoje, uma parte dos salões cariocas. O almofadinha veste calças, tem gravata ao pescoço e chapéu masculino à cabeça, mas recorda, na delicadeza das maneiras, na cinta do casaco, no carmim do rosto, na doçura dos olhos, na graça petulante do andar, todas as feminilidades do sexo oposto.

Era uma dessas criaturas curiosas e encantadoras que estava, há dias, no Campo dos Afonsos, assistindo o exercício de alguns aviadores nacionais, quando as moças de um grupo elegante o cercaram, pedindo com algazarra:

— Suba, Dr. Robertinho! Suba! Dê um voo! Ora, por que o senhor não vôa? Suba; sim?

Ante a intimativa daquelas vinte boqui-tas risonhas, o moço enguliu duas vezes, e assentiu em subir, ao lado de um aviador militar. Entrou para a “nacelle”, tomou lu-

gar, pediu que o amarrassem aos ferros do aparelho, fechou os olhos, e deixou-se levar, num arranco violento, rumo das nuvens, cortando o céu. De vez em quando, pálido, gelado, com as pálpebras semi-cerradas, o herói perguntava, com a voz trêmula, à coragem do piloto:

— Ainda falta muito para descer?

O militar deixava-o sem resposta, e continuava no seu voo forte, ora subindo, ora descendo, em impulsos trepidantes, que abalavam os ossos, a carne, a alma do Dr. Robertinho.

Em certo momento, o avião avisou:

— Agora, segure-se. Nós vamos fazer o “looping the loop”.

— Como? — bradou alarmado, o almo-fadinha. — Que quer dizer isso?

— Nós vamos ficar de cabeça para baixo! — explicou o militar.

A essa voz, o desgraçado, sem poder juntar as mãos, ergueu os olhos súplices para o avião, e pediu, chorando:

— Pelo amor de Deus, não faça isso!

— Tem medo?

— Não, — gemeu o pobre, desfalecendo; — mas é que, de cabeça para baixo, me... suja todo o colarinho!...

Dois minutos depois o avião aterrava. E as mûscas começaram a juntar, cercando o avião...

AS MULHERES DO MALABAR

O último número da “Seleta” informa em uma das suas páginas de curiosidade, que o característico da beleza feminina, no Malabar, é a gordura. A mulher, para ser bonita, deve ser gorda, rotunda, encharcada de banhas. E de tal forma se lhe exige êsse dote de enxúndias, que, quando a moça é perdida em casamento, a encerram em um quarto durante cinco meses, afim de ser cevada convenientemente. A alimentação que se lhe ministra é de tal ordem, que, para retirar a noiva da prisão, é preciso, às vezes, derrubar a parede.

Dessa relação entre a gordura e a beleza eu já tinha conhecimento, e antigo, pela história do cego e do cavalo. Em certa vila do interior estavam, uma vez, à porta do mercado, um cego e um comerciante, quando passou um cavaleiro galopando no seu ginete.

— Bonito cavalo! — exclamou o comerciante.

— E gordo! — ajuntou o cego.

O comerciante achou graça naquela opinião no escuro e, voltando-se para o pobre homem sem olhos, indagou:

— Como é que sabe que o cavalo é gordo? Você não é cego?

E êste, com um sorriso, na sua noite sem madrugada:

— Você já viu cavalo bonito que não seja gordo?

Não foi êsse caso, porém, que assaltou a memória de Mme. Fernando Gama, quando esta, ontem, mostrando-me o número da “Seleta”, me perguntou, sorrindo com os olhos através da sua “lorgnette” de cabo de ouro:

— Leu isto?

— Li. Que é que tem?

— Nada, — atalhou, perversa. — É que eu acho graça no Malabar.

E fitando-me com insolência, com a cabeceira de pássaro pendida sôbre o ombro esquerdo, num sorriso irônico, terrível, navalhante:

— São antípodas, não? Aquí fazem o contrário...

Eu arregalei os olhos, com espanto, e ela concluiu:

— Sim; prendem, para não engordar...

E, após uma gargalhada de ouro e cristal, dando-me o braço de mármore, lindo e nu, em que a mão esplendia de jóias como um grande lírio fervilhante de insetos:

— Vamos tomar chá?

XLI

O T R E M

A greve da Leopoldina, que interrompeu as comunicações entre o Rio e Petrópolis, tem trazido às duas cidades prejuizos incalculáveis. Os mercados de leite, de frutas, de verduras e sobretudo, a vida elegante dos dois centros mundanos, sofreram enormemente com essa interrupção lamentável, para a qual ainda não se encontrou, infelizmente, o necessário remédio.

Com essa perturbação do tráfego, ninguém sofreu mais, entretanto, do que o Dr. Alfredo Martins, funcionário do Ministério da Viação e dono de uma chácara, das mais lindas, nas proximidades de Bonsucesso.

O Dr. Martins saiu, há dias, para uma visita na localidade, levando em sua companhia a espôsa e a mãe desta, Dona Mariana, quando a rotunda matrona, ao atravessar a linha, tombou com um ataque. Sereno, imperturbável, o ilustre funcionário puxou o relógio e viu: dentro de cinco minutos passaria pelo local um trem de passageiros, o qual devia correr sôbre os trilhos em que re-

pousava, inerte, o pesado corpo da sogra. Inalterável, o Dr. Martins sentou-se à margem da estrada, na expectativa dos acontecimentos, e esperou. De repente, faltando dois minutos para a passagem do comboio, a desventurada senhora começou a mover-se, estirando os braços, piscando os olhos, levantando a cabeça.

— Sossegue, D. Mariana! — pediu o genro, atencioso. — Não se mexa!

A infeliz fez-se de surda à gentileza, prestou atenção a uns rumores longínquos que o solo lhe transmitia, e deu um pulo de onça. E não estava, ainda, a dez metros de distância, quando o trem, composto de doze carros pesadíssimos, passou, rolando, rápido, sobre os trilhos abalados, com um enorme barulho de molas desconjuntadas.

Reunida novamente a família, o Dr. Martins tomou o rumo da estação, caminho de casa.

— Viu o trem, doutor? — perguntou o novo agente, sorrindo.

— Vi, — informou o funcionário.

— Que tal?

E o Dr. Martins, aborrecido:

— Excelente. É pena que tenha chegado atrasado...

E olhou para D. Mariana, com raiva.

XLII

IVANAPURA

Uma das surpresas destinadas pelo comendador Guimarães aos seus convidados foi, naquela noite de aniversário, a presença do conhecido Ivanapura, cuja especialidade consistia em adivinhar os segredos da alma pelas particularidades do brilho dos olhos. Reunidas no grande salão de visitas as dezoito ou vinte senhoras da amizade da dona da casa, o índio subiu a um estrado, de frente para a elegante assembléia, e começou a fazer reverência diante de um fogareiro de prata, de que subia, vacilando ao mínimo sôpro da sua respiração, um tênue fio de fumo.

Diante dêle estendiam-se, em oito filas de cadeiras regularmente dispostas, cavalleiros e damas que cochichavam, risonhos, examinando a toalha de linho que envolvia, numa rodilha enorme, a cabeça do asiático. De repente, porém, o bárbaro ergueu-se com toda a sua estatura, fazendo brilhar na face castanha, como duas cascas de ovo num prato de cobre, os seus grandes olhos desme-

suradamente brancos, e, pedindo silêncio, avisou:

— Senhores, pelo prestígio de Siva, e desta essência que sobe da terra, eu vou fazer com que as senhoras aquí presentes revelem, pelos olhos, os segredos que esconderam, até agora, aos seus esposos. Aquelas que tiverem no espírito segredos dessa ordem ficarão, no escuro, com os olhos luminosos, como duas lâmpadas. Tratando-se apenas de pecados graves, daqueles que Siva e as sociedades condenam, eu espero, naturalmente, que nenhuma lâmpada aparecerá na escuridão. Peço, entretanto, que todas tenham os olhos bem abertos, enquanto mando apagar as luzes.

Um botão estalou, e a sala ficou às escuras. O índio correu os olhos pela assembléia envolta em trevas e não viu nenhum ponto luminoso.

O botão elétrico estalou de novo, e as lâmpadas desabrocharam, no teto, numa floreação de fogo.

O índio olhou, e sorriu.

As senhoras estavam, todas, com os olhos fechados...

XLIII

A B A I X E L A

— Que mania essa de oferecer baixelas aos príncipes! — estranhou Mme. Soares Neiva, cortando a sua pera cristalizada, no fim do jantar que lhe ofereceu, uma destas noites, a viúva Sobreira Dias.

— A senhora refere-se à baixela de prata que o visconde de Sapucaí ofereceu à baronesa de Santa Engrácia? — indaga, com interêsse, D. Dulce de Figueiredo, passando cuidadosamente o guardanapo nos lábios vermelhos.

Foi por essa altura do diálogo sem propósito que o conselheiro Aldrovando de Magalhães interveio, alisando com a mão larga a sua respeitável barba grisalha.

— A baixela, minhas senhoras, — começou êle — constitue um símbolo, e um lindo símbolo religioso.

As senhoras voltaram-se curiosas, e o conselheiro continuou:

— Após a formação da terra e dos seres, os homens viviam, juntamente com as feras, cercados de uma escuridão impene-

trável. Contente, mesmo assim, com a sua obra, resolveu Jeová, então, oferecer um grande ágape, na amplidão, aos anjos, aos serafins, aos arcanjos, àqueles, enfim, que haviam colaborado na emprêsa divina. Resolvido isso, estirou, êle próprio, através do infinito, a enorme toalha azul e, tomando no espaço grandes pedaços de ouro bruto, pôs-se a cinzelar uma baixela para o banquete. Primeiro, cinzelou um grande prato para a iguaria principal, codimentada no céu; em seguida, um prato menor, de prata puríssima, destinado à sobremesa; e, enfim, uma infinidade de taças faiscantes, para encher de hidromel, destinado à sêde inocente dos anjos. Terminada a festa, a mesa continuou posta, e daí...

— Daí... — interromperam as senhoras, sorrindo.

— Daí, — concluiu o conselheiro, — o sol, a lua e as estrêlas...

XIIV

A VIDA ELEGANTE

A melhor cousa do mundo, neste século do ouro e da gentileza, é, positivamente, ser capitalista. O ato que, para um pobre, lhe vale uma surra ou, pelo menos, um passeio ao primeiro pôsto policial, serve aos ricos não só para lhes aumentar o prestígio como, principalmente, para que sejam alvo de toda a sorte de atenções. Ainda ontem, na "Rotisserie", era comentado um caso que cabe perfeitamente neste capítulo.

O Dr. Amálio Wille, descendente de uma antiga família hamburguesa domiciliada no Brasil, conseguiu apurar honestamente de diversas heranças legítimas uma fortuna apreciável, que consome elegantemente no tumulto dos prazeres da vida. As mulheres bonitas são o seu fraco ou, melhor, o seu forte, e, entre elas, as do seu próximo, principalmente quando o próximo se encontra ausente.

Na complicação das suas conquistas galantes, o Dr. Amálio foi ter, um dia, ao coração de uma senhora elegantíssima, cujo

espôso, negociante duas vezes matriculado, era conhecido na praça pela sua ferocidade de marido. As cousas chegaram, porém, a tal ponto, que, numa noite, ao entrar em casa, de volta de um serão ao escritório, o conceituado comerciante encontrou-se na saleta com outro vulto masculino que tomava precipitadamente o rumo da rua. Reconhecendo o visitante, o velho homem de negócios bradou pelo seu nome:

— Dr. Wille?

O outro parou na escadaria, prevenido o escândalo. Uma ansiedade angustiosa enchia-lhe o coração, na previsão soturna de uma desgraça. O velho tirou-o, porém, dêse embaraço, completando a frase:

— Não quer que acenda a lâmpada do corredor?

O Dr. Wille respirou alto, subiu, de novo, os degraus, e ficou, nessa noite, para tomar chá...

o dono desta nos intimou a desocupá-la, sem falta, até o fim do mês!

Horas depois, uma lancha da Polícia Marítima trazia para o Cais Faroux, a reboque, o cadáver de um desconhecido, encontrado no mar.

XLVI

O HOMEM DAS CARTAS

Um dos espíritos mais brilhantes da atual geração brasileira é, positivamente, o Dr. Evaristo Ferreira de Freitas, figura de relêvo inconfundível nos altos círculos da sociedade carioca. Espírito poliforme, a que dá relêvo uma assombrosa capacidade de trabalho, servida por uma cultura enciclopédica, o ilustre brasileiro é, ao mesmo tempo, como o sr. senador Camará, engenheiro, médico, farmacêutico, dentista, datilógrafo e guarda-livros, profissões em que conquistou diplomas fazendo cursos admiráveis.

Anteontem, na recepção do sr. ministro do Paraguai, D. Silvano Mosquera, estávamos conversando, a um canto do salão, eu e Mme. Eduardo Mariz, quando o Dr. Ferreira de Freitas se aproximou de nós, para apresentar à distinta senhora S. Ex. o sr. ministro da Argentina, D. Mário de los Llanos. Trocados os cumprimentos de praxe, conversávamos, os quatro, sôbre diplomas universitários, quando o recém-chegado, a propósito de engenharia, observou, pedante:

— Eu tenho, como sabe, carta de engenheiro...

A conversa variou, e, à passagem do sr. Dr. Austregésilo, recaiu sôbre a Medicina. E o Dr. Freitas voltou à carga:

— Eu tenho carta de médico...

Mais um minuto, e, em uma brecha dos diálogos, tornou:

— Eu tenho carta de bacharel...

— O doutor não é, também, dentista? — indaguei, curioso.

— Tenho carta de dentista, sim.

— E de farmácia?

— Tenho, igualmente, carta de farmacêutico.

Mudada mais uma vez a palestra, conversávamos sôbre assuntos variados, quando Mme. Eduardo Mariz, com o seu encanto habitual, estendeu a mão ao Dr. Freitas, despedindo-se:

— Até logo, sr. Dr. Baralho.

— Dr. Baralho, eu? estranhou o ilustre polidoutor, franzindo a testa.

E madame, sorrindo:

— O doutor tem tantas “cartas”...

XLVII

GENTILEZA DE NAMORADA

Há no Rio de Janeiro uma classe de cavalheiros decentemente vestidos, cuja maior ocupação consiste em procurar nos jornais, ou na casa dos amigos, convites para almoços, jantares e bailes retumbantes, em que se dê trabalho às mandíbulas. Muita gente, animada de antipatia preventiva, odeia essas criaturas inofensivas, supondo-as imprudentes, cínicas, inescrupulosas. E, no entanto, trata-se, geralmente, de rapazes pobres e modestos, que procuram matar a fome à custa alheia como nós a matamos, nos hotéis, com o dispêndio do nosso próprio dinheiro.

Entre os quinze ou vinte conhecimentos dessa categoria que eu possuo atualmente destaca-se, pela seriedade, pela correção das maneiras, pela dignidade, enfim, com que vive à custa do próximo, o grave e ilustre quintanista de Direito, Dr. Antônio Melquíades de Albuquerque. Esse meu jovem amigo é tão honrado e criterioso, que abandonou o seu velho processo de viver sem di-

XLVIII

AS UNHAS

Uma das manias mais absurdas que se apossou do Rio mundano, é essa das unhas longas, em vigor entre as damas sabidamente elegantes. Abusando do direito, que lhes foi conferido, de transformarem as pontas dos dedos em jóias polidas e faiscantes, senhoras há com unhas de cinco centímetros, à semelhança daquelas feiticeiras dos contos populares, que assim se armavam, ao que parece, para estripar as crianças que lhes caíam nas mãos.

Que utilidade terão, porém, as grandes unhas das mulheres *chics*? Essa pergunta, fazia-a eu a mim próprio há muito tempo, quando ouvi, anteontem, em uma casa de chá, nas proximidades da minha mesa, êste curioso diálogo feminino, travado à meia-voz:

— Sabes? A mulher do Oliveira enfiou-lhe, há dias, a unha na carne, que êle ficou de cama quasi uma semana!

— Coitado! — atalhou a outra, compadecida.

— Coitado, não! — tornou a primeira.
— Êle merecia. É um tolo, um moleirão, um “água-morna”...

— Sim, é possível; mas, também, assim é demais. Viste o tamanho das unhas dela?

— Não.

— Pois olha, é isto...

E mediu no dedo indicador da mão direita uma extensão de uns oito centímetros.

Riram-se as duas, e a primeira, tornou:

— Ela ferra-lhe cada unha!...

— Na rua?

— Não, menina; em casa, no lar, na intimidade.

— Por zanga?

— Não; pelo contrário, por amizade, por amor.

— Ah! Então, é por isso que êle, outro dia...

— Que é que tem?

E a perversa concluindo:

— Não podia nem se sentar!

E desataram a rir.

X L I X

A UTILIDADE DOS LIVROS

Foi Mark Twain, se bem me lembro, que descobriu uma vez a vantagem dos Dicionários. Os Dicionários, na opinião dêle, têm uma grande utilidade: servem, para a gente se sentar em cima, quando a cadeira é baixa, e, mesmo, para afiar navalha, quando a encadernação é em couro, como nos nossos, de Aulete, Moraes, Faria e Cândido de Figueiredo.

Era com um colega dessa mesma opinião que o Sr. Dr. Fernando Magalhães discutia, ontem, na Livraria Leite Ribeiro, a superioridade dos conhecimentos teóricos, principalmente em medicina.

— A prática, “seu” colega — dizia o Dr. Bruno Lobo, — a prática é tudo, na sua especialidade. A prática dispensa o livro, mas o livro não dispensa a prática.

O Dr. Fernando Magalhães, insistia, porém, no seu ponto de vista, isto é, na conveniência de ter sempre muitos livros à cabeceira do doente até que, indignado, resolveu ilustrar o fato com um episódio recente, que

vai comunicar, na próxima semana, à Academia de Medicina.

E contou:

— Você quer ver? Há quinze dias, o Agenor Pôrto foi chamado alta noite, para assistir uma senhora, cuja criança devia nascer de manhã. Ao amanhecer, nada havia de novo; a senhora sofria muito, gritando, chorando, torcendo-se, exigindo uma intervenção imediata, que a salvasse daquele martírio. Considerando pouco comum o caso que estava observando, o assistente correu à casa, e pôs no automóvel cêrca de quarenta tratados sôbre a matéria, ordenando que os levassem para o quarto da cliente, arrumando-os sôbre a mesa da cabeceira. No dia seguinte, a situação era a mesma. A senhora estava abatida, fatigada, esgotadíssima. O Agenor voltou em casa, e trouxe mais vinte e quatro volumes enormes, que tiveram o mesmo destino. E enquanto a pobre gemia e chorava, padecendo dôres desesperadas, êle, sereno, inalterável, lia, lia, lia... Em certo momento, porém, numa dôr mais violenta, a enfêrma, num gesto desesperado, meteu o pé no espêlho da cama, atingindo a mesa de cabeceira. E foi um desastre. A montanha de livros, deslocada pela base, rolou, fragorosa, sôbre a senhora, batendo-lhe em cheio sôbre o corpo, esmagando-a com o seu pêso. A infeliz deu um grito, e desfa-

leceu. E quando lhe tiraram de cima os sessenta e quatro volumes do médico, — a criança havia nascido!

E, entusiasmado, o Dr. Fernando acrescentou:

— É essa a utilidade dos livros, a vantagem das bibliotecas médicas. O livro, às vezes, como nesse caso, opera milagres!

E, virando-se para o empregado, ordenou que lhe mandasse para casa as obras que havia escolhido. Eram trinta e sete volumes de autores alemães e ingleses, pesando três quilos, cada um...

L

DECAMERON

Na III rapsódia da "Ilíada", conta Homero que Menelau, indignado com o procedimento de Helena, chegava de vez em quando sob os muros de Tróia, jurando, em altos brados, que havia de matá-la, como a um cão, no dia em que a tivesse ao alcance do braço. Tomada que foi, porém, a cidade de Príamo, o primeiro cuidado do grego foi correr em busca da espôsa, que levou, de novo, para casa, como se nada houvesse acontecido.

A beleza é, ainda, a melhor arma das mulheres. A virtude pode ser um elemento poderoso para reconciliação dos casais estremecidos; só a formosura feminina, porém, consegue restabelecer os laços desfeitos, estontecendo com os seus amavios os espíritos mais indomáveis.

Ainda um dêstes dias o bairro de Botafogo foi assinalado por um exemplo novo do papel de fator da felicidade humana. O Dr. Egídio dos Santos, engenheiro em pontes e boeiros, foi cientificado por uma carta anô-

nima de que, na sua ausência, ia tomar chá na sua casa um famoso conquistador da cidade. Prevenido do caso, o Dr. Egídio simulou a clássica viagem dos esposos desconfiados, de modo que, às dez horas da noite, entrava, de novo, as portas do seu palacete. Na sala de jantar esperava-o a terrível certeza: trajando um admirável roupão branco, toucada com a graça de uma noiva de vinte anos, estava D. Lilita à mesa do chá, com o guardanapo nas mãos — tendo ao seu lado, risonho e amável, o seu perigoso admirador! Vermelho de cólera, o Dr. Santos atirou-se para apanhar o miserável; êste saltou, entretanto, para o jardim, onde desapareceu. Indignado, quasi louco, o marido voltou à espôsa, para matá-la, ou, pelo menos, puní-la severamente; ela estava, porém, tão linda, tão sedutora, que o desgraçado atirou a arma para o canto, lançando-se-lhe violentamente nos braços, exclamando:

— Meu amor! Salvei-te...

E beijaram-se apaixonadamente...

LI

A BENGALA

No pequeno salão onde, em um grupo de senhoras e cavalheiros, tratávamos da vida alheia e de outros assuntos inocentes e honestos, houve quem perguntasse, com indiscreção reprovável, à graciosa singeleza de Mlle. Edméia Tavares:

— E você, Edméia, quando é que se casa?

A menina, que é um botão de rosa que se está mudando em mulher, ficou súbitamente vermelha, e respondeu, constrangida:

— Não sei; não penso ainda nessas cousas...

— E o Dr. Amorim, que é feito dêle? Também você foi deixar que a Teresita lho tomasse...

— Eu? — protestou a menina, com ímpetos de leozinha ferida. — Eu nunca o disputei a ninguém. A Teresita, se o tem, é porque eu não o queria mais!

Antes, porém, que Mlle. Edméia se sentasse, D. Clotilde, mãe de Teresita, pigar-

reou, nervosa, e com uma risadinha sarcástica, interveio:

— Vocês leram aquela história do sujeito que se apossou da bengala do outro, na Avenida?

As senhoras voltaram-se, atentas, e D. Clotilde contou:

— Um dêstes dias, um rapaz entrou em uma sorveteria, e, encontrando uma bengala sôbre uma cadeira, meteu-a debaixo do braço, e saiu. Instantes depois, notou que o dono da bengala o seguia, e disparou na carreira. O outro fez o mesmo, e começou uma correria desesperada, pela Avenida Beira-Mar, em que o perseguido aumentava a celeridade da fuga à medida que se acentuava a tenacidade do perseguidor. Meia hora depois, conservavam os dois, ainda, a mesma distância um do outro, quando o dono da bengala estacou, de repente, chamando: — “Psiu! Psiu! Psiu!” O outro parou, também, e esperou. O dono da bengala, quasi sem fôrça para falar, ergueu, então, a mão trêmula de cansaço, e, num gesto generoso, gritou: — “Olhe, leve... a bengala para você!” E voltou à Avenida.

As senhoras entreolharam-se, sorrindo, e o conselheiro Segadas ilustrou o conto:

— É assim mesmo, D. Clotilde; é assim mesmo! Todo homem é uma bengala que

as mulheres furtam umas às outras. Todas elas o desprezam, oferecendo-o às rivais... quando não o podem mais alcançar!

E saiu arrastando, apoiado a um bengalão de ébano, a sua pesada perna de paralítico...

LII
A S R O S A S

A Terra, enorme e triste, começava a cobrir-se de verdura tenra, que se estendia por toda ela como um grande manto uniforme, quando Jeová, descendo na ponta de uma nuvem, pousou, entre relâmpagos, na campina silenciosa. Antílopes que pastavam perto, ouvindo a buzina longínqua dos arcanjos, partiram, trotando, em busca de um refúgio nas margens solitárias dos rios. Grandes uros de pêlo fulvo, que escarvavam o solo, cerravam os olhos ferozes à forte claridade imprevista, e urraram alto, abalando a planície, num formidável berro de desafio.

Ao tocar a Terra, que estremeceu, toda, ao contacto do seu Criador, Jeová ordenou aos serafins, que voavam, cantando, em torno da nuvem luminosa:

— Ide por todo o espaço, de estrêla em estrêla, e colhei, em meu nome, todo o perfume errante que houver nas alturas.

E aos tronos:

— Voai às orlas do mar e aos limites do céu, e trazei, festivos, a espuma fugitiva

que enfeita, como renda aérea, a orla da nuvem e o dorso da vaga.

E aos arcanjos:

— Ide ao berço misterioso da aurora, e arrecadai, em urnas de ouro e marfim, as côres que lhe tingem o rosto, quando se espreguiça, ingênua e voluptuosa, no lençol imponderável do oriente.

Momentos depois, revoadas de anjos desciam à planície trazendo nos braços a espuma da onda, o floco da bruma, o perfume errante das alturas e as tintas suaves da alvorada. O Criador amassou tudo isso em um vaso de ouro, e, na pasta fugitiva, rosada e cheirosa, que resultou do conjunto harmonioso, cortou, entre os beijos dos anjos, o corpo da Mulher. Em seguida, animou-a com uma alma luminosa e musical, e, antes de tornar ao céu, atirou, sorrindo, à campina deserta, as sobras da matéria em que tallara a sua obra maravilhosa.

Destas aparas lançadas à planície, nasceram as rosas...

O PAR DE BRINCOS

— Que é a felicidade? — perguntou, sorrindo, a viúva Oliveira Mendes ao conselheiro Guedes, no chá das quintas-feiras, no palacete dos Almeida Soares.

O conselheiro, que era o mais velho da nossa pequena mesa de jardim, fez-se de surdo à interpelação, e contou uma história.

— Uma vez, — começou — a minha mulher adquiriu uma pérola, que era um encanto. De um brilho doce, esta jóia, beijo da onda, era de uma perfeição impecável. Um dia, examinando-a, disse-me, triste, a minha companheira: — “Eu me sentiria feliz, Antônio, verdadeiramente feliz, se tivesse duas pérolas como esta, para um par de brincos. Ficariam lindíssimos!” Dêsse dia em diante eu não pensei em outra cousa. Queria fazer-lhe uma surpresa, e saía a procurar, diariamente, a outra pérola do seu desejo. Ao fim de dois meses, um joalheiro do Rio, que fôra a São Paulo, comunicou-me, enfim, o achado: havia adquirido, alí, uma pérola absolutamente igual à que eu

procurava! O meu contentamento, nesse dia, foi enorme. Comprei a pérola, e fui para casa, preparando-me para ver a alegria de minha mulher. Chamei-a, entreguei-lhe a jóia, e fiquei espantado: em vez de um sorriso, vi, triste, duas lágrimas se lhe despregarem dos olhos. “— Por que choras?” — indaguei. E ela confessou-me: havia vendido na véspera a outra pérola, que devia completar, com aquela que eu acabava de adquirir, o par de brincos da sua ambição!

Nós olhávamos, silenciosos, o conselheiro, quando êle se voltou para a viúva Mendes, e explicou o seu conto:

— A felicidade, madame, é um par de brincos que nós procuramos, através da vida, possuir e completar. A segunda pérola só nos aparece, entretanto, quando já não temos mais a primeira. . .

E tomou, entre o silêncio de todos, o último gole do seu chá.

LIV

MARIDOS GREVISTAS

As últimas notícias telegráficas sôbre as greves na Argentina, são alarmantes: os atores espanhóis, aliados aos nacionais, resolveram não trabalhar mais aos domingos, e suspender, igualmente, as representações durante as últimas horas da tarde. E como isso pode prejudicá-los, estabelecendo a hegemonia do cinema, ficou deliberada, também, a solidariedade silenciosa dos artistas cinematográficos, os quais terão de ficar enrolados nas respectivas fitas durante algumas horas do dia.

Com essa facilidade de propagação, a mania das greves acabaria dando, em toda parte, resultados como êsse que teve entre nós, e de que me deu a amostra, anteontem, no concêrto Ernani Braga, Mme. Violante Moreira, espôsa do Dr. Carlos de Almeida Moreira, advogado da Companhia Construtora de Frigoríficos, desta capital.

— Como está o Dr. Moreira? — perguntei à senhora.

— Não sei, sr. conselheiro, não sei. Até agora ainda não pudemos chegar a um acôrdo.

— Estão divorciados? — indaguei, espantado.

— Não; o Carlos está apenas em greve!

— Greve?

— Sim, êle quer aumento de salário e por isso, brigou... com a “patrôa”!

Tenham, pois, muito cuidado as “patrôas”, fazendo, desde já, aos esposos, algumas concessões liberais. Os maridos são os piores grevistas: quando êles entendem de fazer “parede”, nunca mais acertam com a porta...

O EMPLASTRO

Os últimos dias do poeta Silviano Miranda contrastaram, como se sabe, com a ruidosa jovialidade da sua vida. Separado da família, vivendo no regime das reuniões provisórias, era com saudades, talvez, que êle se recordava dos tempos idos, em que possuía, ao lado da espôsa, e dos filhos, o suave confôrto de um lar. No meio de tanta tristeza, de tanto infortúnio, de tanta contrariedade, ficou-lhe, apenas, uma riqueza: os amigos dos dias felizes, companheiros de boêmia, que, após uma existência tumultuosa e despreocupada, se haviam tornado em enfermeiros, em irmãs de caridade daquela ruína luminosa.

Mais, porém, que todos, devotava-se-lhe o Atanásio Moreira, farrista impenitente, que se aliara a Silviano Miranda com uma dedicação verdadeiramente fraternal. Associados para a alegria, para as grandes noitadas bulhentas, achava Atanásio que não era justo, nem humano, abandonar o amigo naquele transe doloroso, às portas, quasi, da

morte; e, leal, dedicado, vigilante, ficou à cabeceira do poeta, ministrando-lhe os remédios, mudando-lhe os lençóis, fazendo-lhe a cama, com um devotamento absolutamente incomum.

— Vai dar uma volta pela rua, Atanásio! — pedia-lhe o enfêrmo. — Vai espairecer, beber qualquer cousa!

O boêmio continuava, porém, irredutível no seu pôsto, comendo mal e bebendo apenas água, numa demonstração super-humana de solidariedade com o amigo.

Certa noite, entretanto, foi o médico chamado precipitadamente. As caimbras no fígado haviam-se agravado, exigindo medicação imediata, e o facultativo receitou, de pronto:

— É preciso pôr-lhe um emplastro no ventre. Façam uma papa de farinha com álcool, e apliquem. É remédio infalível!

Na manhã seguinte, o médico voltou a ver o doente.

— Pôs-lhe o emplastro? — perguntou.

— Pús, doutor, — informou o enfêrmo.

— E já retirou?

— Já, sim. Retirei de manhã.

— E onde está?

O enfêrmo chamou o amigo:

— Atanásio!

— Pronto! — atendeu o companheiro, correndo.

— Onde está o emplastro de álcool com farinha que eu tinha pôsto na barriga ontem, à noite?

O enfermeiro empalideceu.

— Fala, homem! — insistiu o doente.

Atanásio arregalou os olhos, e confessou:

— O emplastro? Eu comí...

E sentou-se, tonto.

O LUTO DO DESEMBARGADOR

Quando D. Arminda morreu, houve em toda a rua São Clemente um desmedido alvoroço.

— Quem terá sofrido mais — perguntava-se, — o coronel Emiliano, seu espôso perante Deus e perante os homens, ou o desembargador Felisberto, compadre do casal e frequentador diário, quasi infalível, dos serões da família?

O desembargador Felisberto havia-se constituído, realmente, pela amizade, pela dedicação, pela familiaridade, em suma, com que penetrava na casa, um complemento daquela felicidade doméstica. A sua presença tinha-se tornado, mesmo, tão indispensável àquele ambiente encantador, que, se êle demorava a chegar, D. Arminda tomava imediatamente o chapéu, e dirigia-se, a pé, à sua casa de solteirão, à rua D. Mariana, a indagar se lhe havia sucedido alguma cousa. E isso acontecia, invariavelmente, às terças e sábados, na ausência do coronel.

Em maio último D. Arminda adoeceu. Adoecer e morrer, foi, para a virtuosa senhora, obra de um momento. E, sem ela, ficaram mudos, pasmos, um diante do outro, o desembargador e o coronel, enquanto os vizinhos e conhecidos perguntavam, entre si, na sua curiosidade:

— Quem terá sofrido mais?...

Após a missa do sétimo dia, a que o desembargador não compareceu, o coronel, de volta do cemitério, foi visitar o seu velho amigo de vinte anos. Sabendo-o doente, dirigiu-se para o quarto do enfêrmo, pé ante pé. Ao abrir, porém, a porta, estremeceu, e recuou.

Do alto do cortinado da cama em que o desembargador jazia com febre, pendia, como a asa imóvel de um corvo, um pesado laço de crepe...

LVII

OS MOÇOS DE HOJE

Um dos atributos da minha geração era a paixão pelas mulheres bonitas. Um rosto formoso, um corpo modelar, uma bôca de rosa vermelha, constituíam o maior tesouro da terra, em busca do qual partiam todo o dia, como novos argonautas, os rapazes do meu tempo. Para nós, a beleza feminina era tudo; e foi por isso mesmo que nenhum dos meus amigos se casou com raparigas de fortuna, que não tinham, para êles, o valor das mulheres encantadoras. Que o dote daqueles tempos não era o dinheiro dos pais: era a formosura das filhas, que trazia, sempre, a felicidade dos casamentos.

Hoje, sucede exatamente o contrário, e de tal forma que os rapazes não se envergonham de preferir, em público, o dinheiro à beleza. O caso ocorrido, sábado último, na recepção dos Monteiro Cunha, é característico dessa decadência do gôsto entre nós.

Em meio à festa, que estive animadíssima e cordial, uma senhora, D. Margarida Mendes, lembrou a conveniência de fazer-

mos, alí, uma quermesse em benefício dos flagelados do nordeste. Cada um daria uma prenda, uma lembrança, que seria vendida depois.

— Eu darei. . . um beijo, para ser rifado! — ofereceu, gentil, Mlle. Peixoto Souza, franzindo, num sorriso maravilhoso, a sua boquita vermelha de morango maduro.

Uma salva de palmas ecoou pelo salão e tratou-se, logo, da venda dos bilhetes. Eram em número de trinta, que foram vendidos a vinte e cincoenta mil réis pelos cavalheiros presentes e renderam um conto e duzentos mil réis. Tirada a sorte, o beijo coube à cautela n.º 11.

— Quem é? Quem é? Quem tem o bilhete? — perguntavam todos, aflitos, procurando o felizardo.

O dono do beijo, entretanto, não aparecia. Quem seria êle? Onde estaria o homem venturoso, que ia colher aquele fruto de ouro no ramo fresco, daquela árvore virgem? Nesse momento, tendo de ir deixar na sala de espera o meu chapéu, que servira de urna na loteria, encontrei dois rapazes que discutiam. . .

Escutei e empalidecí de cólera. Um dêles estava vendendo por cincoenta mil réis, ao outro, que só queria dar quarenta, o bilhete premiado, que comprara por vinte! . . .

LVIII

DECOTES . . .

Um dos novos colaboradores da “Notícia”, moço que eu não conheço pessoalmente, comentou, ontem, com acentuada amargura, a surpresa que lhe causaram umas fotografias do baile oferecido em Petrópolis pelo sr. Dr. Raul Veiga, presidente do Estado do Rio, ao sr. Dr. Epitácio Pessoa, presidente da República, e no qual, diz, algumas senhoras apareceram trajando saia e “soutien-gorge”. Acha o autor da observação que “uma senhora vestida inconvenientemente é uma obscenidade ambulante”, terminando por dizer, indignado, que “quem ama os trajes paradisíacos, não deve ir à festa e, quando for à festa, não deve tirar o retrato”.

O comentário do novo colaborador da “Notícia”, eu já o tinha feito, mentalmente, não só diante das fotografias a que se refere, como de outras, igualmente clamorosas, publicadas pelos jornais da mesma semana. E era olhando-as, que eu conversava, anteontem, com o meu venerando amigo Eduar-

do Milner, cujo único defeito consiste em uma gagueira irremediável, que lhe tem custado, além de muitos desgostos, a metade da fortuna. Em determinado ponto da nossa palestra, eu indiquei a fotografia de umas damas decotadíssimas, que tinham estado em um baile, em Botafogo.

— Que... que... que... que é isto? — indagou o velho Milner, espantado.

— Veja! — disse eu, apontando-lhe as senhoras.

— É de... co... co... co... co... te?

Eu lhe pús a mão na bôca, escandalizado, para que êle não punisse, involuntariamente, uma leviandade, com o látigo de fogo de uma heresia.

LIX

A MALDIÇÃO

Proprietário de uma enorme faixa de terrenos nas vizinhanças de Barra Mansa, o coronel Adão passou metade da vida a beneficiar os seus domínios imensos, plantando, neles, a laranja, a macieira, a figueira, o limoeiro, o abacateiro, todas as árvores, enfim, de sombra e de frutos. Ao atingir o dono a idade madura, a vasta fazenda do Paraíso constituía uma das propriedades mais preciosas do Estado do Rio, onde toda a gente elogiava a assombrosa fertilidade daquelas terras. O proprietário do Paraíso não era, entretanto, um homem feliz. Tendo perdido a mulher, que morrera no terceiro ano de casamento, ficara o coronel Adão com dois filhos pequeninos, que se fizeram, depois, o tormento da sua velhice. Egoístas, mesquinhos, preguiçosos, Abel e Caim tornaram-se o martírio do pai, ao qual exigiam diàriamente dinheiro, recorrendo, mesmo, às ameaças mais sanguinárias.

— Vocês me arruinam! — gemia o velho, enchendo-lhes a mão de cédulas, arran-

cadás, uma a uma, ao largo ventre de um cofre.

— E que mal faz? — obtemperava Abel, cínico, acondicionando o dinheiro na carteira.

Certa vez, achando-se os dois a extorquir dinheiro do pai, que lhes recusava, Caim gritou-lhe, bravo:

— Tomara a mim que já morras, para que eu possa, enfim, gastar o que é meu!

O velho, que não o supusera, jamais, tão perverso, levantou as mãos ao céu, e amaldiçoou:

— Tomara, sim, que eu já morra, ó ingratos! Mas a minha morte, tão querida por vocês, será a minha vingança! A fortuna que vocês me disputam traz, em si mesma, o germe da destruição! Maldito seja o meu dinheiro na tua mão, Abel! E não menos maldito sejas tu, Caim, que és a pústula do meu sangue.

Dois anos depois, idoso e infeliz, morreu Adão, legando aos filhos, como prometera, as soberbas terras do Paraíso. Senhores da casa e dos bens, os irmãos reuniram-se imediatamente na câmara fúnebre, para a partilha da herança.

— A minha parte — observou Abel — é a do norte, que tem as laranjeiras e o canavial.

— Essa? Absolutamente! — protestou Caim. — Essa, quero-a eu!

— Mas eu não recuo! — rugiu o primeiro.

— Nem eu ta entrego! — afirmou o segundo.

— É porque és um bandido!

— É porque és um ladrão!

— Miserável!

— Cão!

— Celerado!

— Parricida!

Duas lâminas de punhal, relampaguearam, rápidas, e os cadáveres dos dois irmãos rolaram, ensanguentados, sobre o frio corpo do pai...

OS SONHOS DO HONÓRIO

I

Quando D. Julieta se estendeu, fatigada, no grande leito conjugal, já o marido, o Honório Pedreira, ressonava alto, num sono reboante e profundo. Roncava e sonhava, e o seu sonho era entrecortado de sorrisos misteriosos e, mesmo, de palavras imperceptíveis.

Sonhava que indo, ontem, véspera de São Pedro, por uma rua solitária, se encontrara casualmente com êste apóstolo da sua devoção, que o convidou, atencioso, para um passeio no céu. Aceitou o convite e, sem saber como isso fôra, encontrou-se de repente em uma enorme sala silenciosa, em cujo centro havia uma grande mesa onde ardiam milhares e milhares de lamparinas de azeite. Como o santo se encontrasse ao seu lado, perguntou-lhe o que significava aquela infinidade de chamas, tão diversas no tamanho, na duração e na intensidade.

— Isto, — explicou generosamente, o apóstolo, — corresponde às vidas das cria-

turas que se acham lá em baixo, na terra. Estás vendo, alí, aquela candeia de chama intensa, ardendo com todo o brilho? É a vida de uma pessoa cheia de saúde, no vigor da idade. Aquela outra, vês? que se está acendendo, é a de uma criança recém-nascida, que acaba de surgir para o mundo. Aquelas, adiante, que estão esmorecendo, quasi se apagando, são as dos velhos e dos enfêrmos irremediáveis, das criaturas, em suma, que se estão, neste momento, despedindo da vida.

Honório olhava, aflito, o vacilar das candeias, quando, não se podendo mais conter, indagou do santo:

— E a minha? Qual é a candeia, entre tantas, cuja luz corresponde à minha existência? Eu não poderia saber?

São Pedro estendeu os olhos pela mesa enxameante de chamas, e indicou:

— É aquela.

Honório olhou, e empalideceu. A sua candeia não era das mais vacilantes, das que se iam apagar mais depressa; o azeite que nela havia era, porém, pouco, ameaçando-a de uma extinção que não estava, provavelmente, muito longe. Meditava êle, pezaroso, sôbre o seu destino, quando, ao levantar os olhos, verificou que São Pedro se havia afastado para uma sala próxima. E teve, então, uma idéia: meteu o dedo no azeite de

uma lamparina cheia, e de chama intensa, que estava junto, e começou a passá-lo, aflito, e a grandes dedadas, para a sua.

Nesse momento, porém, sentiu estalar uma bofetada, e pulou do leito, assustado. Diante dêle, sentada na beira da cama, estava D. Julieta, que protestava, indignada:

— “Seu” porco! Isto é, então, cousa que se faça, meter o dedo na minha bôca para passar, besuntado, no meu nariz?

Honório atirou-se, outra vez, à cama, e pôs-se, de novo, a roncar...

L X I

OS SONHOS DO HONÓRIO

I I

Apenas adormeceu de novo, Honório Pedreira reatou, como por encanto, o sonho inesperadamente interrompido pela mulher. E continuou a sonhar... Surpreendido por São Pedro no momento em que passava, com o dedo, o azeite da lamparina alheia para a sua, foi o desastrado visitante, apanhado, de repente, pelos braços de dois anjos vigorosos, que o levaram, aos solavancos, para a enorme porta do céu. Aí chegando, o apóstolo fez ranger, inclemente, os gonzos rechinantes, ordenando ao desgraçado:

— Saia! Desapareça da minha vista! Nem mais um momento! Vamos!

— Perdão, meu santo! — gemia o pobre Honório, com o rosto lavado de lágrimas.

O apóstolo mostrava-se, porém, inflexível:

— Vamos! — ordenava. — Nem mais um minuto! Suma-se dos meus olhos!

E com um empurrão violento, lançou o desgraçado Honório no espaço, fechando-lhe, impiedoso, nas costas, a enorme porta do paraíso.

Atirado, assim, ao vácuo, o infeliz teve, ainda, uma idéia: meteu o dedo indicador da mão direita na aldraba da porta formidável, sustentando-se com êle no espaço, agitando desesperadamente as pernas, como um naufrago das alturas.

De súbito, porém, São Pedro abriu a porta e, vendo-o ainda alí, a espernear, deu-lhe tamanha pancada na mão, que o mísero lá se veio rolando pelas nuvens abaixo, até se estatelar, como um fruto podre, no solo de onde partira. Nesse instante, acordou. Ao seu lado, de pé, com os olhos acesos de cólera e o camisão de rendas feito em pedaços, D. Julieta ordenava, revoltada:

— Levanta-te do tapête, Honório!

E, logo, em seguida:

— Vá lavar a mão, “seu” porco!

Fora, coando-se pela vidraça, raiava a manhã...

L X I I

UM HOMEM FELIZ

Uma fôlha desta capital publicou, há dias, o caso de um comerciante enriquecido com a guerra, e cuja história merece, pela sua originalidade, a maior divulgação. Em obediência à verdade, que eu respeito de todo o meu coração, convém assinalar não me ter sido possível obter o jornal que editou êsses pitorescos acontecimentos; contou-mos, porém, um amigo, vizinho do ilustre capitalista, que o honra com as demonstrações da mais afetuosa intimidade.

Trata-se, aquí, do comendador Bernardino Gonçalves, casado com a sra. d. Ermelinda, e pai, mais do que legítimo, de duas meninas encantadoras, que se chamam, para aproveitamento das roupas marcadas, Maria Ernestina e Maria Ester.

Enriquecido súbitamente, o comendador entendeu de levar, um dia, para casa, um par de sapatos finos, destinados a dona Ermelinda. Satisfeitíssimo, com o ventre bojudo a abrir caminho como uma proa de

transatlântico, dirigiu-se a uma sapataria da rua do Ouvidor, e pediu:

— Veja-me sapatos para senhora; bonitos, bem bonitos.

— Quer Luiz XV? — indagou o empregado.

— Traga! — ordenou.

O moço trouxe o sapato, minúsculo, mimoso, delicadíssimo. O capitalista olhou-o, mas achando-o pequeno, exigiu:

— Está bem; dêste está bem; está é pequeno. Traga-me, dêste, mas que seja Luiz dezesseis, ou Luiz dezesseis e meio; ouviu?

E sentou-se, aguardando o sapato.

De outra vez, ao entrar em casa, o comendador encontrou as filhas tocando uma peça a quatro mãos.

— O que? — exclamou. — As duas tocando no mesmo piano?

— É um estudo a quatro mãos, papai, — explicou uma das meninas.

— Não quero saber disso! — Não quero saber disso! — atalhou. — Vou mandar vir outro piano. Seu pai é bastante rico para que as filhas toquem cada uma em seu piano, em separado!

O palacete do comendador, em Petrópolis, é uma verdadeira maravilha, adquirida a um fidalgo arruinado. Em frente à casa, existe um parque admirável, onde dormem, tranquilas, espiando o céu, as grandes

águas de um lago artificial. Em visita que fez, há pouco, ao capitalista, o dr. Leitão da Cunha ficou deslumbrado.

— Soberbo! — exclamou. — Isto é uma verdadeira Veneza? — Por que não põe aquí umas gôndolas, comendador?

O capitalista riu, envaidecido, e informou:

— Vou botar; vou botar, sim, senhor. Deixe estar! Eu já encomendei um casal, das grandes, das de raça!

E, enquanto falava, sorridente, acariciava o grande ventre, feliz, satisfeito, com as conchas das duas mãos...

LXIII

O COLAR DA VISCONDESSA

Quando o visconde partiu para o Egipto, onde o chamavam os graves interêsses comerciais da estrada de ferro de Alexandria, recomendou, insistente, à viscondessa:

— Olha, Margot, tem o máximo cuidado contigo mesma. Defende a tua virtude, o teu nome, a tua reputação, como se defendesses a própria vida. O menor deslize da tua conduta seria a perda irremediável de nós ambos. E a verdade, minha filha, tu bem o sabes, acaba, fatalmente, aparecendo.

Seis meses depois o visconde estava de volta, com a saúde alterada, mas, em compensação, com a fortuna reconstituída. Trocados os primeiros beijos, abriu um estôjo, tirou-lhe o conteúdo e, tomando-o nas mãos, chamou a espôsa em particular, dizendo-lhe:

— Êste colar, Margot, possui virtudes miraculosas. Estas pérolas, que o constituem, foram tiradas do fundo do Nilo, por sacerdotes de Osiris, em determinado dia do ano, e têm um mérito singular: postas ao

pescôço de uma senhora que tenha pecado contra a carne, na ausência do marido, tornam-se, de brancas, que são, em pedras vermelhas, denunciando, assim, a criminosa! Queres tu sujeitar-te à prova?

A linda viscondessa abriu o pequeno cofre da bôca em uma grande gargalhada cristalina, e como se nada temesse, começou a desabotoar o seu custoso vestido azul, para deixar a descoberto o maravilhoso colo de neve e rosa.

— Põe-me o colar — ordenou.

O visconde tomou a jóia pelas duas pontas, lançou-a, com as mãos trêmulas, ao lindo pescoço da viscondessa e, depois de mirá-la de frente, à distância, caiu-lhe amorosamente nos braços.

— Estás pura, meu amor! — bradou.
— As pedras continuam brancas, perfeitas, imaculadas! És digna, pois, dos mimos preciosos que a minha saudade te trouxe!

E atirou-se, risonho e feliz, pelas escadas, para ir buscar naş malas ainda fechadas, os objetos de preço que havia trazido. Assim, porém, que o visconde desapareceu na porta, a viscondessa chegou-se para um espêlho, e desatou a rir incontinentemente, pèrfidamente, com as mãos no rosto.

— Que é isso? Que loucura é essa? — indagou a marquesa de Santo Isidro, que

acabava de chegar. — Que te aconteceu, que estás rindo tanto?

A viscondessa contou à amiga o estranho prestígio daquelas pedras e, apontando, com o auxílio do espelho, para a parte posterior do colar, que lhe beijava as espáduas de mármore, chamou-lhe a atenção:

— Olha!

— Meu Deus! — exclamou a outra, juntando as mãozinhas enluvadas.

— Estas, dêste lado, parecem de lacre!

E desataram a rir, as duas...

LXIV

AVICULTURA

O telegrafista Serapião Matos havia sofrido desesperadamente com aquela ingratidão da mulher. Como admitir, efetivamente, que uma espôsa pudesse cometer semelhante indignidade, sabendo que o espôso vivia por longe, pelos sertões inhóspitos de Mato Grosso e do Amazonas, a lutar, como um louco, para conseguir, no Rio, o sustento da família? O golpe fôra grande, terrível, tremendo; e como precisasse de repouso, do leite de silêncio que jorra dos peitos maternos da solidão, o modesto funcionário seguiu para o interior de Minas a refazer-se de coração e de espírito na fazenda "Santa Engrácia", da sua tia materna, D. Florismunda Emerenciana dos Anjos.

A vida na "Santa Engrácia" era a coisa mais estúpida e deliciosa que já se inventou neste mundo. O gado, abundante, mugia pelas redondezas da casa. Os bodes, os carneiros, as galinhas, os porcos, os perús, eram em tal quantidade, e tão afeitos ao contacto da família, que não se podia

dormir nem de dia, nem de noite. E era na companhia dos porcos, das cabras, dos perús, das ovelhas e das galinhas que vivia o duas vezes desgraçado Serapião, quando, uma tarde, D. Florismunda, ou, melhor, tia Filô, o chamou para ver uma ninhada de pintos.

Eram vinte ou vinte e dois pintainhos penugentos, de côres variadas. Uns, eram alvos como algodão, assemelhando-se, quando corriam, a pequenos flóculos voejantes, carregados suavemente pela brisa. Outros, eram pretos, de biquinho alvo como dois pedacitos de marfim. E outros, ainda, cinzentos ou amarelos, mas todos ligeiros, vivos, pipilantes, acorrendo com solicitude ao mais ligeiro chamado de Mme. Chantecler.

— São todos irmãos? — perguntou Serapião à tia, lançando-lhes um punhado de milho miúdo.

— Todos; são todos da mesma ninhada — confirmou a veneranda senhora.

— E da mesma galinha?

— Por que não? São da mesma galinha e do mesmo galo. É um casal de aves de raça que eu tenho aí, e que está separado naquele poleiro para não se misturar...

No dia seguinte, à tarde, o telegrafista Serapião desembarcava na Central, com a maleta na mão direita e uma gaiola de pin-

tos na esquerda. E meia hora depois, na sua casa da cidade velha, apertava êle, chorando, o seu bico de gallo branco à cabeça escura, e muito diferente da sua, do pintinho cinzento, e nanico, que encontrara no poleiro, uma semana antes, de regresso de Mato Grosso...

L X V

O H E R Ó I

A tranquilidade desfrutada pelo Brasil nestes últimos cincoenta anos, durante os quais não houve a menor interrupção das nossas relações internacionais, tem contribuído para que a carreira dos nossos militares se desdobre serenamente, pacificamente, e para que êles cheguem à velhice, e aos mais altos postos, sem uma única cicatriz conquistada nos campos de batalha. Se é a paz, na expressão de Tibulo, o nume que amadurece a vinha e abarrota os celeiros, não é a outro que os guerreiros devem, geralmente, as lamentáveis perturbações do seu destino glorioso.

Essa circunstância, que a nação públicamente bendiz, mas que os militares, se quiosos de renome e de glória, intimamente amaldiçoam, tem contribuído para que seja motivo de espanto, de estranheza, de curiosidade, a presença, às vezes, na rua, ou nas páginas das revistas, de um militar condecorado. Quando aparece na rua, ou nos jornais, um homem fardado, as informações sôbre êle são ordinariamente estas:

— É o coronel que toma conta do depósito de materiais!

Ou:

— É o major que secretariou o Comando da 2.^a Região.

Ou, ainda:

— É o capitão que leciona no Colégio Militar.

Eu supunha, como toda a gente, no meu ceticismo, que não havia mais, no Brasil, um único soldado com grandes feitos militares, quando, há dias, abrindo um jornal, vi, nele, na terceira ou quarta página, o retrato de um oficial de gesto arrogante que se exhibia, fardado e armado, com toda a marcialidade do porte.

— Quem é êste? — perguntei, interessado, enquanto procurava o monóculo, a uma das minhas sobrinhas.

— É o general Amâncio, meu tio, — respondeu a menina.

— E que foi que êle fez para sair no jornal?

— Tomou Fenopol.

— Como? — indaguei, dando um salto da cadeira, no meu insopitável orgulho de brasileiro.

— Tomou Fenopol! — tornou a menina.

— Fenopol? — bradei, entusiasmado.
— É cidade da Rússia ou da Rumânia? E
êle tomou-a?...

A menina sorriu, compadecida, e corrigiu o meu engano:

— Não é cidade, não, meu tio; “Fenopol” é um remédio contra reumatismo...

Eu desmaiei, na cadeira.

L X V I

“SOUTIEN GORGE”

Um dos fatos que mais me despertavam o entusiasmo pela educação física da mulher moderna, era a elegância do busto, a graça jovem do colo, que eu observava, ultimamente, na Avenida. A princípio, supus que se tratasse dos resultados práticos dos Institutos de Beleza, e das pomadas por êles recomendadas; o sr. deputado Pereira Teixeira assegurou-me, porém, que o rejuvenescimento das mulheres provinha especialmente da ginástica, e, daí, a propaganda que eu andei fazendo, depois, do exercício corporal para as senhoras de todas as idades.

No meio de tudo isso, esperava-me, infelizmente, uma decepção. O coronel Malaquias Pereira, fazendeiro em Ribeirão Preto, é casado com uma senhora de quarenta anos, a qual se lamentava, inconsolável, da decadência do seu colo de rôla selvagem, que já não despertava a atenção dos que a olhavam na rua. Vaidosa, a elegante dama paulista consultou, um dia, uma das suas amigas, que lhe recomendou, de pronto, o remédio da moda:

— Olha, filha, o que está em voga, hoje, é um “soutien gorge” à Belmira de Almeida. É um encanto; pede isso, com êsse nome, em qualquer casa de modas, que ficarás outra.

No dia seguinte, o coronel entrava com a espôsa em uma casa da rua do Ouvidor, e pedia a novidade aconselhada. A modista tomou a medida de Mme. e, passadas vinte e quatro horas, o fazendeiro recebia no hotel um embrulho, cujo conteúdo atirava, com violência, para o quarto contíguo.

— Que é que continha o embrulho, coronel? — perguntei, na visita que lhe fiz, e em que êle me contava o caso.

— A tal cousa da moda!

— Que cousa era?

Êle foi buscar. Eram dois funís de papelão, de bico curto, com uns cadarços de sêda para amarrar nos ombros e nas costas!

Não seria engano da costureira?

LXVII

A FALTA DE HABITAÇÕES

Intimado a desocupar o cômodo em que residia no último “cortiço” da última rua de Botafogo, o tenente reformado Aristides Pinto de Oliveira saiu a procurar, pela cidade, uma casa, ou um pedaço de casa, em que se metesse com a mulher e os filhos. Em oito dias, úteis e inúteis, percorreu êle a Gávea, a Tijuca, o Andaraí, o Leme, São Cristóvão e Copacabana, sem encontrar um único telheiro desocupado. Palácios, palacetes, prédios de vila, casas para cachorro, jaulas para feras, gaiolas para papagaios, tudo, possuía, já, os seus moradores. Desiludido de encontrar um refúgio na terra, o Tenente Aristides resolveu apelar para o céu; engoliu, militarmente, um vidro de lisol, e morreu!

Estava escrito, porém, que o seu tormento não terminaria na morte. Separada do corpo, a alma do ilustre soldado moveu as asas imaculadas, e foi bater, cantando, louvando o Senhor, às resplendentes portas do céu.

— Perdoe, irmão! — respondeu-lhe, de dentro, a voz de S. Pedro. — Vá bater adiante. Aqui não há, sequer, um lugar. Está tudo tomado!

Debalde o Tenente Aristides aludiu às suas virtudes, à sua piedade, lembrando ao apóstolo que nunca, na terra, fizera derramar o sangue dos homens, nem, tão pouco, as lágrimas das mulheres.

— Eu sei... eu sei... — acudiu o chaveiro celeste; — mas, que eu hei de fazer, filho? A lotação, aqui, está completa!

Amedrontado com a idéia de ficar eternamente no espaço, o tenente teve uma lembrança audaciosa: voou para o Inferno e, atirando fora a grinalda de justo que lhe competia, bateu com fôrça no portão formidável.

— Quem vem lá? — trovejou uma voz soturna, partida de uma cova longínqua.

— É o tenente Aristides Pinto de Oliveira, que deseja um cômodo! — explicou do lado de fora, o viajante.

Um momento depois o portão enorme rangia fragorosamente nos gonzos, dando passagem aos chavelhos do Diabo.

— Que deseja? — tornou o bruto, com os olhos faiscando como duas forjas.

— Um cômodo... — gemeu o tenente.

Uma gargalhada, que mais parecia uma tempestade com trovões e relâmpagos, estalou pelo firmamento.

— Você está doido! — explicou o maldito. — As cavernas aqui estão cheias, repletas, ocupadas até à bôca. Imagine você que eu até já mandei para o céu, ontem, a Jeanne D'Arc, unicamente para dar lugar a um banqueiro, que me ofereceu "luvas"!...

E desatou novamente a rir, num riso enorme, cavo, profundo, que abalava a amplitude.

Vinte e quatro horas depois, um corpo que ia ser conduzido ao cemitério de S. João Batista começou a mexer-se no caixão, entre a alegria da família coberta de luto.

Era o tenente Aristides Pinto de Oliveira que voltava novamente à vida, desiludido de encontrar moradia no outro mundo.

LXVIII

O AMIGO WILLIAM

Uma das fortunas que o homem pode encontrar no caminho da vida é um amigo dedicado e leal. E foi uma felicidade dessa espécie que teve, na terra, “mister” Tomas Rodd, alto funcionário de uma das instituições bancárias mais poderosas do Rio.

Chamado às armas, para tomar parte na guerra contra a Alemanha, “mister” Rodd procurou o seu amigo William Fox, diretor de outro banco, e pediu-lhe que, na sua ausência, lhe olhasse constantemente para a mulher, que ficava inconsolável. A distinta senhora possuía, naturalmente, todos os recursos habituais à antiga vida do casal; convinha, entretanto, que uma pessoa da sua amizade lhe prestasse uma certa assistência moral, e esta só poderia ser William Fox que era, sem dúvida, o mais sincero dos seus amigos.

Fox ficou desvanecidíssimo com a demonstração de confiança, e agradecia-a vivamente ao camarada que se afastava para tão longe, a serviço da pátria, quando Rodd, com a familiaridade de costume, adiantou:

— Mas, olha, William, eu vou te fazer uma pequena recomendação. Tu gostas muito de contar anedotas picarescas, e eu te previno que não as deves contar à minha mulher na suposição de que lhe és com isso agradável. Mary é muito séria, muito recatada, e terias com certeza o desgosto de ver as tuas histórias mal recebidas por ela.

— Eu não lhe conto nem a do John Burn? — indagou William.

— Nem a do John Burn!

William Fox ficou ciente do caso e Tomas Rodd, acompanhado de duas malas e um cachorro, embarcou para a Inglaterra, onde foi incorporado a uma batalhão de infantaria, que realizou prodígios na França e na Bélgica. Terminada a guerra, voltou para o Rio, e, ao desembarcar, foi perguntando, logo, à espôsa:

— Como te tratou William?

— Admiravelmente, — informou “mistress” Mary; — um amigo digno de ti, e a quem deves agradecer a cortesia, a solícitude, o modo atencioso, enfim, por que veio por mim durante os dois anos de tua ausência.

Com essa informação unsuspeita, Tomas correu ao escritório do amigo, e, num abraço formidável, agradeceu-lhe o cavalheirismo com que lhe vigiara a espôsa, confortando-a carinhosamente enquanto êle andava por

longe. Custava-lhe a crer, entretanto, que William, tão jovial, não tivesse contado à sua mulher algumas daquelas anedotas irresistíveis que o tornaram conhecidíssimo no seio da colônia inglesa.

— Tu não contaste, mesmo, nenhuma das tuas anedotas a Mary, William? — indagou Tomas.

Fox olhou-o fixamente, e afirmou:

— Nenhuma!

Refletindo, porém, um pouco, resolveu ser franco, e acrescentou:

— Nenhuma, não; minto. Conteí uma: a de John Burn!

— Ela achou graça? — indagou o marido.

E William:

— Se achou graça? Quando eu lha conteí, ela riu tanto, tanto, tanto... que até rolou da cama!

Tomas Rodd voltou para a Inglaterra, no mesmo vapor, conduzindo, desta vez, onze malas e o cachorro.

LXIX

A NEREIDA

Entre as banhistas de Ipanema, nenhuma havia mais linda, mais simples, mais jovial. Quando ela se aproximava da praia alva para o banho matutino, as vagas precipitavam-se com mais fúria sôbre a areia, correndo ao seu encontro. E cada onda, voltando, deixava-lhe aos pés, como um ramalhete de flôres, um fervente punhado de espumas.

Alçando os braços claros, modelados em jaspe, com minúsculas incrustações de coral nas extremidades dos dedos, a nereida corria nas pontas dos pés pequeninos, atirando-se ao mar. As vagas envolviam-na, beijando-a, acariciando-a, disputando-lhe o corpo maravilhoso, na certeza de que não havia outra mais formosa, nem mais risonha, entre todas as ninfas do oceano.

Um dia, ao aproximar-se da praia ressoante, a nereida não ia só. Acompanhava-a um tritão jovem, de olhos negros e músculos poderosos, e que se atirou, com ela, no tumulto das águas verdes. As ondas, acorrendo

do oceano, lançaram-se, uivando, sôbre os dois namorados. E um momento depois, apenas um corpo, que era o da nereida, vinha pousar docemente sôbre a areia da praia, trazido, de longe, como o de Ofélia, nos braços carinhosos das vagas. . .

Êste ano não a vi mais, risonha e jovem, nos banhos matutinos. À tarde, fui, porém, até o fim da praia, onde uma grande pedra se levanta sôbre o mar. Desenhada no crepúsculo, cortado de cinza e sangue, uma silhueta se percebia, triste, no alto da penédia solitária.

Aproximei-me cauteloso.

Era ela que, em silêncio, olhando o horizonte ensanguentado, atirava, melancólica, punhados de flôres nas ondas. . .

L X X

DIVÓRCIOS

“O Jornal” traduziu, há dias, do “New York Times”, uma crônica interessante sobre alguns divórcios escandalosos levados a efeito poucas horas depois do casamento. Um dêstes é o de uma senhora, que, após o banquete de núpcias, divergiu do marido sobre as dansas do início do baile. Ele não queria dansar.

— É uma incivildade da tua parte! — exclamou a recém-casada, patenteando o seu gênio irascível.

— Incivil é a senhora! — retrucou o noivo, igualmente irritável.

O caso degenerou em escândalo, retirando-se o noivo com os seus convidados, enquanto que, em cima, a noiva, por picardia, mandava romper a orquestra e começar o baile. No dia seguinte estava desfeito o contrato.

Outro, um inglês, tomara com a espôsa o trem para a viagem de núpcias. Horas depois da partida, a dama queixava-se do ar frio, que entrava pela portinhola do carro.

— Fecha-a! — pediu.

— Não há necessidade, — obtemperou o noivo; — a noite está quente, abafada...

— Pois, olha, retrucou a recém-casada, que era viúva do primeiro consórcio, — o meu primeiro marido seria incapaz de fazer isso comigo. O que eu pedia, êle fazia logo!

O confronto intempestivo irritou o noivo, que, indignado, fez observações agressivas à companheira. Esta prorrompeu em pranto, em chôro grosso, e de tal modo, que os dois acabaram por saltar na primeira estação, de onde regressaram em carros diferentes, para estabelecer as bases do divórcio.

No Brasil, êsses distratos são raros, mas não são desconhecidos. E o que é mais lamentável é que são promovidos por motivos infinitamente mais curiosos e imprevistos, como, por exemplo, o que dissolveu, há poucos meses, o lar, ainda em construção, do sr. Sebastião Altino de Moraes, antigo funcionário da extinta Diretoria Geral do Serviço Municipal de Extinção de Formigas.

Tendo perdido o emprêgo, de que jamais tomara posse efetiva, o sr. Sebastião de Moraes resolveu arranjar outro, que lhe pareceu vitalício: enamorou-se de Mlle. Idalina Augusta de Oliveira, professora pública municipal, que aliava às virtudes do coração e às graças da formosura os venci-

mentos de trezentos mil réis. A mãe da noiva supunha que o sr. Moraes ainda estivesse na Prefeitura, e, como a família fosse pobre, apressou o casamento, que se realizou três meses depois do noivado.

De regresso da igreja, onde se acabavam de unir com o testemunho de Deus, vinha a moça contando ao marido os seus planos, os seus cálculos, os seus propósitos de vida simples e doce, quando, a certa altura, pediu:

— Uma cousa, porém, eu quero que me permitas, Sebastião. Eu ganho por mês, como tu sabes, trezentos mil réis. Eu era quem sustentava mamãe, que não irá morar conosco. Pois, bem: quero que concordes comigo para que eu dê a ela, do que eu ganho, uma mensalidade de cem mil réis. Consententes?

E encarando, risonha, o marido, que franzira a testa, ouviu dêste, estupefata:

— Mas, filha, eu não posso viver com duzentos mil réis!...

Nessa mesma tarde, a moça regressava, chorando, desiludida, para a casa materna. Perdera o marido, o noivo do seu amor, mas voltava ao lar, aos braços carinhosos da mãe, com os seus trezentos mil e poucos réis.

L X X I

O HOMEM QUE LIA NAS ALMAS

O tabelião Vicente Veloso havia sido vítima de uma congestão cerebral, quando, restabelecido em uma Casa de Saúde de Botafogo, notou em si mesmo uma assombrosa curiosidade: o seu cérebro refletia os pensamentos alheios, de modo a lhe permitir adivinhar, independente de contacto, as idéias mais íntimas que outros cérebros elaboravam!

— É um caso de vidência! — diagnosticou, sorrindo, o Dr. Juliano Moreira.

— É um fenômeno psicopático! — informou, interessado, o professor Austregésilo.

Os jornais comentaram o fato, divulgando a novidade, e não houve no Rio de Janeiro quem não invejasse a sorte do tabelião Veloso, o homem feliz e extraordinário que recebera o dom, verdadeiramente espantoso, de adivinhar os pensamentos dos outros.

— Se eu fosse o Veloso... — suspiravam os namorados ciumentos, duvidosos da sinceridade da noiva.

— Se eu fosse o Veloso... — lamentavam os comerciantes, os banqueiros, os corretores, suspeitosos da seriedade dos sócios ou dos colegas.

— Se eu fosse o Veloso... — pensavam os juizes, olhando, no receio de uma sentença injusta, o rosto enigmático dos acusados.

— Se eu fosse o Veloso... — exclamavam, enfim, as donas de casa, imaginando o que diziam delas, por fora, as amigas e as cozinheiras.

Restituído à família, invejado por todo o mundo, Veloso não era, entretanto, feliz. Logo ao chegar à casa, aguardava uma surpresa: sua mulher, D. Eduarda, ou melhor, D. Dudú, não estava satisfeita! Fitou-a, prendendo-lhe a cabeça nas mãos, e leu nos seus olhos, mascarados por uma alegria tumultuosa, êste pensamento monstruoso: “E o idiota não morreu!” Correu para a filha, e esta franziu a testa, numa expressão de contrariedade. Penetrou-lhe a alma. E outra surpresa: a menina desejava-o morto, para, sem entraves, sem conselhos, sem interferências incômodas, poder dansar, divertir-se, repetindo na vida as aventuras encantadoras dos últimos romances que lera!

Olhava-os, e recuava. O primeiro que lhe apparecera, sorrindo, fôra o seu substituto no cartório, o seu auxiliar de confiança. Fitou-o, e empalideceu: a alma do protegido

estava por trás do seu sorriso, maldizendo o médico e os deuses que haviam arrancado da cova aquele cadáver, cuja ressurreição lhe matava a esperança de um tabelionato efetivo.

Restava-lhe, no entanto, uma esperança: o Albano Marques, seu amigo de infância, seu confidente, coração de santo, alma de ouro, caráter incorruptível. Abrir-se-ia com êle, contar-lhe-ia tudo... Deu ordens ao criado, e trancou-se no escritório. Passados dois minutos, bateram. Abriu.

— Albano! — gritou, caindo-lhe nos braços.

E repeliu-o, num gesto brutal. No cérebro do seu melhor amigo, via, nítido, perfeito, em trajes íntimos, o retrato da sua mulher!

Num impulso violento, empurrou o amigo para fora da sala, trancando-se por dentro. À ultima volta da chave, sucederam um instante de silêncio e, depois, um estampido.

A família acorreu, aos gritos, e, com ela, os criados. Arrombaram a porta.

No chão, com um filete de sangue escorrendo da boca sôbre o colarinho alvo, jazia, morto, o homem mais invejado do Rio de Janeiro...

L X X I I
A H E R O Í N A

Acocorada no orifício que servia de porta à rude cabana do seringal, de que era o último dos moradores selvagens, a velha índia fumava o seu longo cachimbo entupido de fôlhas, quando estendeu o braço, dizendo-me:

— Foi alí, meu senhor, nas águas daquela grande lagoa, que as virgens da minha tribo desapareceram, todas, depois da chegada dos brancos.

— Afogadas? — indaguei, interessado.

— Devoradas, meu senhor.

E, atijando, com o dedo escuro como um graveto, o fogo do cachimbo, começou a revelação:

— Era costume da tribo a que eu pertencia levar as moças àquela lagoa todas as vezes que o cajueiro se cobria de flôres. Naquelas águas havia, então, uma cobra enorme, de grande bôca e grandes olhos, que ia devorando as donzelas à medida que se iam tornando indignas da pureza da lagoa, que era, por graça de Tupã, protegida da Lua.

— E as donzelas, que rumo tiveram elas? — perguntei.

— A cobra as comeu, meu senhor.

— Escapou, então, unicamente, você?

— Eu só, meu senhor!

A minha curiosidade ia registrar o fenómeno, para glorificação da heroína, quando a velha acentuou, melancólica, chegando uma brasa ao cachimbo:

— Eu nunca entrei na lagoa...

L X X I I I

AS ROSAS DE S. SÉRGIO

Tombado das graças de Maximiano, de quem fôra secretário e amigo, jazia o moço romano, naquela prisão longínqua, em terras do Oriente, para que Antíoco, brutal, severo, deshumano, mudasse, de novo, a orientação religiosa do seu espírito.

Do antigo cavaleiro restava apenas a memória. Penetrando-lhe o coração como o fio d'água penetra o rochedo, a palavra dos evangelistas havia feito brotar nele uma vegetação suave, que o enchia de uma frescura inocente, como jamais conhecera. Que lhe importava o corpo estrelado de chagas, se o céu lhe mostrava, também, à noite, a chaga de ouro das estrélas? Que adiantava à gloria do Imperador e dos seus ídolos aquela punhalada que os guardas do templo de Júpiter lhe haviam vibrado no peito, se o firmamento lhe dava, diàriamente, a lição luminosa da coragem, da resignação e da fortaleza, mostrando-lhe, alta e dourada, a ferida rutilante do sol?

Diariamente, obedecendo às determinações austeras de Roma, ia o prefeito de Maximiano à prisão do mártir, insistindo, entre ameaças:

— Cavaleiro, renegas, ainda, os deuses que fizeram a glória do Império?

Sérgio, quasi nu, com a barba e os cabelos empastados pelo suor, atirava-se de joelhos no subterrâneo imundo, e, de mãos postas, punha-se a rezar aflitamente. Era esta, todos os dias, a sua resposta invariável, após a qual os soldados o arrastavam do calabouço para o pátio, martirizando-o a vergastadas, até que as pérolas do seu suor se misturassem, nos andrajos, ao fervente coral do seu sangue. Em seguida, os carrascos o atiravam no catre, onde as estrêlas lhe iam embalsamar as feridas, escorrendo, brandas, pelos interstícios de uma grade cravada no muro.

Um dia, por instrução do Imperador, devia Antíoco fazer a última tentativa, para que o mártir abjurasse a religião nova: Sérgio devia calçar duas sandálias guarnecidas internamente de pregos agudos, e correr com elas em tórno da cidade, vergastado por dois centuriões.

Era quasi noite, quando o mártir foi trazido à presença do Prefeito, na porta de Herodes, em Antióquia.

— Romano, — bradava Antíoco — responde-me, pela última vez: renegas ainda os deuses eternos que fizeram a glória dos teus maiores?

Sérgio quis ajoelhar-se, e rezar, mas quatro braços o detiveram, esmagadores, atirando-o, de costas, na areia solta do campo. As sandálias ponteadas de ferro foram-lhe calçadas, e, posto novamente de pé, mandaram-lhe que corresse.

E Sergio pôs-se a correr, custodiado por dois soldados, que corriam com êle, um de cada lado, vergastando-o. Com a vertigem da carreira, as pernas pareciam-lhe mais rápidas, os pés mais leves, o corpo mais ligeiro. Em certo momento, porém, olhou para trás: na estrada poeirenta, de areia frouxa, os seus pés iam deixando um carreiro de sangue, que gotejava dos pés despedaçados. E de um lado e do outro dêse fio sangrento, alinhavam-se outros dois, traçados na terra movediça pelo suor que tombava do rosto dos centuriões.

Novas vergastadas fizeram-no olhar para a frente, e o santo continuou a sua carreira cada vez mais rápido, mais leve, mais ligeiro. Algumas horas depois, contornados os muros, tombava o mártir, inanimado, aos pés de Antíoco, no mesmo lugar de onde partira, em frente à porta de Herodes.

Na manhã seguinte, a população da cidade saía, assustada, para ver o prodígio. Em tôrno de Antióquia, em toda a extensão das muralhas, florescia um grande carreiro de rosas vermelhas, defendidas, de um lado e de outro, por duas cêrcas de espinhos...

LXXIV

ECONOMIA

Na formidável oração em que o Dr. Eliseu Cesar defendeu, anteontem, no Juri, um official do Exército, acusado de uxoricídio, acentuou o maravilhoso tribuno a parte que tinha no crime a sociedade que procurava, agora, condená-lo. Forçado a condescendências levianas, permitira o tenente à espôsa a visão de uma vida de luxo condenável, que o mundo reclama aos seus devotos; e quando quis despertar, era tarde; a sua honra havia sido transformada em lama, e a lama em ouro, para compra de sêda. E a sêda, no fim de tudo, ficou ensopada de sangue.

A maior parte dos crimes como êsse que os jurados agora julgaram com certa benevolência, têm a origem, como se tem visto, na vaidade das mulheres, auxiliada pela longanimidade dos maridos. É o espôso, e não a mulher, que estabelece os alicerces do lar. Sem marido tolo ou viciado, não há espôsa claudicante. O mosquito só prolifera onde existe água corrupta. O que é preciso é, pois, sanear o pântano.

De que é o marido, geralmente, o modelador da alma da companheira, principalmente quando esta é jovem, há uma infinidade de provas claras, de documentos irrecusáveis, de exemplos elucidativos. O caso do Dr. Francelino Pereira Alves é sobejamente conhecido no Rio de Janeiro para ser, agora, explicado com redundância.

Quando Mlle. Clarinha Van-Speck se casou com o Dr. Pereira Alves, não havia, no Rio de Janeiro, moça mais perdulária, mais gastadeira, mais pesada, enfim, à bolsa dos pais. Vestidos, jóias, teatros, viagens à Europa, tudo isso eram abismos abertos sob a sua mão pequenina, permanentemente disposta a esbanjar. Com o casamento, porém, a moça ficou inteiramente muda. Usurário, mesquinho, sovina, agarrado ao dinheiro, o Dr. Alves ensinou à mulher as virtudes da parcimônia, da poupança, da economia intransigente.

— Economia, minha filha, economia! — ordenava-lhe o marido; — economiza o que for possível: saúde, vestidos, dinheiro, enfim, o que pudeses economizar!

Espírito maleável, D. Clarinha acolheu com entusiasmo o conselho do espôso. Em casa, para poupar-lhe o bolso, não lhe reclamava um níquel, sequer, para o bonde. Vestidos, economizava-os de tal modo que nunca mais os pediu ao marido, sem que deixas-

se, entretanto, com isso, de os ter sempre novos e numerosos. A influência do Dr. Pereira Alves sôbre a espôsa tornou-se, enfim, tão absorvente que, um dia, ao entrar êle em casa, a encontrou na sala de jantar sentada nos joelhos do seu amigo, o tenente Alfredo Sampaio.

— Miserável! — bradou-lhe o marido, supondo-se ultrajado, e avançando, terrível, para ela.

A moça correu, porém, ao seu encontro, tomou-lhe a cabeça nas mãos, e explicou-lhe, ao ouvido:

— Filhinho, não te zangues! Eu sentei-me nos joelhos dêle, para... não gastar os teus!

O doutor sorriu, satisfeito, espetou o chapéu na cabeça, e saiu...

L X X V

A PIEDOSA MENTIRA

Um dos filmes mais interessantes que o Cinema Central forneceu ao público da cidade, desde a sua inauguração, foi, sem dúvida, a “Casa sem filhos”, exibida na segunda metade da semana passada. O tema é, em essência, a história de uma senhora artificialmente estéril, que toma a seu cargo, na ausência do marido, uma criança de outro casal, criando-a como sua. O espôso, que ansiava pela santa ventura da paternidade legítima, fica satisfeitíssimo com a frutificação de sua árvore, cujo pomo, entretanto, se desprega do galho falso no momento, exatamente, em que vai ser apurado o mistério do enxêrto.

Êsses expedientes das mulheres esper-tas podem dar, no entanto, resultados deploráveis como aquele caso da baronesa de Almeida Couto, que tanto abalou o Rio de Janeiro no penúltimo ano da monarquia.

Entre os casais ilustres que davam brilho à Côrte dos Braganças, em 1888, estava,

no Rio, o dos barões de Almeida Couto, cujas condições de sangue, de espírito e de fortuna eram, aquí, das mais assinaláveis. Duas preocupações escureciam porém o coração dos fidalgos: o ciúme do barão, um ruivo Otelo de suíças britânicas, e a esterilidade da baronesa, virtuosa Desdêmona de olhos escuros como o destino. Um dia, na suposição de que o espôso se tornaria menos ciumento, pensou a fidalga no recurso de um embuste inteligente, aproveitando a ausência do barão para dar-lhe, a êle, a glória de uma suposta paternidade.

Em 1887, estava o ilustre político liberal em Sergipe, onde havia assumido a presidência da província, quando recebeu a notícia de que a mulher tivera um filho oito meses depois da sua ausência. Pletórico de felicidade, embarcou Almeida Couto, imediatamente, para o Rio, onde a baronesa havia entrado em acôrdo com o casal Constâncio de Faria, que lhe cedeu, para a comédia doméstica, um filho recém-nascido.

No Rio, o ciúme do barão encontrou alimento fácil na fisionomia do filho.

— Que linda criança! — diziam todos; — Mas... é a cara do Dr. Constâncio!..

Um dia foi a rua das Laranjeiras alarmada por um grito de terror, seguido de correria. Os moradores precipitaram-se, afli-

tos. No palacete dos barões de Almeida Couto, destacando-se num lago de sangue jaziam, estertorando, dois corpos apunhalados!

A baronesa pagara com a vida o preço da sua mentira...

LXXVI

O A D V O G A D O

Há indivíduos na sociedade cuja inteligência, obcecada pelo egoísmo, pelo interesse mesquinho e pessoal, não compreende nem admite, mais, na vida, os gestos generosos. As atitudes perderam, para êles, o valor próprio, e são assumidas unicamente quando lhas ditam as conveniências. As moedas do Bem e do Mal perderam nas suas mãos o cunho próprio, que êles gravam, indiferentemente, no ouro ou na lama.

Na última quarta-feira, à tarde, eu fui testemunha involuntária dessa verdade. Estávamos eu e o Dr. Anibal da Cunha no escritório dêste advogado, onde me haviam levado uns papéis de inventário, em que figurou como testamenteiro, quando entrou na sala um ancião de fisionomia severa, que pretendia fazer uma consulta urgente. Como eu não tivesse pressa, afastei-me discretamente, dando lugar ao recém-chegado.

Tratava-se da leviandade de um rapaz e de uma senhorita, no último dia de Carnaval. O ancião informou, mais ou menos, o

caso grave, concluindo por explicar ao advogado:

— O rapaz, doutor, é meu sobrinho. Eu sou um homem de fortuna, e não pouparei sacrifícios para evitar um escândalo.

O Dr. Cunha torceu as mãos, traíndo um contentamento íntimo, e, antevendo os lucros de uma causa excelente, afirmou, pronto:

— Não há dúvida, comendador; esteja tranquilo. O rapaz não casará!

— Como? — brada o velho, pondo-se de pé, com o rosto escaveirado pela indignação.

— Sim, — insistiu o Dr. Anibal; — o seu sobrinho não se casará. Inventá-se uma infâmia, uma calúnia, uma testemunha falsa, e livra-se o rapaz de um casamento indigno.

— Mas... a moça é minha filha! — soluçou o velho.

E caiu pesadamente na cadeira, com o rosto nas mãos.

L X X V I I
H I P N O T I S M O

Quando d. Ernestina comunicou ao marido que êle ia ter, enfim, a alegria de ser pai, o velho magistrado ergueu-se, rápido, da cadeira, indagando, com os olhos fuzilantes de cólera:

— Isso é verdade?

— É verdade, Filomeno.

As barbas do ancião estremeeceram, ríspidas como um punhado de relvas selvagens soprado repentinamente pelo vento, e a sua bôca, feroz, ameaçou:

— Se essa infâmia for verdade, nunca mais me verás nesta casa!

E parando, de pé, com o dedo espetado no espaço, repetiu a ameaça:

— Nota bem: nunca mais me verás nesta casa!

Dias depois, confirmado o diagnóstico injustificável, o desembargador Filomeno desapareceu, efetivamente, da cidade, deixando de luto a magistratura, e aos gritos, em horríveis ataques histéricos, a inconsolável d. Ernestina.

L X X V I I I

FUTEBOL

Houve um tempo em que tudo, no Rio, tinha por padrão o jogo do “bicho”. Qualquer sonho, qualquer palavra, qualquer gesto, era um palpite, que se transformava em número, e o número em grupo, e o grupo em um dos vinte e cinco animais enjaulados na famigerada combinação lotérica.

— Quantas pessoas morreram hoje? — perguntava alguém, às vezes.

— Quarenta e seis, — respondiam.

E o jogador, pronto, aproveitando o palpite:

— Elefante!

Se eram moças que conversavam, e tratava-se de casamento, indagava uma:

— Que idade tem o noivo?

— Vinte e cinco anos.

— E tu?

— Dezessete.

E a maníaca, batendo as mãos:

— Esplêndido! Macaco e vaca!

Sujeitos havia tão obcecados pelo jôgo, que, apanhados pelas rodas de um automóvel, faziam questão de ver-lhe o número, menos pela idéia de denunciar o *chauffeur* à polícia, do que pelo desejo de aproveitar o palpite. Foi para um doente dessa espécie que um poeta, meu amigo, fez o seguinte epítáfio:

Quando êle, cumprindo a pena,
Se afundou na terra escura,
Jogou a alma na dezena
Da pedra da sepultura!

A mania, a idéia absorvente, é, hoje, o futebol. Tudo se reduz, atualmente, a *shoot*, a *team*, a *goal*, a *match*, a uma nomenclatura inglesa de efeitos rebarbativos, que constitue, entretanto, uma delícia para os iniciados. Ainda há três dias tive a oportunidade de verificar a influência do futebol, mesmo nos assuntos que mais lhe são opostos.

Era à noite, por ocasião de um incêndio à rua Sete de Setembro. Na Avenida, próximo do local do sinistro, o povo amontoava-se olhando o espetáculo apavorante, quando o Corpo de Bombeiros chegou, buzinando e tilintando. Em um momento, foram estendidas, na rua, seis linhas de mangueiras, atacando o fogo. E foi nesse instante, no mais grave e impressionante da tragédia, que eu ouvi ao meu lado, onde se

achavam diversos grupos de moças, esta observação imprevista:

— Olha, mana, bom agouro!

— Em que? — indagou a outra.

E a primeira, radiante, apontando as chamas e os bombeiros:

— Botafogo, 1; Mangueira, 6!

Era, realmente, o cúmulo!

L X X I X

PAGA O JUSTO...

O diurno paulista vinha, anteontem, no trecho da estrada em que principiam os túneis, quando a família se reuniu em dois bancos fronteiros. Em um dêles sentaram-se, lado a lado, o acadêmico de medicina Justo Fernandes e sua noiva, Mlle. Dagmar Almendra, de dezessete anos de idade e duzentos contos de dote. No outro, falando alto, estavam o Dr. Augusto Pinheiro, primo de Mlle. Dagmar, e um seu amigo, o sr. Ernesto Batista, jovem fazendeiro em Ribeirão Preto, que vinha ao Rio a negócios.

Com a travessura dos seus olhos e da sua boquita de cravina selvagem, Mlle. Dagmar subjugou, em breve, toda a comitiva. Cada um daqueles homens era um escravo daquele encanto. E nenhum tinha ciúmes do outro, porque cada um se julgava, entre os mais, o único preferido da moça. De repente, batendo as mãozinhas enluvadas, a linda viajante anunciou:

— Um túnel! Olhem, um túnel!

À frente do trem, em uma volta do caminho, a montanha escancarava, realmente,

uma grande bôca escura, pronta para engolir a locomotiva. A máquina começou a trepidar abafadamente, num ruído cavo, soturno, cada vez mais indistinto, e, em um momento, a treva envolvia o vagão. Era o túnel.

Passados três minutos, ao voltar a luz, a moça, corada de vergonha, applicava, indignada, um beliscão no braço do noivo.

— Mau! — rugiu, zangada, a pequenina fera de olhos de ouro, censurando a audácia do noivo.

Diante dela, também com as faces vermelhas, o Dr. Augusto Pinheiro limpava, com o lenço, o seu rosto escanhado, em que se acabava de fixar, de repente, uma pequena mancha de pó de arroz...

L X X X
O S T R E Z E

Comemorando um acontecimento íntimo da sua vida laboriosa, o sr. professor Bruno Lobo ofereceu, há dias, um almoço copioso a um seleta grupo de amigos. Ao meio-dia, presentes os convidados, no salão de banquetes do “Sul-America”, o sr. professor Roquete Pinto contou as pessoas da mesa :

— Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze!

E concluiu :

— Há treze pessoas à mesa! Um de nós tem de sair!

— Sair? — atalhou o anfitrião. — Daquí não sai ninguém. Nós não somos supersticiosos como aquele comerciante que eu conheci no Cairo, e de que me hei de recordar sempre.

— Que história é essa? — Conte... — pediu o Dr. Maurício de Medeiros, acomodando a pasta de papéis debaixo da cadeira.

O illustre diretor do Museu abriu o guardanapo sôbre os joelhos, firmou os cotovêlos na mesa e narrou :

— Quando eu passei pelo Cairo, há quatro anos, fui convidado pelo vice-cônsul do Brasil, o sr. Essad Nankzouli para um banquete de aniversário na residência de um seu amigo, Moamé Ascraf, negociante riquíssimo, e notável, principalmente, pelo seu catolicismo exagerado. Na ocasião do banquete, estávamos já em meio das iguarias, quando um dos convidados se pôs de pé, súbitamente, denunciando que éramos treze. Moamé ergueu-se, pálido, e contou. Éramos, realmente, treze! Os escrúpulos católicos do piedoso comerciante não viram, porém, o menor embaraço; a sua mão, trêmula, tateou a toalha da mesa, apertou, crispada, uma faca de trinchar crocodilo, ergueu-a no ar como um relâmpago e desceu-a, com todo o pêso do braço vigoroso, sôbre a clavícula de Essad Nankzouli, que se sentava a seu lado! O corpo do meu companheiro rolou, pesado, para debaixo da mesa, e o banquete continuou sem incidentes, com doze pessoas, apenas...

Quando o Dr. Bruno acabou de narrar essa história, eu contei, aflito, os meus companheiros de mesa. De treze, que éramos, estávamos reduzidos a cinco...

L X X X I

REVELAÇÃO

Uma das cousas que me entristecem, no Rio de Janeiro, é a falta de hygiene de certos bairros. A Cidade Nova, a Saúde, o morro de Santo Antônio, a Favela e alguns pontos de São Cristóvão acham-se em tal estado de desasseio, que a gente chega a não compreender, horrorizada, como é possível a vida humana em semelhantes aglomerações. E não foi para mover outro sentimento, que não o de piedade, que eu convidei, domingo último, o meu honrado amigo sr. Dr. Alfredo Gaspar, engenheiro da Prefeitura, para uma visita ao morro do Castelo.

A caravana, que era pequena, mas gentil, compunha-se de dois beduínos e uma huri: eu, êle e D. Carmen, sua excelentíssima espôsa, cujos olhos arrazam o coração de um homem mais ràpidamente do que as máquinas que se pretende montar, alí, para destruição da montanha. Cuidadosos, prudentes, pisando aquí, saltando acolá, a subida foi, para nós, mais penosa, talvez, do que a escalada do Himaláia. Duas horas depois

estávamos, porém, lá em cima, olhando a baía, a cidade e o faiscar das vidraças de Niterói, entre os sorrisos amarelos da formosa senhora, cujo coração amaldiçoava, com certeza, intimamente, o velho rabujento que se lembrara de semelhante excursão.

O melhor do passeio foi, no entanto, a descida, e isso por obra e graça de D. Carmen, que se tornou realmente encantadora na sua silenciosa indignação. Feita a escalada pelo lado de Santa Luzia, a volta havia de ser, para complemento do nosso plano, pela pequena ladeira que dá para a Avenida. Antes de chegarmos aí, tínhamos, porém, de atravessar algumas vielas infectas, atapetadas de capim, de cascas de frutas, de detritos intoleráveis. Com o lenço no nariz, D. Carmen não dava uma palavra. Apenas eu e o meu companheiro conversávamos.

— Êstes lugares, — dizia-me êle, — deviam ser respeitados, como relíquias, que são, do nosso passado.

E virando-se para a mulher:

— Olha, Carmita: foi aquí que morou o Mem de Sá.

— Quem? — indagou a moça, equilibrando-se com dificuldade sôbre os seus sapatinhos Luiz XV.

— O Mem de Sá.

D. Carmen fez um gesto de nojo:

— Também, que gôsto!

E com horror:

— Não sei como êle pôde viver nesta imundície!

Vermelho, com a vergonha na face e nos olhos, o meu amigo procurou disfarçar os conhecimentos históricos da espôsa:

— Aquí é bom, — acentuou. — A vista é bonita, o povo é pacato, a água é excelente. Apenas o ar, em certos pontos, é um pouco viciado.

D. Carmen sentiu chegada a hora da vingança:

— É por isso, então, que você gostou. O marido olhou-a, e ela, destemida:

— Você também não é?

O Dr. Alfredo, despeitado, mordeu a língua.

L X X X I I
O S O N H O

O Dr. Otacílio Fernandes roncava compassadamente no seu profundo sono da madrugada, quando acordou com uma forte pancada no meio da alcova. Assustado, lançou fora os lençóis, apertou o botão da electricidade, e, à luz da lâmpada, compreendeu o que acontecera: no centro do quarto, com os cabelos negros descendo em catadupas sobre a alvura do roupão de rendas, D. Ercília o olhava, de pé, com os grandes olhos esbugalhados.

— Iaiá, que é isso? — perguntou, assombrado, o pobre marido, sentando-se no leito.

A moça atirou-se, de um salto, na cama de casal, onde o espôso dormia sòzinho, e agarrando-se com êle e com os cobertores, gemeu, com o rosto nas mãos:

— Que sonho, Otacílio, que sonho o que eu tive!

E contou a visão do seu sono:

— Eu sonhei, imagina, que todos nós já tínhamos morrido há muitos séculos, e

estávamos nas nossas sepulturas, no chão, quando souou uma trombeta enorme, que abalava o céu e a terra. Eu, que estava reduzida a um monte de cinza, estremecei, no meu jazigo e ouvi, clara, uma voz apavorante, que partia de cima, e que ordenava, aterradora: “Homens e mulheres, que jazeis no fundo da terra! aqueles de vós que atraíram os maridos ou as espôsas, erguei-vos das vossas sepulturas, envoltos nos próprios sudários, para o julgamento final! Os puros, os virtuosos, podem continuar no seu repouso; os que pecaram, porém, contra a fidelidade conjugal, levantem-se do pó ao segundo chamado da trombeta, que é chegada a hora do castigo tremendo!”

— Ao ouvir o segundo clangor da trombeta, — continuou a moça, — eu percebi, no cemitério em que me achava enterrada, um barulho ensurdecedor: eram monumentos que se partiam, estalando as pedras, os tijolos, as lápides sepulcrais, para dar passagem aos seus antigos habitantes, que surgiam do solo, sinistros, escaveirados, cobertos de areia, arrastando pelo chão as suas grandes mortalhas de sombra...

— E então? — interrompeu o espôso.
— Como foi que acabou o sonho?

E D. Ercília:

— Como foi? Eu não vi o resto. Quan-

do eu dei por mim, estava aqui, de pé, no meio do quarto, abraçada com o lençol!

— Que horror! — exclamou, apiedado, o Dr. Otacílio.

E apertou a cabeça da mulher de encontro ao peito, como se a quisesse defender, magnânimo, das terríveis calúnias do céu...

L X X X I I I
O S E S P I N H O S

Discorrendo sôbre as pequenas intrigas do Olimpo, passeavam, uma tarde, pelas suaves campinas da Arcádia, cada qual mais linda, mais leve, mais encantadora, Vênus e Juno. À aproximação das deusas, os córregos paravam, admirados, na ânsia de lhes refletir a formosura inigualável. Pinheiros enormes, que jamais se haviam curvado à fúria das tempestades do outono, vergavam-se flexíveis, à passagem das duas rivais, como se Orfeu houvesse descido, de novo, domando as feras e abrandando as árvores, das cumiadas solitárias do Ródopo.

À sombra de um plátano rumorejante, em cujo âmago as hamadriadas precipitadamente se esconderam, Juno ouviu, trazido de longe pelos zéfiros fugitivos, os acordes tristes, saudosos, melancólicos, de uma flauta selvagem. As deusas pararam de repente, e Vênus suspirou, comovida:

— Se Adonis passasse, agora, por êstes caminhos...

— Para que? — atalhou a filha de Saturno. — Para que o visses doido de amor, entre as serpentes dos meus braços?

— Entre os teus? — protestou Vênus, recuando, enrubecida de cólera.

— Sim, entre os meus braços...

— Ele te ama?

— Adora-me!

— É falso! — bradou a mais formosa das deusas, com os olhos em chama.

Juno sorriu, zombeteira, e propôs, desafiadora, à formosa rival ofendida:

— Queres ver? Esconde-te, à sua aproximação, metamorfoseando-te, por exemplo, numa rosa, que é a mais inocente das flôres, e assiste, imóvel, ao meu encontro com êle em qualquer clareira solitária.

Nesse momento, ouviram-se, no bosque próximo, pequenos gritos de ninfas assustadas, que anunciavam, correndo em tumulto, a aproximação do mancebo maravilhoso.

— Esconde-te! Foje! Dissimula-te! — pediu Juno, aflita, à companheira e rival.

Vênus afundou os pés mimosos na umidade de um monte de relva, e, num doce milagre, foi o seu corpo se tornando, aos poucos, verde, como um caule de roseira. Ao mesmo tempo, como num encanto, o seu busto se transformou numa grande rosa orvalhada, que se curvou, balouçando, à margem do caminho.

Mal se havia consumado o prodígio da metamorfose, quando Adonis apareceu, perto, na orla do bosque.

— Meu amor! — gritou Juno, acenando-lhe com a mão tão alva como os lírios.

— Meu amor! — soluçou o semi-deus, correndo, como um gamo, ao encontro do seu corpo de fogo e neve.

Orgulhosa da vitória tão fácil, a deusa atirou ao pescoço de Adonis o colar dos seus braços tentadores, arrastando-o, pérfida, para junto da roseira em que Vênus se dissimulara. E aí recebeu na colmeia da bôca faminta, num enxame sonoro, infindável, ressoante, as abelhas de ouro de seu beijo.

Ao lado dos dois amantes, transformada em pequeno arbusto florido, Vênus sentiu que, a cada beijo, o seu ciúme se refletia, irritado, hostil, agressivo, na caule da planta em que se tornara. E tanto os dois se beijaram, sequiosos de amor, que, quando se separaram, o arbusto inocente estava coberto de acúleos ponteagudos, como as plantas amaldiçoadas dos deuses!

A datar dêsse tempo, as roseiras começaram a nascer com espinhos...

L X X X I V

O GRANDE PROBLEMA

Ontem à tarde, estava eu no cinema Central, quando se sentou diante de mim, na fila fronteira, uma senhora trajando tafetá azul. Atrasado em figurino, o seu vestido era enfeitado, ainda, de centenas de botões, que se enfileiravam, como formigas em marcha, pelos ombros, pela gola, pelas mangas, indo perder-se em baixo, na barra escura da saia.

Eu examinava, curioso, na penumbra, aquele formigamento silencioso, quando um dos botões, preso ao ombro do vestido, me interpelou, intrigado:

— Por que me olha com tanta insistência? Nunca viu, porventura, um botão de madrepérola?

Eu cheguei mais a cabeça, e expliquei-me:

— Tenho visto, sim; nunca os vi, porém, em tal quantidade, principalmente agora, depois que a moda lhes ordenou que se recolhessem aos quartéis...

O botão percebeu a minha ironia, e apressou-se em justificar-se:

— Eu compreendo o que o sr. quer dizer. O nosso lugar, efetivamente, não é mais aqui. Os botões já caíram da moda, como as missangas e os bordados de prata e ouro. Mas, que queria o senhor que nós fizéssemos, se não tínhamos para onde ir?

— Vocês? — exclamei.

— Sim. Então, o senhor não sabe que há falta de “casas”?

Nesse momento, acabava a terceira parte do filme. A luz encheu o salão, e eu fiquei cismando, no claro, sôbre êsse novo efeito da grave crise de habitações.

OS BENEMÉRITOS

Um dos meus amigos mais ricos e diletos, o conselheiro Domingos Gondin de Meireles, cuja fortuna está calculada em oito mil contos, emprega as sobras do seu dinheiro em duas cousas sagradas: socorrer os pobres e namorar as senhoras bonitas. Com êsse programa pacientemente traçado e cautelosamente executado, êle satisfaz, ao mesmo tempo, as fortalezas da alma, e as fraquezas do corpo, estabelecendo a seu gôsto o perfeito equilíbrio da vida.

— Esta mania de seduzir senhoras e meninas, — digo-lhe eu, às vezes, — vai ser a desgraça da sua alma, “seu” Domingos!

O sexagenário torce, porém, com a mão inteira, o seu comprido *cavaignac* reluzente de tintas, e redargue, num riso largo, mostrando uns grandes dentes de meia polegada:

— E as esmolas, “seu” Costa? Para que servem as esmolas? Se eu der esmolas e não pecar, fico com um crédito muito grande no céu, dificultando, depois, um encontro de contas!...

E, dando-me uma palmada na perna, continua a rir, mefistofélico, torcendo o enorme *cavaignac* pintado.

A filosofia do conselheiro Meireles não é, no entanto, original. Antes dêle, com o mesmo temperamento, já havia passado pelo Rio de Janeiro um outro devasso illustre, que as crônicas do tempo elogiosamente celebraram. Foi o marquês do Lavradio, cujo nome figura, hoje, nas esquinas de uma das ruas da cidade.

O marquês do Lavradio foi um dos emissários da metrópole que mais fizeram pela hygiene do Rio. Durante o seu vice-reinado as ruas da cidade foram expurgadas de detritos, de imundície, e postas, pela primeira vez, em suportável estado de asseio. Em compensação, o marquês cortejava todas as damas bonitas daquela época, metendo-se em aventuras amorosas que terminavam, geralmente, em escândalo.

Por êsse tempo havia aquí um louco, de nome Romualdo, com quem os garotos se divertiam, e que se encontrou, um dia, com o vice-rei. Com o seu costumado bom-humor, o marquês interpelou-o, jovial:

— Então, Romualdo, que se diz de mim, por aí?

— Muito bem e muito mal, meu senhor,
— informou o louco.

— Como. assim?

E Romualdo:

— Dizem que V. Ex. limpa as ruas,
mas suja as casas!

São dêsse gênero os beneméritos do
nosso tempo: diminuem o número dos ho-
mens que não têm pão, mas aumentam o das
mulheres que não têm honra.

L X X X V I

MME. GRIPE

Em dia dêste mês, acabávamos de almoçar, eu e o meu velho amigo o sr. visconde de Campo Formoso, no seu magnífico palacete do Flamengo, quando o respeitável titular me convidou:

— Vamos à Tijuca?

A tarde, que principiava a cair, estava quente, asfixiante, como só tive iguais em Marrocos, em 1896. As fôlhas de uma árvore fronteira à sala de refeições, fatigadas do esforço vegetal, abandonavam, uma a uma, o galho em que haviam brotado, e amarelecido, desprendendo-se, leves, em uma síncope da vontade e da seiva, para espalhar-se negligentemente no solo varrido.

— Estás vendo a lição destas fôlhas? — insistiu o velho fidalgo. — Elas nos estão dizendo que nós, fôlhas humanas, devemos abandonar também, a árvore da família, e ir por aí, à-toa, voar, refrescar, espairecer...

E, tomando o chapéu de palha, gritou-me, exumando-me do canapé em que a digestão me afundara:

— Vamos, ó preguiçoso!

Uma hora depois, quando o sol já declinava, alongando, na serra, a sombra do arvoredo luxuriante, o nosso automóvel subia, em marcha suave, a encosta da montanha. Em baixo, polvilhada de sol e de fumo, a cidade era um deslumbramento. Uma cinza de ouro elevava-se do casario incontável, como se uns pulmões de gigante soprassem, forte, a luminosa poeira do chão. Feridos de luz, os vidros dos grandes edifícios cintilavam, fulgiam, faiscavam, cortando a grande nuvem de poeira dourada com uma chuva de relâmpagos sucessivos.

De repente, penetrámos em um recanto da estrada, abrigados do sol pela sombra cariciosa da serra.

— Terra abençoada! — exclamou o visconde, passando o lenço de linho pela calva porejante de suor. — Terra abençoada, que, após o Inferno, lá em baixo, nos dá, sem o caminho pelo Purgatório, a delícia inocente do Paraíso!

Saltámos, e pusemo-nos a andar pela estrada, parando entre as árvores. E ia o velho fidalgo acender o seu segundo “havana”, quando estacou com o fósforo aceso, retirando o charuto da bôca:

— Olha, alí!... — gritou, apontando para dentro do mato.

Eu olhei no rumo do fósforo, e vi. Era um casal que visitava aquele salão da natureza carioca, trocando, de braço dado, as impressões panteístas do seu espanto. Ela devia ser linda. A saia de linho esvoaçante, vista, assim, por trás, era uma sucessão de folhos tufados com arte, dando a impressão de uma grande rosa de cálice voltado para a terra, e de que o busto feminino fosse, lindo e frágil, a haste delicada. Êle... Que tínhamos nós com êle?

Nesse momento, porém, a oreada, cuja cabeça era abrigada por um grande chapéu de palha da Itália, adornado com uma fita preta, voltou-se, repentina, para o lado em que nos achávamos. E foi uma surpresa para nós ambos.

— Ah!... — exclamei, incontinente, levando a mão à boca.

— Mme. Gripe! — trovejou, por seu turno, recuando, o visconde.

A oreada era, na realidade, assustadora. Magra e alta, com a cabeça redonda, de cabelos cortados à altura da orelha, o seu pescoço longo, fino, esguio, dava a impressão de um palito em cuja ponta se espetasse uma batata. Olhada de frente, com aquele decote, aquele pescoço e aquelas saias, dir-se-ia uma “põe-mesa”, um “louva-deus” branco e enorme, nascido, ali, num parto elegante da Natureza.

Mesmo assim, o visconde de Campo Formoso atravessou o ervaçal, indo beijar a mão de graveto do gafanhoto illustre, que o olhava, de olhos moles, da verde moldura da mata.

De regresso ao automóvel, eu perguntei curioso, ao companheiro:

— Mas, por que chamaste àquela senhora Mme. Gripe?

O visconde sorriu com a finura característica dos seus antepassados, e observou:

— Não sabes, então, uma cousa que é sabida por toda a cidade?

Eu confessei a minha ignorância lamentável, e êle explicou-me:

— Por três motivos, meu velho: primeiro, porque é feia, horrenda, pavorosa; segundo, porque todos fogem dela; e terceiro, porque, quem não a teve...

— Que é que acontece? — atalhei, voltando-me na almofada.

E êle, rindo:

— Está p'ra tê-la!

E olhando para trás, mandou tocar o automóvel, ladeira abaixo...

L X X X V I I

M A R O U F

O formoso poema árabe de Rabaud, cantado impecavelmente, anteontem, no Municipal, pela companhia Mocchi, é uma das obras de imaginação mais perniciosas que eu conheço. A piedade do gênio do Deserto, correndo em socorro do sapateiro do Cairo com a maravilha dos seus tesouros encantados, tem feito imaginar a muita gente que lhe pode acontecer o mesmo, no momento mais grave das aperturas financeiras.

O caso do Dr. Abelardo Macieira é característico dessa megalomania por sugestão. O Dr. Macieira, 2.º escriturário do Tesouro Nacional, tinha de vencimentos, mensalmente, cerca de seiscentos mil réis, que, reunidos a outros ganhos honestos no *poker* e no jôgo do bicho, perfaziam o total de um conto de réis, mais ou menos. Há dois anos, aquí, ou na Argentina, aconteceu ao moço funcionário assistir, numa grande montagem, ao "Marouf". E foi a sua desgraça: dentro de um mês, com a idéia de que os gênios benfeitores viriam em seu auxílio, es-

tava êle devendo cerca de trezentos contos de réis, que pagou, uma tarde, com a vida, endossada comercialmente por uma bala de revólver.

Êsse episódio doloroso, que me impressionou muito, vai ter, ao que parece, a sua repetição na pessoa ilustre do meu amigo Maximiliano Cordeiro. Êsse meu camarada, homem honrado e modesto, foi, quarta-feira última, ouvir a peça de Rabaud, e voltou, como o outro, impressionado com as caravanas do sapateiro. E de tal forma ficou êle sugestionado que, ontem, na visita que lhe fiz, já o encontrei profundamente modificado, com a absoluta convicção de que são dêle, realmente, os tesouros de Marouf!

Dois outros fatos justificariam, em poucos minutos, as minhas tristes suspeitas. À hora do chá, que estava demorando, êle gritou para o interior da casa:

— Elisa, põe o chá.

E adiantou:

— Olha, manda-o naquele serviço de porcelana da China, sôbre a mesinha de prata!

Instantes depois, vinha o chá, em louça de três mil réis a dúzia, ordinaríssima. O sugestionado não mostrou, no entanto, a menor surpresa, convencido, absolutamente, de que estava passando uma vida de sibarita.

Em certo instante, porém, o meu amigo franziu a testa, e gritou:

— Elisa?

A espôsa atendeu.

— Já viste a mantegueira de cristal como está partida? Como foi isso?

A mulher examinou a mantegueira de vidro, de oito tostões, e explicou:

— Ah! sabes o que foi? É que a criada lavou-a na mesma pia em que tu estavas lavando, hoje de manhã, aquele punhado de diamantes!...

Estavam malucos, os dois...

L X X X V I I I
H O M E N S . . .

Há dias, depois de uma festa de aniversário, na residência do comendador Francisco Emídio de Oliveira, o dono da casa ouviu, ao deitar-se, uns ruídos debaixo da cama.

— Quem está aí? — gritou o ilustre comendador, alarmado.

— Ninguém! — responderam, debaixo do leito.

Certo, assim, de que não havia ninguém no compartimento, o comendador apagou a lâmpada, e ia embrulhar-se para dormir, quando percebeu que alguém saía, de gatinhas, de sob a cama, procurando a sala de jantar. De um pulo, o velho pôs-se de pé, inundou a alcova com um jôrro de luz e precipitou-se pela porta, no encalço do intruso.

— Miserável! — berrou, apanhando pela gola da casaca um rapazola que estivera na festa. — Que fazes aquí? É com a minha mulher? É com a minha filha? É com as criadas?

E sacudindo o “almofadinha” pela gola:

— Confessa! miserável! Ou, então, mato-te!

O rapaz começou a chorar e, molhando a manga da casaca com as lágrimas que lhe rolavam em torrente, meteu as mãos no bolso e despejou-os.

Naquela casa de mulheres bonitas, o “almofadinha” havia ficado escondido unicamente para comer os últimos doces da mesa!...

LXXXIX

AS DEVOTAS

A irmandade de Santa Lúcia estava toda reunida em penitência na festa anual estabelecida pelos seus estatutos, quando frei Rafael chegou, com o seu burel escuro e as suas alpercatas humildes, ao edifício da grande instituição religiosa. À entrada do monge, dezenas de senhoras elegantíssimas, que alí se achavam em retiro espiritual, se puseram de pé, aflitas por beijar a mão calosa do varão piedosíssimo que tantos milagres havia feito, naquele ano, em todos os distritos de Petrópolis.

Risonho, afável, distribuindo bênçãos e palavras carinhosas por todas as devotas que alí o recebiam, o monge atravessou a nave entre duas filas de senhoras, encaminhando-se para o altar. Acabada a sua oração silenciosa, subiu ao púlpito, e, feito o sinal da Cruz, começou a prègar.

— Minhas filhas. Vou falar-vos, hoje, do pecado da Mentira. A mentira, inimiga de Deus, criação do Demônio, é um dos veículos mais temíveis da perdição da alma. E

é, também, o pecado que mais frequentemente promove, na terra, a infelicidade das criaturas. Mente o homem e mente a mulher. Mente o velho e mente a criança. Mente o rico e mente o pobre. O mancebo que diz a uma jovem que a ama, que a adora, que a estima sinceramente, sem ter consultado o coração, mente. A espôsa que sai a passeio na ausência do marido, mesmo para uma visita inocente, e, no regresso do espôso, diz que não saiu, mente. Mente a Deus quem se diz puro e tem a alma pesada de remorsos. Mente a Deus quem se diz jovem, e tem o duplo ou o triplo da idade que diz ter. Mente a Deus, em suma, quem disfarça as rugas da velhice, procurando no artifício, obra do homem, o simulacro da mocidade, que é, e será, sempre, eternamente, obra exclusiva de Deus!

O rosto pendido sôbre o peito, a cabeça coberta por lenços de sêda caríssima, as aristocráticas senhoras da Irmandade de Santa Lúcia meditavam, silenciosas, quando frei Rafael, após uma pequena pausa, continuou:

— Felizmente, para vós, e para a maior glória de Deus, o vosso coração está puro, limpo de mentira. E tal é a minha convicção, nesse ponto, que eu não me arreceio de fazer, hoje, uma experiência. A mentira do coração é de fogo e queima os lábios de

quem a profere. A bôca de quem mente enrubece de repente, após a intervenção de Deus. Eu vou invocar a piedade divina. Aquela de vós, pois, em cujo coração morar a mentira — mentira de amor, mentira de atos, mentira de interêsse — ficará com a bôca sùbitamente vermelha, manchada pelo sangue da alma. Ajoelhai-vos, pois, e orai!

E, ajoelhando-se, também, começou a dizer a oração prestigiosa.

As trezentas senhoras da Irmandade de Santa Lúcia inclinaram a cabeça e puseram-se a rezar. Quando terminaram, e levantaram o rosto, nenhuma, em toda a assembléia tinha os lábios vermelhos.

Frei Rafael, de olhos erguidos, juntou as mãos, rendendo graças a Deus. Quando, porém, o sacristão, à tarde, foi varrer a igreja, reuniu a um canto da nave trezentos lenços besuntados de *rouge*.

X C

OS CRAVOS

— Meu marido, — afirmava Mme. Bezerra da Cunha, — é um homem sério, é um homem puro, um espôso exemplar!

— E se eu te provasse o contrário? — observou Mlle. Adalgisa Moreno, maliciosa.

— Não mo provarás nunca! — assegurou a virtuosa senhora, sorrindo com superioridade.

Sábado último, pela manhã, foi Mme. Bezerra chamada ao telefone. Era Mlle. Moreno que a convidava para irem ambas, à tarde, ao cinema.

— Onde? — indagou.

— Ao "Pathé".

— A que horas?

— Às cinco.

— Está combinado.

Às quatro horas, em ponto, metidas no mesmo automóvel, a caminho da Avenida, Mlle. contava à amiga o seu plano.

— Sabes? Fiz hoje uma pilhéria que nos vai divertir muito.

E explicou, calçando as luvas:

— Eu telefonei, hoje, para uma dúzia de cavalheiros muito sérios, de conduta irrepreensível, dizendo-me apaixonada pelo nome dêles. Para efeito do meu plano, disse a cada um que não o conhecia pessoalmente, e que fosse hoje, às cinco horas em ponto, ao “Pathé”, levando na mão um cravo encarnado, para que eu o reconhecesse. Eu também me daria a conhecer por um cravo da mesma côr, que levaria na mão.

— Esplêndido! — exclamou Mme., antegozando o efeito da pilhéria da amiga. — Tu tens cada uma!

Às 4 3/4, ao penetrarem na sala de espetáculos, Mlle. apontou à companheira três cavalheiros que alí estavam, aflitos e desconfiados, com o seu cravo na mão.

— O Dr. Goulart de Andrade! — exclamou, esbugalhando os olhos, a distinta senhora, levando a mão à bôca para conter o seu espanto. — O senador Elói de Souza!... O marechal Silva Pessoa!... Meu Deus!...

A máquina carimbadora de bilhetes principiou a soar mais intensamente, e novos cavalheiros iam entrando, um a um, olhando para os lados, com desconfiança, balançando na mão, pela haste, o seu cravo vermelho. E Mlle. ia anunciando, em segrêdo, os recém-chegados, entre a admiração, cada vez mais incontida, da pobre senhora.

— O Dr. Austregésilo!

— O senador Eusébio de Andrade!

— O Dr. Pires do Rio!...

Às cinco menos dois, com a casa florida como para uma festa escolar, Mme. divisou à porta, com as mãos para trás, olhando aflitadamente para dentro da sala, o seu digno espôso.

— Ô Cazuza! — exclamou Mme.

O Dr. Bezerra da Cunha dirigiu-se, sorrindo, para a mulher, beijando-a com embaraço. Repentinamente, porém, Mme. estranhou:

— Que é que tens que estás escondendo a mão? Deixa-me ver!

E descerrou-lhe os dedos.

O Dr. Bezerra da Cunha apertava na mão com fôrça, os restos de um cravo encarnado...

X C I

DEBUSSY

Era meio-dia em ponto quando o maestro Barroso Neto chegou ao palacete da família Magalhães, em Botafogo, para ministrar a sua lição de piano à inteligência musical de Mlle. Nini.

— Entre, professor, entre para o salão de música, — pediu D. Orminda, desculpando a filha. — Nini não deve tardar. Ela foi à casa de uma das amiguinhas, aqui perto, mas já deve estar de volta. Entre!

O professor entrou para o salão e, como o deixassem à vontade, afundou-se, bocejando, em uma cômoda cadeira de couro, que foi, com certeza, no princípio do mundo, o berço maternal da preguiça. A tepidez do ambiente, a doçura do dia e o silêncio da casa, tudo isso convidava ao repouso, à calma, à meditação. Quebrando a harmonia daquela tranquilidade, só duas cousas o perturbavam no salão: o piano de estudo, que ria, escancarado, com todos os seus dentes de marfim, e o “Bob”, o cãozinho felpudo de Mlle.

Nini, que acuava, no soalho, rosnando, a cabeça de um leão do tapête.

Passado um quarto de hora, D. Ormin-da percebeu, da sala de jantar, o som do piano, que principiava a gemer, dolorido, na suave tristeza do dia. Sentou-se, comovida, a uma cadeira e pôs-se a escutar aquele tamborilar de sons, como se ouvisse, doce, grave, profunda, uma grande música religiosa. De repente, os seus olhos encheram-se d'água. E, encostando a cabeça na mesa de jantar, desatou a chorar, tristemente, dolorosamente, comovidamente...

Nesse momento, porém, chegou o Dr. Altino Magalhães, que, vendo a mulher naquêle estado, se atirou para ela, aflito:

— Mindinha! Mindinha! Que é isto, minha filha? Que foi? Que é que tens?

— Ouve! — disse a pobre senhora, sem conter as lágrimas, apertando-lhe o braço. — Ouve!

O Dr. Altino prestou atenção aos sons que vinham da sala, e, intrigado, indagou:

— Quem é?

E madame desatando em soluços:

— Debussy! É o professor Barroso que está interpretando Debussy!

Tomando pelo braço D. Ormin-da, que se dissolvia em lágrimas, o Dr. Altino aproximou-se, pé ante pé, do compartimento sagrado. E entraram, os dois, no salão.

Abusando do sono do professor Barroso Neto, que ressonava, profundo, afundado na cadeira de couro, o "Bob" passeava de um lado para outro sôbre o teclado do piano, a arrastar, vitoriosamente, como presa de guerra, a cauda do leão...

X C I I

NO REDONDEL

As arquibancadas fervilhavam de gente quando o toureiro penetrou no redondel. De calções bordados, jaqueta de veludo, cabeleira empoadada, e chapéu armado, a sua figura recordava, no garbo do vulto e na graça do gesto, os velhos tempos heróicos em que as farpas constituíam, brilhando ao sol, a expressão da mais perfeita galanteria. O marquês de Marialva não era, talvez, mais soberbo de maneiras. O coração, entretanto, sangrava-lhe dentro do peito, por ter encontrado a mulher, momentos antes, nos braços traidores de um companheiro!

Que é a mulher, porém, diante de um sonho de glória? Que vale a perfídia da criatura que se adora com toda a alma, ante o prazer, que êle sentia, de ser aclamado por milhares de bôcas, saudado por milhares de lenços, aplaudido por milhares de mãos? E o orgulho que lhe inflaria o peito, quando o touro lhe caísse aos pés, babando sangue, ferido certamente?

As trombetas clangoraram, anunciando a fera. O alçapão abriu-se e, cabeça ergui-

da, olhos fuzilantes, bufando alto, um enorme touro negro apareceu na arena, num atrevido gesto de desafio. As arquibancadas tremeram, rangiram, trepidaram, com o reboar dos aplausos, para, em seguida, caírem em silêncio tamanho, que se ouvia, quasi, a respiração dos espectadores.

O passo firme, o olhar seguro, sustentando a capa com a mão esquerda e tendo na direita, estendida, a espada de lâmina fina e faiscante, o toureiro marchou para o monstro. O touro levantou a cabeça formidável e nobre, e esperou o agressor. De repente, porém, soltou um urro soturno, atirou para o espaço quatro nuvens de poeira do solo, e começou a recuar. E como se tivesse medo daquele inimigo, tão terrível e poderoso quanto êle, foi recuando... recuando... recuando... recuando...

E saíu do redondel!

X C I I I

N A O N D A

Eu lia, ontem, como todos os dias, a secção religiosa dos jornais, para ver onde se reza missa e aprofundar-me no conhecimento das várias doutrinas que disputam a alma da humanidade, quando encontrei nas lições de “Evangelismo”, de “O Jornal”, a seguinte definição das sociedades humanas, fornecidas por Jan Vasely:

“Os homens são reunidos como as gotas da água no Oceano. Muitas delas devem formar de vez em quando uma onda, mas apenas feita, dispersam e deslizam-se para cá e para lá. Cada um fica fiel ao Oceano, mas nem um se sente ligado a qualquer comunidade alagada. Do contrário não seriam gotas — mas idiotas. Só a amabilidade abrange tudo”.

À noite, à mesa de jantar dos Almeida Matos, em Ipanema, eu repetia de memória as palavras dêste novo evangelista, quando uma formosa senhora que não me fôra apre-

sentada, e que eu soube, depois, ser a espôsa do Dr. Epaminondas Sampaio, resolveu contraditar-lhe a opinião.

— Há exagêro na definição, sr. conselheiro, — contestou. — O mundo não é um oceano, nem as sociedades uma vaga, nem o homem uma gota. O oceano é feito de gotas iguais, que se misturam, se conjugam, se confundem. E nós? Cada um de nós é diferente nos movimentos, nas origens, no destino. O homem difere do seu “semelhante” desde que nasce. Todas as gotas se parecem. Todos os homens são dissemelhantes, na fisionomia, no instinto, nos sentimentos.

E depois de um gole d'água, deixando cair duas gotas sôbre a lâmina de uma faca:

— Veja isto. Impelindo estas duas gotas, elas se confundem em uma única, perfeita, completa, igual. Onde já se viu, na terra, duas criaturas humanas que se confundissem tão estreitamente, de modo a se tornarem, depois, irreconhecíveis? Onde marido e mulher, gotas particulares, que se tornem indivisíveis e irreconhecíveis, perdendo a personalidade, na gota comum, que é o casal?

Nesse momento, o Dr. Epaminondas, que estava ao lado, curvou-se, carinhoso, sôbre as suas espáduas de marmore branco, e aparteceu, rindo:

— Nós, filha...

— Nós? — atalhou madame. — Duvido.

E com uma gargalhada maravilhosa, de meter inveja aos cristais da mesa, concluiu, mostrando os dentes miúdos — pérolas entre corais:

— Não! Isso, não! Não vou na “onda”...

E riu, de novo, num riso claro e puro, como se todas as taças, tocando-se, retiníssem ruidosamente na mesa.

O MARIDO DE PAU

— Belo nome o seu, D. Laudâmia, belo nome! — observou, grave, o desembargador Casimiro Mendonça, no salão dos Coelho Ferreira.

E insistindo:

— V. Ex. é a espôsa de Protesilau?

— Não, senhor! — atalhou a moça, ruborizada. — Eu sou espôsa do Dr. Evaristo Carneiro, médico da Santa Casa.

A resposta desconcertou o ilustre desembargador, que se viu na contingência de contar, inesperadamente, um velho episódio da vida dos gregos.

— Laudâmia, filha de Acasto, sucessor de Peleas, havia casado há pouco tempo, quando ficou viúva. Inconsolável da perda do marido, morto por Heitor, diante de Tróia, mandou fazer uma estátua de madeira parecida com o defunto, e não saía do seu lado, dia e noite, no leito nupcial.

A viúva Almeida Correia, que principiara a ensaiar uma ária ao piano, parou, de repente, a música, para prestar atenção à

conversa. Por essa altura, aproximou-se mais do magistrado, fazendo-lhe uma pergunta, que eu não ouvi. O desembargador satisfez-lhe, porém, a curiosidade, informando:

— Tiveram, sim, senhora; tiveram três!

E sorriram, os dois.

A GALANTERIA FRANCESA

Na reunião, ontem, da Comissão Central dos Criadores de Cavalos Puro-Sangue, à Avenida Rio Branco, vieram à balha, de repente, as gloriosas tradições da galanteria francesa, que constitue, hoje, como se sabe, a flôr da civilização ocidental.

— A França, nesse particular, é inigualável. . . — aventurou o capitão Carlos Eiras, batendo, forte, com o pé no soalho.

Nesse ponto, o Dr. Lineu de Paula Machado confirmou a asserção:

— Isso é verdade; pura verdade!

E fincando os cotovelos na mesa, documentou, entre o silêncio de todos:

— Quando eu estive, últimamente, em París, fui testemunha de um episódio comovente, que ainda hoje me enche os olhos d'água.

Limpou os olhos, e continuou:

— Os jornais haviam anunciado, com grande escândalo de adjetivos, que o governo, para dar uma severa lição aos maus patriotas, ia mandar guilhotinar um rapaz e

uma rapariga, ambos francezes, que se haviam posto à disposição do inimigo. No dia aprazado para a execução, a praça escolhida para o suplício estava repleta de gente, entre a qual me encontrava eu, ansioso, para observar a cena terrível. Às seis horas da manhã, em ponto, os condenados subiram ao mesmo tempo a escada fatídica, para serem decapitados pelo mesmo golpe do aparelho, sob duas lâminas de aço, postas uma ao lado da outra. A rapariga era formosíssima, e chorava comovidamente. O rapaz, altivo, com o rosto levantado, trazia na mão um lenço que não utilizava porque os seus olhos não tinham lágrimas. Em cima, no estrado, o carrasco segurou-os, colocou o pescoço da rapariga sôbre o cepo, fazendo o mesmo ao rapaz. Apertou, em seguida, o botão, e as lâminas afiadas, brilhantes, faiscando ao sol, desceram sôbre ambos vertiginosamente, como se fossem duas asas da Morte!

O sr. conde de Frontin torceu, nervoso, agitado, a corrente do relógio, e o dr. Lineu continuou:

— As duas cabeças, como se fossem dois frutos ensanguentados, caídos da mesma árvore, tombaram, no chão, separadas dos corpos. Foi aí, então, que eu presenciei o espetáculo comovente: o braço do rapaz decapitado, tendo ainda o lenço na mão crispada, estendeu-se, trêmulo, para a cabeça da

moça, e enxugou-lhe, na face, os restos da última lágrima!

Ao fim da narrativa, a Comissão Central dos Criadores do Cavallo Puro-Sangue, unânime, enxugou os olhos.

X C V I

O CIUMENTO

Senhora de uns lindos olhos escuros, D. Fúlvia era, em Petrópolis, no verão de 1918, uma das criaturas mais tentadoras que jamais apareceram por aqueles bicos de serena. Quando ela chegava, de manhã, à praça D. Afonso, manejando uma sombrinha es-carlate que lhe enrubecia o rosto moreno, as multidões elegantes levantavam-se na ponta dos pés, saudando-a unânimes, com os olhos famintos de beleza.

— É um encanto! — exclamavam, esfregando as mãos, os seus admiradores.

— É um escândalo! — rugiam os velhos, na incontinência do seu despeito irremediável.

Escandalosa ou encantadora, D. Fúlvia trazia Petrópolis sob o tacão dos seus sapatinhos 32, escorraçando os pretendentes encanecidos, desiludindo os candidatos imberbes e animando, apenas, com os olhos, com o sorriso e, mesmo, com a palavra intencional, a esperança de Edú Chaves, o conhecido aviador brasileiro. As relações entre ambos

tornaram-se, mesmo, tão íntimas, que a cidade inteira as comentava, tecendo em torno do caso uma infinidade de versões escandalosas.

E, entretanto, nada havia de mais falso, de mais contestável, de mais insubsistente, do que essas versões talhadas pela maldicência geral. E tanto o era, que Mme. Freitas Carvalho, que é uma autoridade nessas cousas, me afirmava, uma vez:

— É mentira, sr. conselheiro, é mentira! D. Fúlvia não pode, absolutamente, namorar. O marido é ciumentíssimo. É, mesmo, uma fera!

— Deveras? — interroguei.

E madame, confirmando:

— Trá-la debaixo de “chaves”!

Eu esfriei, até à espinha.

XCVII

OS IMUNES

Comentando, há dias, a propagação da meningite cérebro-espinhal, uma fôlha estranhou que a Saúde Pública não esclarecesse o povo sôbre os meios de contágio, para maior garantia da população. A gripe, toda gente sabe atualmente, entra-nos pelo nariz e pela bôca. Por onde nos penetra, porém, o organismo, atingindo a espinha e a cabeça, o terrível morbo que a Europa nos enviou?

Atendendo a essa interpelação da imprensa, um médico appareceu nos jornais vespertinos, e informou:

— Entra pelo ouvido. Lavai as orelhas, desinfetai o aparelho auricular, veículo principal dos micróbios que atacam a meninge!

Ontem, à tarde, estávamos tomando café, eu e o comendador Bernardo de Oliveira, em uma das casas especialistas da Avenida, quando o velho capitalista me mostrou, com um gesto, indicando o jornal.

— Felizmente, — disse-me — eu estou livre desta! É moléstia que só entra pelos ouvidos.

Eu o encarei, indagando:

— Livre, por que?

O comendador atentou para os meus lábios, estudando-lhes o movimento, e, certo de haver percebido bem o que eu dissera, explicou-me, num berro, apontando o ouvido:

— Sou surdo!

E engoliu o café.

XCVIII

DECEPÇÃO

Homem sério, pai de família modelar, espôso irrepreensível, o Dr. Altino Palmeira não se cansava de demonstrar à mulher o seu desejo, emanação de uma justificável curiosidade, de conhecer o “High-Life”, a famosa casa de diversões noturnas da rua Santo Amaro.

— Vai, Altino; podes ir. É uma vez só, não faz mal, — insinuava a espôsa, compadecida de tanta dedicação do marido.

— Não, sòzinho não vou, — atalhava o espôso. — Só irei em tua companhia. Dizem que aquilo é um foco de perdição para os homens que alí vão sem a mulher, e eu não quero, absolutamente, que pensem mal a meu respeito.

E ajuntava, compungido:

— Além disso, que prazer eu podia ter sem ti? Só a lembrança de que eu estava alí, em um lugar de alegria, de prazeres, de movimento, e de que ficavas em casa tão sòzinha, tão triste, tão longe de mim, tirar-me-ia toda a satisfação...

— Nesse caso, vamos qualquer noite dessas... — concordava D. Vivina.

Domingo último, adormecido em casa o Altinho, de três anos; a Lisete, de dois, e amamentado o Zèzinho, de onze meses, chegava o casal ao portão do “High-Life”. No jardim, o Dr. Altino parou, indeciso. Não sabia por onde se entrava.

— Não será por alí? — perguntou a espôsa, indicando uma alameda de rosas.

— Vamos ver...

E acertaram com o pavilhão, onde se dirigiram a um dos salões de jantar.

Escolhida uma das mesas para a ceia, olhavam, os dois, com evidente curiosidade, aquele ambiente inteiramente novo para ambos, quando um “garçon” se aproximou, sorridente, com um pequenino embrulho na mão.

— Boa noite, doutor.

— Boa noite, — gemeu o pobre marido, desconfiado.

E o “garçon”, entregando-lhe o embrulho:

— É o “pince-nez”, que o doutor esqueceu aquí, ontem à noite...

X C I X

O B A Ú

Não obstante os seus cincoenta e oito anos de idade, herõicamente conservados a tinta e pincel, o comendador Evaristo Sampaio acreditava-se um dos homens mais sedutores do Rio. Na pensão em que morava, no Flamengo, não havia senhora casada, solteira ou viúva, que lhe resistisse o magnetismo impressionante dos olhos. Por onde êle passava, as paixões despertavam, como por encanto. À semelhança de Adonis ferido, a deixar o caminho semeado de rosas vermelhas, a sua passagem era assinalada, na terra, por uma enorme sementeira de corações iludidos.

Informada dessa fraqueza do velho capitalista, deliberou D. Abigail de Andrade, uma das vítimas de suas levianas perseguições, prègar uma peça ao comendador. E para isso, pediu o auxílio do marido e dos irmãos, que lhe observaram, prudentes:

— Olha, vê bem o que tu vais fazer!

Nessa mesma tarde, à hora em que o Dr. Augusto de Andrade já devia ter saído

para o escritório, o telefone tilintou, insistente.

— Ah! é o senhor comendador? Boa tarde! — acudiu D. Abigail.

Entabulada a palestra, o quinquagenário voltou ao ataque. Desejava uma entrevista, um encontro a sós, em lugar oculto, discreto, retraído.

— Em minha casa serve? — propôs D. Abigail.

O capitalista aceitou, e a moça tornou:

— Então, está combinado. O senhor entra pelo portão que dá para a outra rua, e encontrar-nos-emos no salão grande, atrás da cozinha, onde há um depósito de malas. A entrada é independente e nós poderemos, aí, conversar à vontade...

No dia seguinte, pouco depois de duas horas da tarde, penetrava o comendador, pé ante pé, o jardim do palacete, cujo portão se achava encostado. Rodeando a casa com toda a cautela, foi êle ter à porta do salão das malas, onde entrou, sem ruído. Um instante depois, pela porta que dava para o interior do prédio, chegava D. Abigail.

— Comendador, que loucura! — exclamou a espertíssima senhora, simulando uma grande emoção.

O velho empertigou-se, abotoando o fraque irrepreensível, e ia encaminhar-se no

rumo da moça, quando esta, como num grande susto, abriu a bôca e arregalou os olhos, apavorada:

— Vem gente, comendador! Ouço passos! Meu Deus! Estou perdida! É meu marido... Esconda-se, comendador! Pelo amor de Deus, esconda-se!

O pobre velho, atarantado, corria os quatro cantos do salão sem acertar com a porta, quando D. Abigail abriu um grande baú de couro que havia a um canto:

— Aquí! Aquí! Depressa! Aquí, no baú da roupa suja!

O velho saltou, rápido, com chapéu e tudo, para dentro do baú cuja tampa caiu, pesada, sôbre a sua elegância alarmada. Quasi ao mesmo tempo, o Dr. Andrade entrava no aposento da mulher, indagando, em voz baixa:

— Está aí?

— Está, — respondeu, rindo, D. Abigail.

A essa informação, os três puseram-se a gritar, correndo de um lado para outro:

— Fogo! Fogo! Fogo na casa! Fogo! Socorro! Socorro!

A essas vozes, começou-se a ouvir um grito rouco, soturno, alarmado, vindo de dentro do baú. Era o comendador que berrava, desesperado, dando murros na tampa:

— Salvem o baú da roupa suja! Salvem o baú da roupa suja! Salvem o baú da roupa suja! Socooooorrrro!...

E calou-se.

O túmulo do comendador Evaristo, que eu visitei há poucos dias, está em São João Batista. É um mausoléu suntuoso, monumental, cujo defeito está, apenas, no tampo, que é, por mera coincidência, um pouco abaulado...

C

R E N Ú N C I A

A linda viúva Holstein, de trinta e quatro anos de idade, e que parecia não ter mais de vinte e oito, havia prometido ao jovem médico Silva Pereira a doce alegria de entregar-lhe a mão para um beijo naquela noite, na sua frisa do Municipal. Desde o primeiro espetáculo da temporada notara ela a insistência com que aquele rapagão de fisionomia tão distinta e de casaca tão irrepreensível, fixava o binóculo de madrepérola nos pontos em que ela se encontrava. A loura senhora, a princípio achava graça naquela teimosia; pouco a pouco, porém, foi moderando o simulado desprêzo com que olhava aquela impertinência, até que, há uns dez dias, aquiesceu em assestar-lhe a sua *lorgnette* de cristal e ouro, mostrando-lhe ao mesmo tempo, no entreaberto estôjo de púrpura da bôca minúscula, as pequeninas pérolas dos seus dentes. O moço inclinou levemente a cabeça num cumprimento respeitoso, e, uma semana depois, ficava estabelecida, por telefone, a suspirada permissão para aquele encontro galante.

O relógio grande da sala de jantar havia anunciado, já, com uma única pancada soturna, as sete e meia, quando a maravilhosa criatura, com os cabelos de ouro faiscando sob as quatro lâmpadas do salão de vestir, abriu o seu cofre de jóias, que uma criada segurava com ambas as mãos. Mergulhando os dedos na pedraria, começou a tirar, um por um, os anéis, os braceletes, os dois solitários dos brincos, e, enfim, comprimindo a mola de uma caixa carmesim, o seu soberbo colar de brilhantes, que lhe pôs, de pronto, em tórno do pescoço ebúrneo e modelar, uma estonteante cadeia de fogo.

Nesse instante, batem, de leve, à porta da alcova.

— Posso entrar, mamãe? — indaga, de fora, uma vozinha doce, como a dos serafins que falaram, do céu, pelo natal, aos pastores de Betlém.

— Entra! — ordenou a formosa senhora, voltando-se.

A porta abriu-se, e, nela, como um anjo de rosa e neve em uma grande moldura de fogo, surgiu, deslumbrante de beleza e mocidade, a lindíssima Elisabete, com todo o fulgor dos seus quinze anos incompletos.

— Estou bem assim? — disse, com graça, apanhando com as pontas dos dedos uma nesga do vestido de *faille* côr de rosa, bordado a ouro.

Ao rosto de Mme. Holstein subiu, de súbito, uma onda de fogo. O seu pensamento, armado de sete asas, voou, rápido, até à frisa do Municipal, onde se viu, como numa vertigem, suplantada pela filha aos olhos do Dr. Silva Pereira. Descerrando os olhos, que havia fechado para acompanhar o pensamento, respondeu à menina, que a olhava sorrindo:

— Vai, Bet, vai só...

E sentando-se no banco da penteadeira, a cabeça nas mãos, desatou a chorar.

CI

OS “TORCEDORES” DE CINEMA

Muita gente supõe, sinceramente, ou por perversidade, que o hábito, que têm certas pessoas, de chegar-se a outras durante as sessões de cinema, revela sentimentos baixos e intuitos mais ou menos grosseiros. Eu próprio acreditava nessa perversão, condenando enèrgicamente os indivíduos que se aproximavam da cadeira vizinha, pondo-se em contacto com a respectiva locatária. Ontem, porém, tive essa convicção abalada, e profundamente, pelo sr. Senador Alfredo Elis, que, com a sua autoridade de médico, me apresentava os seguintes argumentos:

— O contacto entre indivíduos próximos, nas multidões no escuro, é fatal, e necessário, sr. conselheiro. No claro, os indivíduos comunicam as suas emoções pelo olhar, pelo gesto, pela fisionomia; no escuro, não; no escuro, o único sentido para interpretar e transmitir os sentimentos, é o do tato, e daí a sua aplicação intensa no cinema, quando, na treva, os filmes começam a impressionar os espectadores. Quando o se-

nhor tem uma contrariedade, a que não pode dar expansão no momento, que é que faz? Torce as mãos, aperta os dedos, cerra os punhos, põe em função, em suma, o sentido do tato. É a mesma cousa que se dá no futebol, nas corridas, nos espetáculos de emoções violentas, — de onde nasceu, como se sabe, a denominação de “torcedores”, dada aos que não contém o seu entusiasmo. O “bolina” é, pois, o “torcedor” do cinema, e o seu crime consiste, apenas, em torcer a mão e o pé dos outros, em vez de torcer os próprios.

Eu ouvia, atento, essa explicação, e o Dr. Elis continuou:

— Há pessoas, que não podem passar sem “torcer” durante as sessões cinematográficas. Eu tenho um amigo, homem novo ainda, que vem todos os dias ao cinema e procura logo uma vizinha para “torcer”; se não encontra na primeira sessão, fica nervoso, e espera a segunda; e se na segunda tem o mesmo insucesso, não aguenta mais: corre à casa, e traz a mulher, que tem de suportá-lo pacientemente até o fim!

— São, então, os “torcedores”... — observei.

— Os “torcedores”, sim! — confirmou o senador.

E entrou no Pathé.

CII

O GUARDA

Quando o sr. Dr. Aurelino Leal chefiava, com discreção e elegância, a polícia civil da cidade, uma senhora conseguiu que lhe pusessem à porta um guarda civil, cuja incumbência consistia em proibir a entrada de quaisquer visitantes. A dama, que assim se prevenira contra os intrusos, pretendia, com isso, evitar a companhia do espôso, do qual se achava divorciada por evidente incompatibilidade de gênios.

Prevalecendo-se dêsse precedente, D. Elisa Madeira procurou, há dias, o sr. Dr. Germiniano da Franca, chefe de polícia, e pediu-lhe a vigilância da sua casa de residência contra quaisquer visitas suspeitas. Possuía umas inimigas terríveis, capazes de todas as indignidades, e por isso, pedia :

— Eu quero que o guarda consinta unicamente a entrada do meu marido. Qualquer outra pessoa deve ser evitada.

A partir dessa mesma tarde, passou a casa de D. Elisa Madeira a ser vigiada pelo guarda civil n.º 746, o qual, têsô e solene,

começou a passear de um lado para outro, na calçada do prédio. Às duas horas da manhã, acabada a partida de *poker* em casa de um amigo, dirigia-se o professor Altino Madeira para as doçuras do lar, quando, à dois metros do portão, o guarda o deteve:

— Não pode entrar! — disse.

— Eu? — gemeu o desgraçado.

— Sim, senhor. Aquí só pode entrar o marido da dona da casa.

— Mas... eu sou o marido!

Espantado, o guarda recuou dois passos e, fitando-o, exclamou:

— O senhor, também?

E como o professor o encarasse, indignado:

— Eu pergunto, porque... já entraram dois maridos! O senhor é o terceiro!

O professor deu meia volta e não voltou mais.

C I I I

OS DOIS TÚMULOS

Eu conheci, há vinte anos, no Rio de Janeiro, um pequeno comerciante português, que costumava dizer, com profunda filosofia e sobejo conhecimento do mundo:

— Quem tem um criado, tem um criado; quem tem dois, tem meio; e, quem tem três, não tem nenhum.

Ontem, dia tradicional dos mortos, estava eu no cemitério de São João Batista, onde fôra levar uma rosa a cada um dos meus amigos domiciliados no seio absorvente da terra, quando me veio à memória, súbitamente, a observação dêsse ignorado filósofo lusitano. Quem ma sugeriu, era um espetáculo profundamente humano, que se desenrolava, em dois atos, em tórno à pedra de dois túmulos.

O comendador Vicente Marques de Oliveira, que foi, depois, visconde de Oliveira, casou-se, no Brasil, com a filha mais velha do comandante Paulino de Aguiar, que dirigiu a defesa da Ponta do Cajú por oca-

sião da revolta da Armada. Materialista e material, o sr. visconde não se contentava, entretanto, em dar vestidos à mulher; dava-os, também, à Mlle. Coette, uma belgaziinha da rua do Catete; à sua comadre D. Matilde, cuja filha, por falta de pai, era parecidíssima com o padrinho; à D. Germana, espôsa portuguesa do carroceiro da casa e, enfim, à Veneranda, robustíssima Diana cortada em carvão de pedra, que exercia as penosas funções de lavadeira da família.

A gripe do ano passado, que devastou tantos lares, cobrindo de luto a cidade inteira, abriu em São João Batista duas sepulturas por conta do sr. visconde de Oliveira; uma para o próprio visconde, vitimado por uma pneumonia tripla, e outra para o primeiro caixeiro do seu armazém, o sr. José Pacheco Fernandes, moço de vinte e sete anos, que morrera noivo, e, o que é mais, nas vésperas do casamento.

Enterrados na mesma quadra, os túmulos em que foram depositados apresentavam, ontem, um perfeito contraste. Um, com a lousa a descoberto, não tinha em roda uma pessoa que o custodiasse; outro, com uma jovem Madalena à cabeceira da lousa, desaparecia sob um turbilhão de flôres, em que se via desde a rosa de Petrópolis até à begônia de Barbacena.

Era a sepultura do primeiro caixeiro...
Imoralidade:

— Quem tem uma mulher, tem uma
mulher; quem tem duas, tem meia; quem
tem três, não tem nenhuma.

C I V

A R T E M Í S I A

Nenhum agrupamento de casas foi tão provado pela gripe, em 1918, como a vila Antonieta, em Copacabana. Não houve uma porta, das trinta de que se compõem aquelas duas filas de habitações, pela qual não passasse um entêrro. A devastação foi, em suma, de tal ordem, que, passada a epidemia, a Vila Antonieta abrigava, em um conjunto de trinta e duas famílias, vinte e sete viúvas e cinquenta e sete órfãos entre dois meses e quinze anos.

Das viúvas, apenas oito, entretanto, eram jovens, com todo o esplendor da saúde e da carne. E entre estas, particularizava-se pela virtude, pelas maneiras, pela graça honesta dos seus vinte e um anos, a sra. D. Artemísia Soares Velasco, abandonada aos horrores da pobreza e da solidão humana pela morte subitânea do marido, o saudoso caricaturista Pedro Velasco.

Desde a missa do sétimo dia, começaram as viúvas da Vila Antonieta a ser desesperadamente requestadas pelos rufiões elegantes ou endinheirados do bairro. O mé-

dico da rua, o taberneiro do canto, o proprietário das casas, o cobrador dos aluguéis, o farmacêutico, os vizinhos, tudo isso eram milhafres de luxúria a gritar sôbre aquelas oito rôlas sem companheiros, que foram caindo, uma a uma, na proporção das necessidades da vida.

Uma ficou, no entanto, fiel, integralmente, à sua virtude e ao seu coração: Dona Artemísia. A memória do espôso vivia-lhe na alma e nos olhos, sorrindo-lhe no rosto rosado de um filhinho de dois anos, e era pensando nele que ela resistia herôicamente às investidas amáveis do Dr. Moreira Bastos, rotundo capitalista de Ipanema.

Anteontem, domingo de Finados, saiu D. Artemísia de casa, em visita à cova do espôso. Modestamente vestida, não pudera, sequer, com os restos do seu salário de costureira, comprar uma flôr. E foi de mãos vazias que se ajoelhou na sepultura rasa onde dormia o seu querido Pedro, cobrindo-a com a saudade ardente, amarga, dolorosa, das suas lágrimas desesperadas. Ao levantar os olhos, ficou espantada. Na mesma quadra, velavam as outras viúvas moças da vila. E todas elas trajavam custosos vestidos de sêda preta, que contrastavam com a alvura forte do mármore dos mausoléus.

Ao vê-la, as outras se reuniram, segredando:

— Que mulher! — exclamou uma. —
Nem uma flôr para o marido!

— E ainda diz que não se esquece dêle!
— murmurou outra.

E todas, num gesto unânime de desprezo, deram as costas àquela ingrata, que levava ao espôso, apenas, o orvalho do seu pranto e o ramallete do seu coração.

Aquela repulsa das vizinhas foi uma punhalada na vaidade feminina de D. Artemísia. Ao tomar o bonde, rumo de casa, travava-se no seu espírito a maior das batalhas que pode sustentar a honra de uma mulher. De um lado, combatiam o dever, os sentimentos de dignidade, um pudor íntimo que constituíra sempre, o alicerce do seu caráter; e do outro, a lembrança das necessidades sofridas, a tristeza das humilhações, a ameaça da miséria iminente, e, sobretudo, o amor-próprio ferido, maculado, caluniado.

A campanha terminou, como sempre, pela vitória do Demônio. Às dez horas da noite, o telefone da vila entrava em comunicação rápida, entrecortada de soluços, com outro telefone de Ipanema.

E ontem, segundo dia de Finados, a sepultura rasa de Pedro Velasco exhibia a palma de flôres mais linda e custosa que havia no cemitério de São João Batista.

TALENTO E FORMOSURA

Naquela sala de clube, onde as serpentinhas desciam dos candelabros faiscantes, enroscando-se e farfalhando ao sôpro da brisa do mar, a marquesa de Santa Fé sorria brejeiramente aos mascarados que a cortejavam, molhando, de vez em quando, os lábios vermelhos na taça de champanhe, que já enchera três vezes. Diante dela, vergado sôbre a toalha da mesa, o jovem escritor Salústio Solerno fumava displicentemente um charuto oriental, quando, de repente, se voltou para a encantadora boêmia, olhando-lhe o decote exagerado, onde os seios arfavam como dois pombos oprimidos.

— Ainda não te fatigaste, acaso, da côrte que te fazem os homens?

A marquesa desceruzou as pernas calçadas em sêda côm de carne, virou-se galante para o escritor glorioso, e retrucou:

— Tu, por acaso, já te cansaste de escrever livros?

— Que têm os meus livros com isso? Eu os escrevo porque êles me dão fortuna.

— Pois é por isso, também, que eu me faço formosa...

— Vendes, então, a tua beleza, e ainda o dizes, assim, abertamente? — rugiu Salústio Solerno, sacudindo com os dedos a cinza do charuto, que lhe caíra, clara, no peitilho da camisa espelhante.

— Tu não vendes os teus romances, os teus versos, os teus dramas? Que diferença há entre as tuas rimas e os meus beijos? Se é honesto o comércio que fazes abertamente com o teu talento, vendendo os teus livros aos editores, não o é menos o que eu faço secretamente com a minha beleza, com a minha graça, com a minha mocidade. Escreves, acaso, um livro sem que te paguem? Por que devo eu, então, entregar os meus beijos por amor? O talento, Salústio, é a tua beleza: minha formosura é o meu gênio!

— Mas... — aventurou o moço, perturbado.

— As tuas observações, meu amigo, são injustas. Quando as mulheres sem família tiverem sido preparadas para outra missão social, elas farão concorrência aos homens com a sua capacidade, com a sua inteligência, com o seu trabalho. Por ora, não. Enquanto não nos derem as armas com que lutais, vós outros, pela vida, nós compraremos o nosso lugar ao vosso lado com a única moe-

da que nos deixaste nas mãos: a beleza, que tem, em uma das faces, a efígie da Honra!

— Mas... — tornou o escritor.

A sua observação chegava tarde. Com o leque de sêda apertado na mão coruscante de jóias, a marquesa confundia-se, ao longe, entre os braços dos cavalheiros, nos rodopios desordenados de um ruidoso tango carnavalesco...

CVI

EVAPORAÇÕES

— O senhor entende alguma cousa de física, sr. conselheiro? — perguntou-me, uma destas tardes, roendo uma torradinha dourada à sua mesa de chá, a sra. viscondessa de Ferreira Soares.

Eu procurei um meio honroso de desembaraçar-me da pergunta, e comecei a falar de uns fenômenos comuns que li na “Vida Prática”, referindo-me, especialmente, às aplicações do calor ao movimento das máquinas. E citei o exemplo clássico:

— A senhora viscondessa nunca viu ferver uma panela?

A jovem fidalga olhou-me, desconfiada, e eu acentuei:

— A senhora põe ao fogo uma panela com água. . .

— Eu, não; eu mando a cozinheira. . .
— atalhou, insultada, a nobre senhora.

— Sim; a senhora manda a cozinheira pôr ao fogo uma panela com água, e fica olhando. Assim que a água começar a ferver, a tampa da panela se irá cobrindo, in-

teriormente, de pequenas gotas quentes, que tombarão de novo, uma a uma, na proporção do calor. É a evaporação.

— E onde há água, há, sempre, evaporação?

— Havendo calor.

A moça pôs-se a pensar, e tornou:

— Compreendo. Quando o coração ferve, aquecido, as lágrimas são a evaporação dos seus cuidados... Não é assim?

Eu sorri, amarelo, e... evaporei-me!

C V I I

MOLÉSTIAS DO ESTÔMAGO

As enfermidades que mais contribuem para o obituário, no Rio de Janeiro, são, como se sabe, as do aparelho digestivo. E essas moléstias, que provém, sempre, da má alimentação, têm, quasi todas, uma origem curiosa, que os médicos, os mais competentes, raramente conseguem diagnosticar. Para alguns dêles, o curso das enfermidades depende, infalivelmente, da causa. Para êsses homens de ciência, o estômago embrulhado é, sempre, o sinal de que o enfêrmo comeu papel e barbante, — fato que tem sido, aliás, contestado por alguns especialistas competentes.

De uma destas divergências entre médicos foi motivo, há pouco tempo, uma senhorita conhecidíssima nos círculos mais elegantes da cidade, cujo estado de saúde, é, felizmente, hoje, o mais lisongeiro, graças à intervenção científica do sr. Dr. Plácido Barbosa.

Mlle. Irene Pereira, filha da viúva Pereira, sentiu-se, um dia, mal, em viagem do

Rio para Petrópolis. Os sintomas eram alarmantes. Dizia ela que, desde que tomara o trem, sentira, aflita, uma bola na garganta, que subia até quasi à bôca, descendo, em seguida, ao estômago, para subir novamente, pouco depois. Chamado o Dr. Afonso Mac-Dowell, êste diagnosticara, pronto:

— É histerismo, não há dúvida. É um caso inconfundível de histerismo!

Consultado, porém, o Dr. Luiz Soares, médico da família, êste inquiriu:

— A menina sente descer a cousa ao estômago?

— Sinto, sim, senhor.

— E sente subir, depois, à bôca?

— Sim, senhor.

E diagnosticou:

— Então, não há dúvida: a menina enguliu um elevador!

Ante essa divergência, a mãe da enferma resolveu submetê-la a uma intervenção cirúrgica. Feita a operação, que foi levada a efeito pelo Dr. Plácido, êste retirou do estômago da moça um pedaço de papelão, de cinco centímetros, no máximo.

Era um bilhete da Leopoldina, correspondente a uma passagem de ida e volta!

CVIII

O TELEFONE DA CABECEIRA

Quando Mme. Aristides Moreira desceu de Petrópolis, o marido tomou-a pela mão à porta do palacete, e, levando-a para a alcova do casal, indicou-lhe a mesa de cabeceira.

— Um telefone aquí na alcova, junto da cama? — exclamou a virtuosa senhora, juntando as mãos, num gesto de espanto.

— Foi uma surpresa, minha filha — observou o ilustre engenheiro, admirado daquela estranheza; — foi uma surpresa que eu te preparei. Daquí, podes falar, cedo, com as tuas amigas, com os nossos amigos todos, passando as tuas horas de aborrecimento sem o incômodo de ficar de pé, horas e horas, no telefone da sala de jantar.

D. Ormindá sentou-se no leito, e, chegando para si a cabeça do marido, pediu, carinhosa:

— Fazes-me um obséquo, Aristides?

— Que é que eu já te recusei, filha?

— Pois bem, — tornou a moça; — manda tirar o telefone daqui!

— O telefone? Mas, filha, que inconveniente há no telefone aquí? A Alzira não o tem na cabeceira da cama? A Luci não o tem? O marido da Enedina não mandou colocar um para a mulher? Que mal te pode causar, pois, o teu?

A linda senhora tomou a cabeça do espôso entre as mãos, e, olhando-lhe os olhos, observou-lhe, medindo as palavras:

— Eu sei que o telefone não tem ouvidos nem olhos. Mas a minha virtude tem, felizmente, o pudor de si mesma. Eu não ignoro, que, atendendo a alguns dós teus amigos, que procure por ti, êle não sabe de onde é que eu estou falando. Eu tenho a impressão, porém, de que me sentiria diminuída perante mim mesma, e ofendida na minha pureza, se ouvisse neste quarto, mesmo através de um fio de aço, a voz de um outro homem, que não tu. Imagina por exemplo, que eu estou aquí mudando a minha roupa, ou com o meu traje de noite, e chamam ao telefone. Eu atendo, pensando que és tu, ou mamãe. E se não fôr? Tu acreditas, então, que o meu ser não protestaria, todo êle, intimamente, contra êsse sacrilégio?

E após um instante:

— O pudor da mulher, Aristides, não é êsse que se patenteia na rua, diante de estranhos; é êsse que se revela na sua intimidade, e que se manifesta, em nós mesmas, em con-

sequência de uma simples lembrança. A mulher pudica se ofende, às vezes, a si mesma, com os seus próprios pensamentos.

O Dr. Aristides ia falar, mas D. Ormin-da fechou-lhe a bôca com dois dedos de rosa e neve, e continuou:

— Depois, que diriam de mim as criadas, a cuja ignorância trago sempre aberto o livro da minha vida? Eu quero falar de onde toda a gente me ouça, me analise, e julgue os meus atos. O mistério é inimigo da virtude e, por isso, eu odeio o mistério... Ouviste?

E depois de um beijo:

— Tira o telefone, sim?

E outro beijo, dêsses que só a virtude sabe dar ao pecado, sussurrou, tímido, no aposento, com a suavidade de uma doce música religiosa...

C I X

UMA VIR... ZÃO

Não há quem não conheça, no Rio, de obra e de nome, o arquiteto Virzi. O sr. Virzi é o autor de umas edificações famosas pela originalidade, entre as quais o edifício do “Elixir de Nogueira”, na Glória, e um palacete complicadíssimo, na praia do Flamengo.

O estilo do sr. Virzi é inconfundível. Êle é, mal comparado, o Debussy da arquitetura. A pedra, nas suas mãos, é como os sons, as notas da pauta na arte do seu êmulo musical. Foi diante de um projeto dêle que Bastos Tigre juntou, uma vez, as mãos, exclamando, alarmado:

— Virzi... Maria!

Há dias, no Municipal, estavam na friza de um conhecido diplomata americano alguns cavalheiros de gôsto, quando se abriu, do lado oposto, o camarote de outro diplomata, que se enche, de vez em quando, de senhoras elegantes. Assestados os binóculos, os indiscretos passaram a comentar, uma a uma, as figuras do camarote diplomático.

— Estás vendo aquela do meio? — perguntou um.

— Estou; que horror!

— Como é magra! Parece um saco de ossos!

— Aparece ponta de osso por toda a parte!

A senhora indicada era, realmente, uma anomalia. Magérrima, o seu corpo, até onde se o podia ver, era um misto de saliências, de arestas, de espetos, de tumores ósseos, saindo por todos os pontos da pele. Decotada até o estômago, o vestido deixava-lhe à mostra, anatômicamente, todas as particularidades das clavículas e da traquéia. Examinavam-na os dois elegantes, quando um indagou, sem tirar o binóculo:

— Quem teria feito aquela mulher?...

— Deus não foi, com certeza.

— Nem o Diabo!

— Então, quem foi?

O primeiro tirou o binóculo, e informou, rindo:

— Então... foi o Virzi!

.....

Virzi Maria!...

O MAIS INFELIZ DOS TRÊS

Uma destas noites estava eu no Municipal, onde me levara o desejo de salvar João Batista das unhas de coral da sra. Geneviève Vix, quando o dr. Cláudio de Souza me chamou, em um gesto amigo, para a poltrona junto à sua, que se achava desocupada.

— Ouça, conselheiro, — disse-me o conhecido escritor teatral, à meia voz; — ouça com atenção.

— A senhora Vix? — indaguei.

— Não; não seja Vix...iado; ouça o que lhe diz esta poltrona diante de nós, onde esteve, há pouco, uma senhora escandalosamente decotada.

Eu olhei a poltrona vazia, mergulhada na penumbra, e, inclinando-me ligeiramente sobre ela, ouvi, nítido, claro, perfeito, êste diálogo, ritmado, de leve, pela batuta do maestro Vitale:

— Tenho passado uma noite deliciosa! — dizia, rangindo com doçura, o espaldar da cadeira. — Que espadúas maravilhosas! Que ombros encantadores! Quando a sua carne

fresca e cheirosa repousava, nua, na minha humildade, eu tive a impressão de que me atiravam uma braçada de rosas!

— E eu? que diria eu? — atalhou um dos pés da poltrona. — Que pernas divinas! Há dez anos que eu aqui estou olhando para o palco, e nunca vi pernas de bailarina que se assemelhassem às suas. São um encanto, uma delícia, uma verdadeira maravilha! Quando os seus pés se aninharam, tímidos, no tapête, eu supús — tão leves eram! — que fossem duas flôres tombadas, repentinamente, no solo. Levantei, porém, a vista, e comecei a ver que as flôres tinham uma haste longa, suave, harmoniosa, que eu fui, pouco a pouco, devorando com os olhos...

— Viste-lhe, então, as pernas até os joelhos?

— Vi; e tu? Viste-lhe as costas até à cintura?

— Perfeitamente!

Nesse momento, foi o diálogo interrompido por uma voz triste, de alguém, que gemia:

— Pobre de mim! Só eu, hoje, não vi nada!...

Curvei-me sôbre a poltrona para ver quem assim se queixava.

Era o assento...

C X I

A P U L G A

O Dr. Silvestre da Cunha espiava, atento, pela pequena lente do microscópio no seu laboratório da rua da Assembléia, quando D. Elisa entrou radiosa, e risonha, no pequeno gabinete do médico.

— Meu amor!

— Meu maridinho!

E dois beijos, explosão de dois corações jovens, estalaram na quietude daquele compartimento. Instantes depois o ilustre bacteriologista se curvava, de novo, sôbre o microscópio, enquanto a espôsa, ao lado, lhe acariciava amorosamente a cabeça forte, prematuramente grisalha. De repente, num susto, a linda senhora mergulha a mãozinha sem luva sob os folhos do vestido *georgette* azul, procurando as extremidades da meia de sêda, e traz de lá, comprimido entre o coral de duas unhas polidas, um pontinho negro que se debatia, procurando escapar-se.

— Uma pulga! — exclamou a moça, horrorizada, mostrando-a ao marido. — Com certeza é do cinema!

— Que vergonha! — observou, rindo, o Dr. Cunha. — Que vergonha! Tão linda a minha gatinha, e... com pulgas!...

D. Elisa fechou-lhe a bôca com três beijos estalados, e, sem largar a pulga, lembrou, infantil:

— Vamos vê-la ao microscópio? Vamos? Eu queria ver como é!

O bacteriologista tomou, paciente, duas placas de vidro, prendeu entre elas o inseto pequenino, desatarraxou o aparelho, acertou cuidadosamente as lentes e ofereceu-o, feliz, à curiosidade jovial da formosa companheira.

— Olha!

— Que horror! Como é feia — bradou D. Elisa, sem afastar os olhos da lente. — E quanta perna, meu Deus! — Uma... duas... três... seis pernas!

— Não são pernas, — interrompeu o marido; — são quatro pernas e dois braços.

— E para que uma pulga, tão pequena, quer tudo isso? — interrompeu a moça, deixando o microscópio.

— As pernas são para pular.

— E os braços?

O Dr. Silvestre pôs-se a rir, baixinho, fitando maliciosamente a espôsa.

— Dize! — pediu ela, intrigada, batendo-lhe com o leque, num amuo encantador.

E êle, rindo:

— São para tapar o nariz quando lhe acontece encontrar certas senhoras, como uma que eu conheci...

— Porco! — exclama a moça, dando-lhe de novo com o leque.

E levando as mãozinhas ao rosto corado, como uma pulguinha humana, desatou a rir tanto, tanto, tanto, que lacrimejou...

CXII

OS MORANGOS

Acabava Jeová de modelar a Mulher, cortando-a na massa cheirosa e branca de cujos restos fez, depois, as estrêlas e as rosas, quando, voltando de repente, afugentou, irritado, a buliçosa revoada dos anjos.

— Não quero ninguém aquí! — ordenou. — Aquele que me desobedecer, penetrando êste sagrado recanto do Paraíso, será castigado severamente!

E enquanto, cauteloso, estendia ao sol o corpo de rosa e ouro da primeira Mulher, os anjos, em bando, fugiam em algazarra, brincando com os leões mansos e arrancando, aquí e alí, o fruto rubicundo das árvores.

Em número incalculável, êsses mimosos habitantes do céu constituíam, pelo seu tamanho e pela candura, uma ronda encantadora. Pequeninos como crianças, possuíam, todos, um par de asas de neve, que lhes permitia voar como as borboletas e perseguir os pássaros, ligeiros, entre o labirinto verde das ramagens. Viviam nus, expondo ao insulto ingênuo das fôlhas as suas carnes róseas, pontilhadas de fundinhos de gordura,

nos mais rechonchudos e tenros; — e era de ver a gulodice, o tumulto, o barulho com que êles se espalhavam pela imensidade do Éden, roubando o leite às leoas, cavalgando os pombos nas alturas e remexendo, ora aquí, ora alí, entre a folhagem balouçante, os grandes ninhos das aves ausentes.

Dois anjos, dos mais travessos e lindos, entenderam, porém, de desobedecer ao Senhor. Companheiros inseparáveis nos brincos inocentes, Elí e Iriel combinaram-se, de pronto, para uma visita furtiva ao lugar em que Jeová passara a manhã, modelando uma criatura nova num monte de espuma cheirosa. Voando de leve entre os ramos, com as mãozinhas cheias de morangos minúsculos e rosados, colhidos pelo caminho aéreo, chegaram os dois, secretamente, ao lugar onde, nua e linda, a Mulher jazia adormecida, secando ao sol. Olhavam-na deslumbrados, voando em tórno, quando, de repente, ao passarem de um para outro lado, os dois se bateram as cabecinhas de ouro um no outro, deixando escapulir das mãos pequeninas os dois moranguinhos que lhes restavam.

— Meu morango! — choramingou Elí.

— Meu morango! — soluçou Iriel, com o beicito tremente.

Ao escapar-lhes das mãozinhas, pequenas como pétalas, os moranguitos haviam

caído, exatamente, um em frente ao outro, sôbre o colo da Mulher. Precipitando-se sôbre êles, tentaram, ambos, retirá-los com os deditos côr de rosa; a espuma perfumada já havia, porém, se solidificado, prendendo as frutinhas minúsculas, e de tal modo que, percebendo a aproximação de Jeová, os dois fugiram, soluçantes, por não terem podido arrancá-los!

Contada essa história em uma roda feminina, ou, melhor, diante de um ramalhete vivo, cujas flôres o ouviam atentas, o conselheiro Abelardo concluiu:

— É por isso, minhas senhoras, que os anjos quando descem à terra em vossos braços carinhosos, se põem, logo, a choramingar, e só se calam, satisfeitos, quando vós, que sois mães, lhes pondes à boquita de rosa o seu pequenino morango perdido...

CXIII

O TERCEIRO MORANGO

Na elegante sala de chá da encantadora viúva Ernestina Peres, comentava-se com jovialidade a imaginosa história dos morangos, contada na véspera, no salão de Mme. Areias, pelo conselheiro Abelardo de Barros, quando o almirante Ribas, aplicando o monóculo para fixar melhor as damas que o ouviam, objetou, sorrindo:

— O conselheiro não foi fiel na narrativa, minhas senhoras; o conselheiro roubou-lhes um morango!

— Um morango! — estranhou, arregalando os olhos, Mme. Gurgel.

— Um morango! — exclamou, escancarando a bôca, Mme. Castro Brandão.

— Um morango, — confirmou, sereno, o antigo lôbo do mar.

E, deixando cair da órbita profunda o pequeno disco de vidro, passou a explicar, pausadamente, serenamente, às senhoras atentas, a grave omissão do conselheiro.

— Os anjos que foram surpreender, no Éden, a Mulher adormecida, — começou —

eram três, e não dois. Além de Elí e de Iriel, havia um terceiro, Elzir, que também trazia nas mãos pequeninas o seu moranguinho vermelho, e que também o deixou cair, como os seus irrequietos companheiros de peraltice, ao ouvir, perto, os passos do Senhor.

As senhoras sorriram, e a mais irreverente, Mme. Sampaio Moura, indagou:

— E onde caiu o terceiro morango, almirante?

— Espere — atalhou o velho marinheiro, espalmando a mão no ar; — espere um pouco.

E continuou:

— Nos vôos de pássaro irrequieto que executava com os companheiros de travessura, Elzir deixou cair o seu morango sôbre o ventre polido da estátua recém-moldada, o qual se fixou, de repente, como os de Iriel e de Elí. Sendo, porém, um pouco mais forte que os dois coleguinhas de asas, Elzir precipitou-se sôbre o seu, e, esgaravatando, assustado, com o dedinho côr de rosa, conseguiu arrancá-lo e fugir com êle. No lugar, porém, de onde o arrancou, Jeová encontrou, ao examinar a sua obra, a marca do morango e dos dedinhos do anjo, que foi punido, nesse dia, com uma dúzia de palmadas!

Quando o almirante applicou, de novo, o monóculo, para olhar as senhoras que o ouviam risonhas, o criado entrava com a salva

de prata, em que se enfileiravam, côr de rosa, as conchas de gelados.

— Um sorvete, almirante? — ofereceu, gentil, a dona da casa.

— De que é?

E madame, graciosa:

— De morango...

C X I V

O QUARTO MORANGO

—

 — ?
 — !
 —

 — ?
 —

 — ?
 — Apodreceu, sim, senhora!

O VIOLINISTA

Cabeleira revôlta e escura, caindo em cachos sôbre a testa ampla e descendo, mesmo, em cortina, sôbre os grandes olhos sonhadores, Haleksey, o grande violinista, ensaia descuidadamente a última criação no seu elegantíssimo gabinete de estudo. Apertando o violino de encontro ao peito largo, e o rosto escanhado de encontro ao violino, anda o glorioso artista de um lado para outro, em passadas largas, a friccionar em fortes arcadas as finas cordas do seu famoso estradivário, quando lhe entra pela porta, interrompendo-o, o ilustre pintor Frederico Martini.

— Por aquí, a estas horas? — exclamou o violinista, sustando o ensaio, e estendendo a mão ao visitante.

Dois minutos depois, sentados no mesmo canapé, diante da mesa em que o violino dormia sossegado, conversavam os dois, sôbre os acontecimentos risonhos da última noite de clube, quando o pintor franziu o sobrolho, detendo a vista, de repente, no arco do violino.

— Que é que estás examinando? — observou Haleksey, sorrindo, e atirando para trás num gesto gracioso, um punhado de cabelos que lhe caíra sôbre os olhos.

— Olho o arco do teu violino, achando curioso a diversidade e a finura das cordas. Onde achaste tanto cabelo diferente, e tão fino?

O violinista chegou-se para o amigo, e, pegando-lhe no ombro, pediu:

— Não dirás nada a ninguém?

— Nada, absolutamente.

— Pois, eu te conto. Êsse arco de violino é composto, exclusivamente, com os fios de cabelos das minhas apaixonadas. Examina-o!

O pintor pegou no arco, aproximou-o dos olhos, e começou a analisar os fios que o compunham. Havia-os de todos os tons, de todas as grossuras, com as mais variadas particularidades. Uns, negros, lisos, grossos, anunciavam cabeleiras fartas, abundantes, de grandes raças orientais; outros, finos, louros, faiscantes como arestas imperceptíveis de sol, tremiam, quasi impalpáveis, evocando cabecitas de princesas sonhadoras, embriagadas de beijo e de sonho; outros, ainda, castanhos, ou ruivos, falavam de criaturas passageiras e luminosas, que se atravessam no nosso destino como o aerólito corta, à noite, um escuro pedaço do céu.

Frederico examinava-os, detidamente, quando observou, de repente:

— Olha, aquí estalou um fio.

— Onde?

— Aquí — insistiu o pintor, indicando com o dedo.

Era um fio curto, que se enroscava, fino, em uma das pontas do arco, descrevendo, aí, uma pequenina espiral. O violinista olhou, e pôs-se a rir.

— É assim mesmo! — explicou. — Queres ver quem é a dona?

E virando-se para o interior da casa:

— Generosa? — gritou.

À porta da sala surgiu, como uma nódoa de carvão, a carapinha da cozinheira.

C X V I

“REVEILLON”

Às onze horas da noite, ontem, Mme. Coelho Viana ordenou à filha, cujo 18.º aniversário passára na véspera :

— Iná, vai deitar-te, que temos de ir à missa, de manhã. Eu vou à casa da tua avó, agora, tomar-lhe a bênção da meia-noite. Antes de uma hora estarei de volta.

E beijando a menina, saiu.

O automóvel particular em que entrou a virtuosa senhora ainda não havia dobrado a esquina e já Mlle. Iná havia obtido ligação para um moço da mesma rua, que lhe fôra apresentado pelo noivo, cuja mãe estava agonizante, desde a véspera, com o filho à cabeceira, em uma fazenda do Estado do Rio.

— Alfredo, — pediu, — vem... Depressa! Papai foi para S. Paulo e mamãe saiu, agora, para a casa da vovó. Traze as fantasias; sim? Mamãe voltará à uma hora!

Dois beijos cruzaram-se, como duas faíscas, na linha telefônica; e meia hora depois entravam no High-Life, disfarçados em

dominós escuros, absolutamente iguais, dois foliões verdadeiramente felizes.

À meia-noite, mais ou menos, andavam os dois, isoladamente, à procura da mesa para a ceia, quando o mascarado de menor estatura voltou, às pressas, em busca do companheiro.

— Vamos! — implorou.

— Por que?

— Uma surpresa! um horror!

— Teu pai está aí? — indagou o outro, aflito.

— Não. Pior!

— O Augusto?

— Pior ainda!

E com a máscara manchada de lágrimas, num soluço que vinha, sufocante, do fundo do coração:

— Mamãe!...

Quando a distinta senhora voltou às três da manhã, da “casa da sogra”, encontrou na sala de jantar, sem sentidos, um franzino “dominó” escuro, cuja máscara se desfazia, ensopada de suor e de pranto.

Apertou o botão da lâmpada grande, e recuou.

Era a filha.

CXVII

A "SORTE"

Uma das tradições encantadoras do nosso povo é o costume de tirar a "sorte" procurando, em certos acontecimentos ocasionais, a profecia do seu destino. Há moças que, pelo Natal, pelo São João, e, mesmo, no primeiro dia do ano, enfiam no caule de uma bananeira uma lâmina de faca nunca servida, conservando-a aí durante a noite. Na manhã seguinte, ao retirá-la, o tanino deve ter deixado na fôlha de aço umas garatujas, nas quais a autora da experiência descobrirá, na proporção da sua boa vontade, as iniciais do seu futuro marido. Outra "sorte" fácil, e infalível, é a da clara de ovo. Toma-se um copo de água límpida e deita-se, dentro, a clara de um ovo, agitando-se depois o líquido e deixando o copo exposto ao sereno durante algumas horas. À meia-noite do dia de São João, do Natal, ou do último dia do ano, toma-se do copo com muito cuidado e vê-se, diante de uma vela, o desenho formado pela clara, dentro d'água. Se aparece um navio, a pessoa tem de viajar

naquele ano; se uma igreja, tem de casar-se nos próximos doze meses; se um palácio, é a riqueza que a espera; e se um túmulo, é a morte que desafia e que a terá nos braços, infalivelmente, antes da festa seguinte.

O Dr. Felisberto Ferreira, auditor de guerra, e um dos homens mais ambiciosos que o Brasil tem produzido, andava ansioso pelo conhecimento do seu futuro. Ensinar-lhe a "sorte" da clara de ovo, e êle a aceitou, ordenando à mulher, na véspera de Natal:

— Elisa, enche d'água aquele frasco de vidro, o grande, de cinco litros, para quando eu voltar.

A espôsa cumpriu a ordem, e, à noite, o Dr. Ferreira estava de volta, com um embrulho, do qual tirou alguma cousa, que partiu em segredo dentro do frasco enorme, o qual foi posto, imediatamente, na janela, para a sagração do sereno da noite.

Quando o marido se retirou, Mme. Ferreira foi ver os destroços da experiência.

O Dr. Felisberto, na sua mania das grandezas, havia quebrado, dentro de um frasco de cinco litros, um ovo de avestruz!

E o material era pouco, ainda, para a enormidade da sua ambição!...

CXVIII

O CAPOTE

Quando, às três horas da madrugada, o despertador de níquel tilintou, o tenente Melquíades deu um pulo na cama, procurando vestir-se, apressado, para correr ao quartel. O seu batalhão tinha de fazer manobras nessa manhã, e era preciso que tudo estivesse disposto para a partida um pouco antes de amanhecer.

Fardado e armado, o jovem militar deu dois beijos na espôsa, que o ajudava, interessada, a vestir-se, e um instante depois se atirava para a rua deserta, onde o casario dormia, soturno, silencioso, nos braços da escuridão.

Não havia, porém, o tenente andado três quarteirões, quando começou a sentir uma chuva miúdinha, gelada, impertinente, que ameaçava engrossar. Como não estivesse longe da casa, e fosse preferível regressar a sofrer, durante o dia, os efeitos de um aguaceiro de inverno, resolveu voltar sôbre os passos para apanhar o capote, que havia deixado, por esquecimento, no espelho da

cama. Dentro de dois minutos, estava o moço oficial diante de sua residência, batendo, forte, na porta de entrada, com os nós dos dedos.

— Quem é? — indagou, de dentro, assustada, a voz da mulher.

— Sou eu, filha — respondeu, de fora, o tenente. — Esquecí-me do capote, que ficou aí. Atira-o pela janela.

Um momento mais e o tenente recebia nas mãos, jogado de cima, um capote de militar, no qual se enfiava, rápido, partindo de novo para o quartel.

Ao clarear do dia, já com o batalhão acampado, começaram os colegas a cercá-lo, sorrindo. De repente, porém, um, mais corajoso, ou mais perverso, se aproximou, e, batendo-lhe nas costas, cumprimentou-o:

— Parabens! — Então, foste promovido?

— Promovido? — estranhou o desgraçado.

— Olha! — insistiu o outro, apontando-lhe o ombro.

Nas platinas do capote estiravam-se finos, estreitos, luzidios, os quatro galões do major!

C X I X

OS FÓSFOROS

Uma das manifestações mais lamentáveis da falta de decôro com que se vem particularizando a geração nova, é a que se observa nas pequenas festas da burguesia. Quem já assistiu, no Rio, a um baile familiar das classes médias, saiu, com certeza, horrorizado com a sem-cerimônia dos rapazes, cuja grosseria chega, às vezes, ao extremo. Mal educados, êsses moços dirigem-se à sala de jantar, enchem os bolsos de balas, de doces, de biscoitos, e é assim que vêm para o salão dansar com as convidadas. Com as algibeiras repletas de guloseimas ou de charutos, pouco se importam êles de incomodar as senhoras, que se vêm, geralmente, na contingência de reclamar. O incidente ocorrido há poucos dias em uma das festas da Gávea, em casa de amigos, e a que eu comparecí com a minha afilhada Alaíde, é a prova mais insuspeita das indelicadezas a que está exposta, no Rio de Janeiro, uma menina de família.

Apresentada, no baile, a diversos rapazes do conhecimento do dono da casa, con-

cedeu a menina um tango a um dêles, que lhe pareceu, entre todos, mais gentil, e civilizado. Ao romper a música, o moço correu para ela, passou-lhe a mão pelas espáduas, e, apertando-a de encontro ao corpo, saiu a vascolear-se pela sala, sacudindo-a desesperadamente, como quem sacode, à cabeça de um doente, um vidro de remédio. Ao vê-la nas garras impiedosas daquele bárbaro, o meu primeiro pensamento foi atirar-me contra êle e arrebatá-la a pequena; olhando, no entanto, os outros pares, observei que todos dansavam com a mesma licença, com a mesma liberdade, com a mesmíssima falta de escrúpulo, — e por prudência, voltei os olhos para não ver.

Em certo momento, porém, a dois passos do lugar em que me achava, notei que Alaíde detinha súbitamente o seu cavalheiro, afastando-o de si. O rapaz interrogou-a com os olhos, e ela, na sua ingenuidade, intimou-o:

— O senhor faz-me o favor de tirar a sua caixa de fósforos do bolso da calça?

— Eu?

— Sim, senhor.

— Estou, então, a incomodá-la?

— Muito! — respondeu a moça, resoluta.

E o bruto não retirou!

C X X

ORGULHO MILITAR

Não há classe mais penetrada do próprio merecimento, e que mais se orgulhe de si mesma, do que a dos homens de farda. Para o militar, os soldados constituem a cúpula da humanidade, ocupando um lugar particularíssimo na criação. Se Deus tivesse alamares e galões, todos os exércitos seriam profundamente católicos. Deus apresenta-se, porém, à paisana, e é êsse o único motivo de haver, no Brasil, e no mundo inteiro, tantos coronéis e tantos tenentes positivistas.

Dêsse preconceito de casta de que se acha imbuído o militar, dá idéia um caso ocorrido há pouco tempo nos subúrbios do Rio de Janeiro. O soldado Ataliba Ferreira da Silva, do 56.º Batalhão de Caçadores, ia, uma tarde, atravessar o leito da estrada de ferro nas proximidades do Engenho de Dentro, quando foi surpreendido em meio dos trilhos, que aí se entrecruzavam e con-

fundiam, por dois trens expressos que corriam, apitando, a toda a velocidade, em sentido contrário. A situação do soldado era desesperadora. Retroceder, era impossível. Avançar, seria uma temeridade. Depois, por onde passariam os dois monstros, naquele labirinto de vigamentos e ferros? Tudo isso lhe passou pelo espírito numa vertigem. Sem tempo para refletir mais, com o trem a cinco metros da sua cabeça, Ataliba aventurou a vida num recurso desesperado: atirou-se ao chão entre dois trilhos, em um pequeno buraco em que mal cabia enrodilhado, e esperou a morte. Um segundo mais e a máquina trovejava por cima dêle com uma fúria de temporal, rangindo, desconjuntando-se, na brutalidade da carreira, envolvendo-o num ciclone de poeira, de brasas, de fumaça, de cinza, como se o desgraçado tivesse caído, de repente, na goela de um vulcão!

Passado o perigo, o soldado ergueu-se, tonto, trôpego, coberto de areia, como se acabasse de ser desenterrado, e dirigiu-se, ainda atordoado, ao quartel do batalhão. Aí, o oficial perguntou-lhe o que fôra aquilo, e êle contou a tragédia, descrevendo, ao vivo, o temporal de fogo, de cinza e de poeira em que se vira, aguardando a morte. E para acentuar o seu heroísmo, a superioridade

inconfundível do homem de farda, acrescentou, penalizado:

— Imagine, agora, “seu” capitão, se fosse um “paisano”!...

E, fazendo continência, retirou-se, capengando marcialmente...

ÍNDICE

	Pág.
Dedicatória	9
I — A penitência	11
II — Agulhas e alfinetes	14
III — Sexo frágil.	16
IV — Mausolo	19
V — Bebidas fortes	22
VI — A canela de boi	24
VII — Vida de cachorro	27
VIII — O homem e a sombra	29
IX — Estúpido!	32
X — Infanticídio.	34
XI — O sucedâneo	37
XII — A inconveniência dos banhos	40
XIII — A cruz de brilhantes	43
XIV — A fonte de Henley	45
XV — A idade das sardinhas	47
XVI — Heróis de Canudos	49
XVII — As cinzas do defunto	51
XVIII — Miniaturas homéricas	53
XIX — Expediente de viúva	55
XX — As duas feras	57
XXI — No mundo das garrafas	60
XXII — A camisa	63
XXIII — A companheira	66
XXIV — Efeitos do tango	69
XXV — O repellido	71
XXVI — Melampo	74
XXVII — O urso	77
XXVIII — A igualdade das raças	79
XXIX — Virgens mortas	82
XXX — Os naufragos	84
XXXI — O desertor	87
XXXII — Os noivos	90
XXXIII — Itacurí	92
XXXIV — Moço bonito	95
XXXV — A mulher	98
XXXVI — As infecções	100
XXXVII — O "rouge"	102
XXXVIII — Os filhos do Zêzinho	105
XXXIX — O almofadinha.	107
XL — As mulheres do Malabar	109

	Pág.
XLI — O trem	112
XLII — Ivanapura	114
XLIII — A baixela	116
XLIV — A vida elegante	118
XLV — A crise do teto	120
XLVI — O homem das cartas	123
XLVII — Gentileza de namorada	125
XLVIII — As unhas	128
XLIX — A utilidade dos livros	130
L — Decameron	133
LI — A bengala	135
LII — As rosas	138
LIII — O par de brincos	140
LIV — Maridos grevistas	142
LV — O emplastro	144
LVI — O luto do desembargador	147
LVII — Os moços de hoje	149
LVIII — Decotes	151
LIX — A maldição	153
LX — Os sonhos do Honório — I	156
LXI — Os sonhos do Honório — II	159
LXII — Um homem feliz	161
LXIII — O colar da viscondessa	164
LXIV — Avicultura	167
LXV — O herói	170
LXVI — “Soutien-gorge”	173
LXVII — A falta de habitações	175
LXVIII — O amigo William	178
LXIX — A nereida	181
LXX — Divórcios	183
LXXI — O homem que lia nas almas	186
LXXII — A heroína	189
LXXIII — As rosas de S. Sérgio	191
LXXIV — Economia	195
LXXV — A piedosa mentira	198
LXXVI — O advogado	201
LXXVII — Hipnotismo	203
LXXVIII — Futebol	206
LXXIX — Paga o justo	209
LXXX — Os treze	211
LXXXI — Revelação	213
LXXXII — O sonho	216
LXXXIII — Os espinhos	219
LXXXIV — O grande problema	222
LXXXV — Os beneméritos	224
LXXXVI — Mme. Gripe	227

	Pág.
LXXXVII — Marouf	231
LXXXVIII — Homens	234
LXXXIX — As devotas	236
XC — Os cravos	239
XCI — Debussy	242
XCII — No redondel	245
XCIII — Na onda	247
XCIV — O marido de pau	250
XCV — A galanteria francesa	252
XCVI — O ciumento	255
XCVII — Os imunes	257
XCVIII — Decepção	259
XCIX — O baú	261
C — Renúncia	265
CI — Os "torcedores" de cinema	268
CII — O guarda	270
CIII — Os dois túmulos	272
CIV — Artemisia	275
CV — Talento e formosura	278
CVI — Evaporações	281
CVII — Moléstias do estômago	283
CVIII — O telefone da cabeceira	285
CIX — Uma vir... zão	288
CX — O mais infeliz dos três	290
CXI — A pulga	292
CXII — Os morangos	295
CXIII — O terceiro morango	298
CXIV — O quarto morango	301
CXV — O violinista	302
CXVI — "Reveillon"	305
CXVII — A "sorte"	307
CXVIII — O capote	309
CXIX — Os fósforos	311
CXX — Orgulho militar	313

